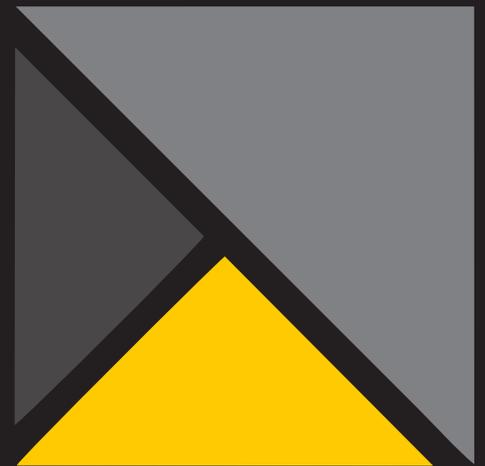


ARRAIAL

ESTUDO PRELIMINAR PARA
UMA CASA DE CULTURA JUNINA



EMILLE DE SOUSA GOMES

ARRAIAL

ESTUDO PRELIMINAR PARA
UMA CASA DE CULTURA JUNINA

Trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, submetido para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob orientação da Prof^ª Kainara Lira dos Anjos e co- orientação da Prof^ª Izabel Farias B. Leite

Campina Grande
2020

O Trabalho de Conclusão de Curso “ARRAIAL: ESTUDO PRELIMINAR PARA UMA CASA DE CULTURA JUNINA EM CAMPINA GRANDE - PB”, foi apresentado por EMILLE DE SOUSA GOMES, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo.

APROVADO EM: 11 de DEZEMBRO de 2020

BANCA EXAMINADORA:



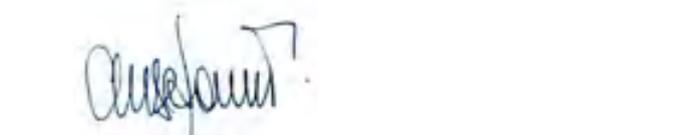
Prof.^a Dr.^a KAINARA LIRA DOS ANJOS
Orientadora - Presidente



Prof.^a Me. IZABEL FARIAS BATISTA LEITE
Coorientadora



Prof.^a Dr.^a TACIANA LIMA ARAÚJO
Examinadora Interna



Prof. Me. GEORGE ANTÔNIO CUNHA DE ARAÚJO
Examinador Externo



**OLHA PRO CÉU, MEU AMOR
VÊ COMO ELE ESTÁ LINDO!**

Para Vó Lenira.

AGRADECIMENTOS

Intensa, difícil e incrível, essas palavras definem esses últimos anos. A graduação foi o momento de maior aprendizado até agora, onde descobri minha autonomia, poder de escolha e como as decisões tomadas por mim afetam todos os âmbitos da minha vida. Impossível não se emocionar ao perceber que se aproxima o fim, também é impossível não lembrar de todas as pessoas que fizeram ser possível que esse momento chegasse. Com um sentimento imenso de gratidão e saudade, esse ciclo se fecha.

Gratidão primeiramente à Deus, por todo amor, paciência e imensa misericórdia com essa filha tão falha. Por ser esse maravilhoso Pai que presenteia seus filhos com o regaço acolhedor de Nossa Senhora, mesmo que não seja merecido. Obrigada pelas vezes que, mesmo eu distante, se fez presente por meio de inúmeras pessoas que serviram como anjos.

Gratidão à minha mãe, por toda abnegação, renúncia e amor que foram necessários nesses últimos cinco anos e nos outros dezessete anteriores. Qualquer lugar em que eu chegue será por perseverança sua, mãe. Obrigada por ser refúgio, presença, segurança e compreensão, por ser exemplo de força, persistência e de mulher.

Ao meu pai, agradeço pelo carinho, proteção e zelo desde que nasci. Por se fazer presente da melhor forma que pode e por ser modelo de honestidade e esforço. Ao meu irmão por ser a lembrança viva dos tempos de criança e pelo seu jeito particular de cuidar. À Dorinha, minha irmã postiça, obrigada pelo cuidado, pelas conversas, pelas risadas e por seus filhos incríveis.

Agradeço ao meu Vô Chico, pela presença forte e grande cuidado durante a infância, mesmo sendo, das pessoas que amo, a que menos tempo convivi. A Vovó Joana e Vovô Zezinho, por serem a fonte de força, dedicação e amor de toda a família. As minhas tias, tios, primos e primas e madrinha querida, obrigada por me ensinarem lições de felicidade, companheirismo e carinho.

Sou grata aquele que tem todo meu amor há 6 anos. Seu zelo, carinho, força e incentivo foram essenciais para que tudo fosse mais leve. Quem mais me apoiou durante os últimos anos, quem entendeu a falta de atenção dos fins de período, quem me deu carona sem nunca reclamar e quem se esforçou pra entender o mundo da arquitetura, mesmo não tendo afinidade. Ericles deveria ser sinônimo para prestativo e companheiro. Obrigada por ser o “Você consegue” sem deixar de ser o “Não tem problema que não deu certo”, você é incrível.

Agradeço a Bibi, por uma amizade que me ampara há 10 anos, por deixar sua casa ser minha casa sempre que precisei, pela irmandade e cumplicidade, pela força e por me entender sem eu precisar falar. A Augusto por todos os sorrisos, carinhos, risadas e momentos que já me proporcionou em tão pouco tempo, o mundo é mais bonito desde que você chegou.

Aos inimigos no banco imobiliário e amigos da vida, obrigada por serem descontração e alegria sempre. Rapha com sua sabedoria e hipérboles, obrigada pelas conversas e conselhos. Tatá com sua felicidade e companheirismo desde a infância, Gordo com seu imenso cuidado e carinho e Jhony com sua simplicidade e dons incríveis.

Agradeço a Diego, mesmo nos vendo tão pouco, você é uma das maiores representações de casa. A Aline, pelo cuidado e por me entender, mesmo sendo tão diferentes. A Yasmin e Victor pela amizade constante de sempre.

Agradeço a Sanny e Beto, pelos momentos incríveis que vivemos juntos, por tudo o que significam pra mim e para os nossos Rosas. Marcelo, Eleni, Jaque e todos os Filhos da Luz, por permitirem ser a porta de entrada de um amor imenso.

Aos meus queridos colegas da turma de sobreviventes 2015.2, em especial à Mylena, Flávio, Thiago e Daniel por serem a parte mais divertida do curso. Obrigada pelo apoio, pelas risadas e por sempre mostrarem que estávamos remando, juntos, na mesma direção.

Gratidão à Samara, presente de uma viagem que se mostrou ser uma amiga valiosa. Obrigada pela ajuda, pela alegria e por me lembrar que pode ser pior, você é luz.

Agradeço a minha orientadora Kainara e a minha coorientadora Izabel. Por sempre estarem com seus corações e whatsapp abertos para minhas questões, pelas sugestões e ensinamentos cheios de sabedoria e paciência e por me mostrarem que todo o processo é importante.

Aos meus cães: Simon, Luna, Maya, Zohan, Amora, Raposa, Miúda, Bolota, Heidi e Margarete. Fontes de força, alegria e do mais puro amor. Foram meus carregadores de bons sentimentos durante todo esse tempo, e espero que sejam por muito mais.

A todos que estiveram comigo direta ou indiretamente nessa jornada, que não caberiam mais nesse espaço mas, que foram essenciais, minha total gratidão.

Por ultimo, mas não menos especial, para toda a saudade que eu tenho, minha avó Lenira. Ela que era a própria festa, maior inspiração desse trabalho e eterna rainha das quadrilhas. A mulher responsável por plantar o amor pela cultura no meu coração. Ela que me ensinou os primeiros passos de dança, que desenhou e costurou meus vestidos de quadrilha, que foi garra e amor na medida certa e que soube sempre que a vida sem arte não era vida. Ela, a defensora dos festejos juninos e de sua memória, Lenira Rita Gomes. Aquela que sempre foi e sempre será a minha maior inspiração de artista, artesã, professora e quadrilheira.

Esse Arraial de Felicidade é e sempre será seu, Vó!

Obrigada!

RESUMO

ARRAIAL: Estudo Preliminar para uma Casa de Cultura Junina

O São João de Campina Grande no estado da Paraíba, é uma manifestação cultural que existe há mais de quarenta anos. Esse trabalho dispõe-se a contribuir, por meio da arquitetura, para o resgate da memória do Maior São João do Mundo a partir da proposição de espaço físico que possa garantir a preservação de sua história e importância para a memória coletiva da cidade para posteridade. Para isso, foi necessário retornar aos primórdios da festa e estudar sua origem e as transformações pelas quais passou até os dias atuais, para entender sua história, dinâmica e relevância para a cidade. A partir da contextualização dessa problemática, foi utilizado o método de Lawson (2011) para embasar a definição do processo de concepção projetual. A partir da compreensão dos problemas, construção de soluções e análise da eficácia das mesmas, essa metodologia promove a negociação entre geradores de restrições e decisões projetuais como base de seu processo. A partir da definição desse percurso metodológico, foram escolhidos correlatos utilizados como referência de espaços culturais que pretendem promover não apenas o registro e a difusão de distintas manifestações culturais do país, mas proporcionar a vivência das mesmas: o Paço do Frevo na cidade de Recife – PE e a Casa do Carnaval em Salvador - BA. Pela falta substancial de estudos que pudessem servir como base da proposta, esses projetos foram analisados por meio da metodologia de Mahfuz (2004), e, a partir disso, foram traçadas as decisões projetuais que serviram como norte ao presente projeto. Com isso, o presente trabalho tem o intuito de incentivar a valorização dessa manifestação popular ao propor um equipamento direcionado a cultura junina por meio do Estudo Preliminar de uma Casa de Cultura Junina (Arraial) que salvasse e faça presente essa cultura durante todo o ano.

PALAVRAS CHAVE: Casa de Cultura, Maior São João do Mundo, Imersão, Registro

ARRAIAL: Preliminary Study of a Junine Culture House

The feast of Saint John of Campina Grande in the state of Paraíba is a cultural manifestation that has existed for more than forty years. This work is willing to contribute, through architecture, to the rescue of the memory of the Biggest Saint John of the World from the proposition of physical space that can guarantee its history's preservation and importance to collective memory of the city to posterity. In order to do that, it was necessary to return to the beginnings of the feast and study its origins and transformations it has gone through to the present day to understand its history, dynamic and relevance to the city. From the contextualization of this problematic, Lawson's method (2011) has been utilized to base the process of project conception. From the comprehension of the problems, solutions construction and analysis of their efficiency, this methodology promotes the negotiation between restrictions generators and project decisions based on its process. From the definition of this methodological process, correlated has been chosen and utilized as reference to cultural spaces that pretend to promote not just the register and the diffusion of distinct cultural manifestations of the country, but also provide their experience: "Paço do Frevo" in the city of Recife – PE and the "Casa do Carnaval" in Salvador- BA. Due to the substantial lack of studies that could serve as basis for this proposal, these projects have been analyzed through Mahfuz's methodology (2004) and, from that, project decisions were plotted, which served as guide to the present project. With that, the present work has the intention of incentive the valorization of this popular manifestation proposing an equipment directed to junine culture through the Preliminary Study of a Junine Culture House (Arraial) to safeguard and make this culture present during all year.

KEY-WORDS: Culture House, Maior São João do Mundo, Register, Immersion

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Memorial do Maior São João do Mundo	16
Figura2: Quadrilha da floresta, década de 1970	22
Figura3: Palhoção do maior São João do Mundo	25
Figura4: Construção do forró-dromo, 1986	26
Figura5: Parque do povo após expansão, 1989	28
Figura6: Cidade cenográfica Parque do Povo, 1999	30
Figura7: Cidade cenográfica Parque do Povo, 2019	30
Figura8: Letreiro luminoso e barracas padronizadas, 1996	31
Figura9: Parque do povo 2019	32
Figura10: Quadrilha Moleka 100 vergonha, campeã 2019	33
Figura11: Parque do povo 2019	34
Figura12: Esquema processo de projeto	35
Figura13: Esquema problema de projeto	36
Figura14: Esquema processo de projeto visto como negociação	38
Figura15: Esquema processo de projeto aplicado a proposta	38
Figura16: Metodologia Mahfuz 2004	40
Figura17: Paço do Frevo 2004	42
Figura18: Localização Paço do frevo	43
Figura19: Fachada Paço do Frevo, 2014	44
Figura20: Pavimento térreo, Paço do Frevo	45
Figura21: Primeiro pavimento, Paço do Frevo	46
Figura22: Segundo pavimento, Paço do Frevo	47
Figura23: Fachada Casa do Carnaval	49
Figura24: Localização Casa do Carnaval	50
Figura25: Planta Baixa Subsolo Casa do Carnaval	51
Figura26: Planta Baixa Térreo Casa do Carnaval	52
Figura27: Planta Baixa primeiro pavimento Casa do Carnaval	53
Figura28: Interior Casa do Carnaval	54
Figura29: Terreno visto da rua Elias Asfora	58
Figura30: Inserção Urbana	61
Figura31: Parque do Povo sem festa	71

Figura32: Parque do Povo com festa	71
Figura33: Sítio São João	72
Figura34: Condicionantes climáticos	75
Figura35: Organograma e Fluxograma	80
Figura36: Zoneamento	81
Figura37: Gráfico de áreas	82
Figura38: Planta térreo	84
Figura 39: Plataforma elevatória	86
Figura40: Planta Primeiro Pavimento	87
Figura41: Planta Coberta	89
Figura42: Logo Arraial	90
Figura43: Esquema cobogó vista frontal	91
Figura44: Padrão mural	91
Figura45: Esquema janelas vista lateral e frontal	92
Figura46: Esquema porta salas de exposição e imersão vista frontal	92
Figura47: Esquema marquise vista superior	93
Figura48: Esquema painel de exposição	94
Figura49: Divisórias articuladas	94
Figura50: Esquema bancos	95
Figura51: Esquemas guarda corpo	95
Figura52: Esquemas materialidade	96
Figura53: Imagem fachada principal	97
Figura54: Imagem lateral fachada principal	98
Figura55: Imagem lateral direita	99
Figura56: Imagem diagonal esquerda	100
Figura57: Imagem lateral esquerda	101
Figura 58: Imagem externa lanchonete	102
Figura59: Imagem interna café	103
Figura60: Imagem interna café II	104
Figura61: Imagem vista do café	105
Figura62: Imagem interna área de apresentações	106
Figura63: Imagem interna espaço estar/ exposição	107
Figura64: Imagem interna mezanino	108
Figura65: Imagem interna sala exposição	109
Figura66: Imagem interna sala de imersão	110

LISTA DE MAPAS

Mapa1 : Localização Paço do frevo.....	43
Mapa2: Localização Casa do Carnaval.....	50
Mapa3: Localização do terreno	62
Mapa4: Uso do solo	64
Mapa5: Cheios e Vazios	65
Mapa6: Mapa hierarquização viária, modais e fluxos	67

LISTA DE QUADROS

Quadro1: Síntese analítica Paço do Frevo	48
Quadro2: Síntese analítica Casa do Carnaval	55
Quadro3: Síntese soluções projetuais	57
Quadro4: Análises nas escalas macro e micro	77
Quadro5: Programa de necessidades	79

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
P.14

2. REFERENCIAL
TEÓRICO -
METODOLÓGICO
P.20

2.1 CONTEXTUALIZANDO O SÃO
JOÃO DE CAMPINA P.21

2.1.1 COQUEIROS DE ZÉ RODRIGUES P.21

2.1.2 O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO P.26

2.2 METODOLOGIA PROJETUAL P.35

3. CASAS DE CULTURA
E FESTAS POPULARES
NO BRASIL
P.39

3.1 METODOLOGIA DE ANÁLISE P.40

3.2 PAÇO DO FREVO P.41

3.3 CASA DO CARNAVAL P.49

3.4 ANÁLISE PARA A PROPOSTA P.56

CASA DE CULTURA JUNINA

4. PROPOSTA ARRAIAL

P.60

4.1 ANÁLISE DO ENTORNO P.61

**4.2 ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS
CULTURAIS JUNINOS P.68**

4.3 ESTUDOS PRÉ-PROJETUAIS P.74

4.3.1 CONDICIONANTES FÍSICOS E LEGAIS P.75

4.3.2 PARTIDO E DIRETRIZES PROJETUAIS P.76

4.3.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES P.78

4.3.4 ORGANOGRAMA E FLUXOGRAMA P.79

4.3.5 ZONEAMENTO E SETORIZAÇÃO P.80

4.4 MEMORIAL JUSTIFICATIVO P.83

4.4.1 O PROJETO P.83

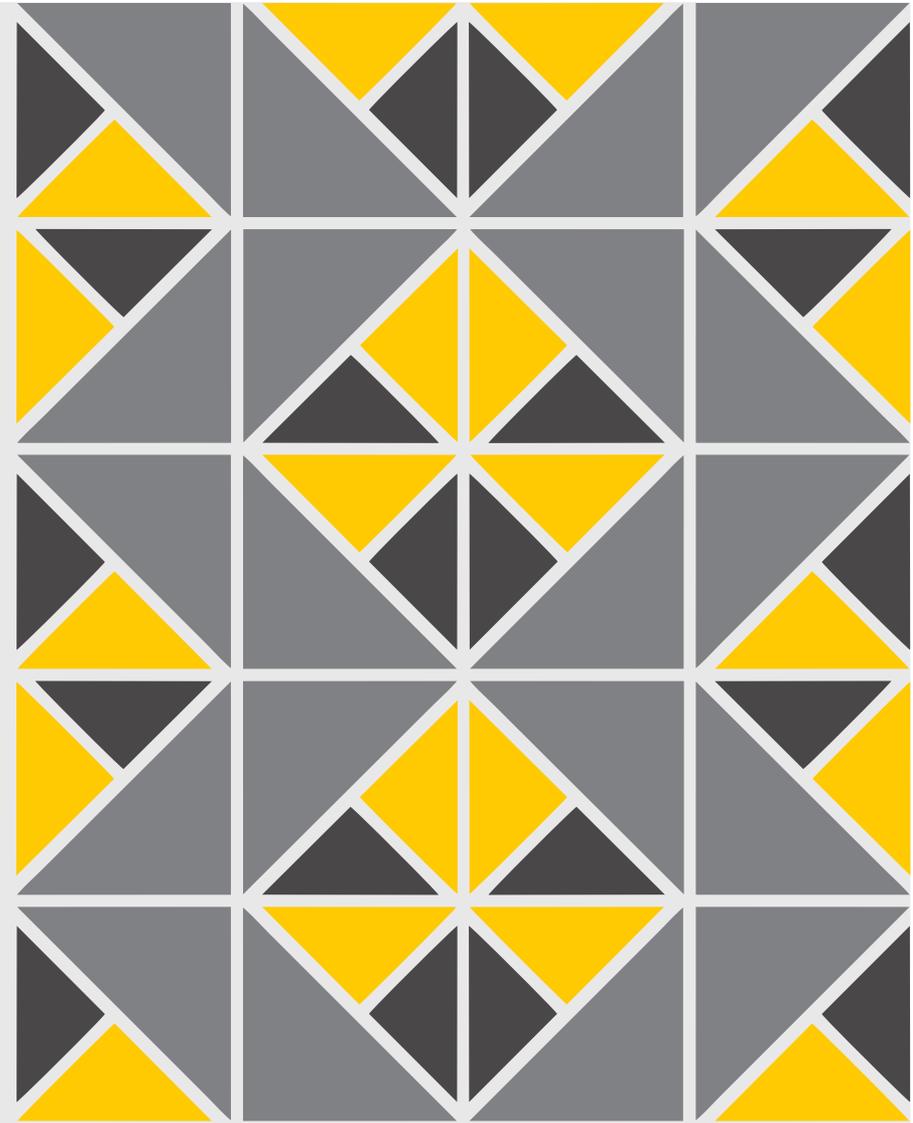
**4.4.2 MATERIALIDADE E ELEMENTOS
CONSTRUTIVOS P.90**

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

P.111

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

P.114



1.INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980 a cidade de Campina Grande (PB) é palco do “Maior São João do Mundo”, festividade que há quase quarenta anos faz parte da cultura do povo campinense e fomenta o desenvolvimento da cidade nas mais diversas áreas. A proposta do então prefeito, Ronaldo Cunha Lima, em 1983, de transformar os festejos de bairros em espetáculo foi rapidamente abraçada e aderida pela população, pelos meios de comunicação e até pela Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo - EMBRATUR (antigo Instituto Brasileiro de Turismo) já no seu calendário do ano seguinte, 1984.

A construção de um espaço físico que abrigasse e marcasse o local da festa foi de suma importância nesse processo, uma vez que, apesar de já existir diversos ambientes que sediavam festas juninas na cidade, como as sedes da Sociedade de Amigos do Bairro (SAB) e afins, não existia um local criado especificamente para esse fim. Assim, vendo a possibilidade de crescimento da festa, o gestor subsequente, Enivaldo Ribeiro, criou o Parque do Povo e o Forró-dromo (conhecido atualmente como Pirâmide) em 1986, no local onde antes existia um Palhoção.

Mesmo diante disso, até hoje o único local que conta a história dos festejos juninos de Campina Grande é o Memorial do Maior São João do Mundo, que funciona em uma pequena residência, adaptada para este fim, nas proximidades do Parque (ver Figura 1). Sem visibilidade e estrutura adequada, o pequeno local é pouco conhecido até pelos moradores da cidade.



Figura 1: Memorial do Maior São João do Mundo

Fonte: Wallysson Melo/G1 Paraíba, 2019

Percebe-se também, a necessidade em resgatar e deixar fisicamente marcado o espaço que as tradições juninas têm na história da cidade de Campina.

A partir da problemática acima apresentada, é possível estabelecer algumas questões fundamentais ao trabalho: Como poderíamos, a partir da arquitetura, contar a história de tanta gente, e mesmo da cidade? Que tipo de intervenção poderia contribuir para a difusão de narrativas relacionadas a experiências vividas nos festejos juninos da Rainha da Borborema? Qual operação seria capaz de articular, espacial e imageticamente, do particular ao universal, as tradições da nossa terra?

Sabendo que a festa é cultural, e que a cultura está sempre se reinventando, fica evidente, portanto, que a cidade necessita de um espaço que conte a história dos festejos juninos desde seus primórdios até os dias atuais, durante todo o ano (e não apenas sazonalmente). Essa relevância diz respeito também a salvaguarda de, sua memória, demonstrando a importância da festa para a construção da identidade local, a fim de reconhecer a tradição e garantir novos espaços e dinâmicas de exposição e imersão cultural.

Diante do exposto, o presente trabalho pretende preencher essa lacuna identificada ao propor uma Casa de Cultura Junina na cidade de Campina Grande.

Inicialmente, cabe aqui estabelecermos algumas questões essenciais acerca da cultura. Para compreendermos o que é cultura, partimos da Antropologia Social, que define cultura como um código compartilhado e seguido socialmente, que molda o pensamento e, conseqüentemente, os comportamentos de um determinado grupo, diante de si e do mundo (DA MATTA, 1981).

Vale salientar que, de acordo com as Ciências Sociais, esses códigos não se escolhem ou modificam-se do dia para a noite, mesmo sendo dinâmicos. Ao contrário, se impõem face a importância para a sociedade, que via de regra até os classificam como de maior ou menor valor. Da Matta (1981), defende, porém, que todas as culturas são importantes, possuem seu valor próprio e devem ser igualmente valorizadas, ainda quando opostas.

Para Mello (1982), cultura diz respeito aos aspectos mais complexos das organizações sociais: política, religião, arte, linguagem, economia, práticas e crenças; ou seja, aspectos que concernem a realidade humana e seus desdobramentos.

Assim, uma casa de cultura se caracteriza como um espaço com atividades e manifestações culturais referentes a uma comunidade em geral. Nesse sentido, uma Casa de Cultura Junina seria um espaço de difusão desta manifestação específica. Local onde a população pode reviver marcos temporais e históricos, conhecer suas raízes e prestigiar, neste caso, a cultura tradicional nordestina.

Logo, mais do que prestar serviço a cultura campinense, a proposta desse trabalho é pensar em um local digno e adequado para todos os envolvidos na manifestação. A casa visa, inclusive, abrigar a sede da Associação das Quadrilhas Juninas de Campina Grande (ASQUAJU-CG), disponibilizando espaço físico adequado para o desenvolvimento de suas atividades.

A ideia central é que ela funcione como espaço de imersão na cultura junina e suas raízes, por meio de oficinas, exposições, cursos e apresentações. Ademais, um local com um café será mais um dos atrativos para o público em geral. Utilizando pesquisas e casos correlatos de centros culturais e casas de cultura como base, o projeto buscará marcar a tradicional cultura junina campinense por meio da arquitetura e dos serviços prestados.

O presente trabalho traz como objetivo geral: Elaborar um estudo preliminar para uma Casa de Cultura voltada as manifestações juninas de Campina Grande/PB. Já os objetivos específicos podem ser entendidos como:

- (I) Resgatar a história dos festejos juninos de Campina Grande até a consolidação do Maior São João do Mundo,
- (II) Contribuir para maior divulgação dos festejos juninos, além de atender às necessidades contemporâneas dos quadrilheiros de Campina Grande; e
- (III) Garantir um espaço digno e amplo para o acervo do Memorial do Maior São João do Mundo.

O público alvo desse local são cidadãos da cidade de Campina Grande e turistas que desejem conhecer sobre a cultura junina e suas manifestações artísticas. A ideia é que este local sirva como porta de entrada também para públicos menos dispostos a conhecer essa cultura. Por meio do café do local, um “convite para entrar” às pessoas que estejam passando ou mesmo que não tenham interesse pelo tema.

Para desenvolver a proposta adotamos como base o método de Lawson (2011). Descrito no livro “Como Arquitetos e Designers Pensam”, ele considera que o processo de projeto possui três fases desenvolvidas de forma cíclica: análise, síntese e avaliação.

O trabalho então se organiza em 5 capítulos voltados a entender processos históricos, problemas e soluções, analisar referências projetuais, definir metas e traçar a proposta de estudo preliminar da casa.

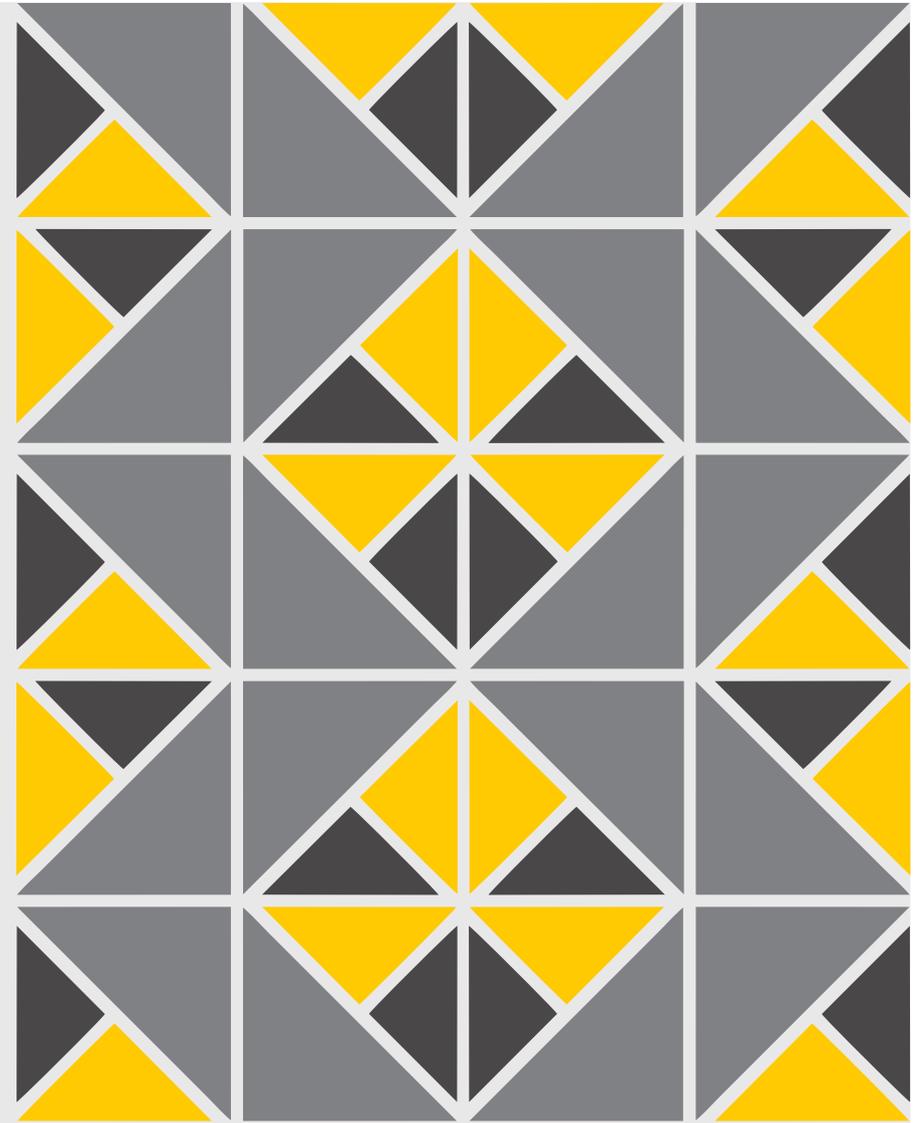
Assim, o primeiro capítulo é a introdução, que apresenta o local e o objeto de estudo, contextualiza, justifica o trabalho e apresenta seus objetivos. Já o capítulo 2 trata do referencial teórico e metodológico, dividido em dois tópicos, um sobre a história do Maior São João do Mundo e outro sobre a metodologia utilizada.

No capítulo 3, “Casas de Cultura e festas populares no Brasil”, analisamos casos correlatos de casas de cultura de festas populares, para logo depois formular a base para definições do projeto. Este capítulo, também, se subdivide em três. O primeiro tópico analisa o Paço do frevo, localizado em Recife, Pernambuco, enquanto o segundo trata da Casa do Carnaval, situada em Salvador, Bahia. O terceiro tópico, por sua vez, traz uma síntese das análises destes correlatos, visando contribuir com o início da concepção projetual da Casa de Cultura Junina.

O capítulo 4, denominado “Arraial”, subdivide-se em 3 partes. A primeira apresenta a caracterização do entorno, por meio de esquemas, mapas e suas análises. O segundo tópico diz respeito a explanação e apresentação dos equipamentos culturais juninos que existem na cidade de Campina Grande e suas funções. O terceiro corresponde ao memorial justificativo do projeto.

O capítulo 5 trata-se das considerações finais. Ao final são apresentadas as referências bibliográficas.

Esse Estudo Preliminar visa, portanto, contribuir para o desenvolvimento de uma arquitetura que ampare as atividades que animam a vida campinense, favorecendo encontros e exercitando a imaginação a partir de nossa memória coletiva, vislumbrando a possibilidade futura de um *modus operandi* articulado com nossa cultura e história.



2. REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

2.1 CONTEXTUALIZANDO O SÃO JOÃO DE CAMPINA

Desde a década de 80 a cidade de Campina Grande (PB) é palco do “Maior São João do Mundo”, Em Campina Grande, cidade no estado da Paraíba, é comemorado com uma festa anual o São João. Batizada de “O Maior São João do Mundo”, a festa, que tem duração de 30 dias, passou por diversas mudanças desde seu início até os dias atuais.

Os textos a seguir contam a evolução da festa e a divide em antes e depois do Parque do Povo, espaço criado especialmente para a comemoração junina.

2.1.2 COQUEIROS DE ZÉ RODRIGUES

Nos primórdios do São João de Campina Grande, antes mesmo de ser criado o evento que hoje atrai milhares de turistas, já se comemoravam os santos juninos entre familiares e amigos. Segundo Lima (2008), durante os festejos de véspera de São João a cidade ficava quase vazia, tendo em vista que grande parte da população se dirigia a festas em granjas e sítios. Os brincantes menos abastados tinham comemorações mais simples: estar na calçada vendo a fogueira queimar ao som de fogos que iluminavam o céu. Existiam, ainda, festas particulares para os que ficavam na cidade, em clubes e agremiações que montavam verdadeiros bailes.

Lima (2008) traz a contribuição do jornalista William Tejo ao afirmar que no final da década de 1930, mais precisamente no ano de 1939, já existiam palhoções em alguns bairros da cidade. Moradores contratavam músicos, montavam a estrutura e alguns chegavam a vender ingressos para suas festividades, como o caso de Dona Mulata e Adelma (LIMA, 2008). Festejava-se, ainda, no palhoção de Wilson Raposo na rua João Suassuna, no bairro Centro, e com o passar dos anos a festa ficou tão grande que o comerciante precisou alugar armazéns para comportar a festa.

Segundo a mesma reportagem, legitimando a festa aos santos juninos, na década de 1950, Amenaide Santos criou a primeira comemoração de São Pedro de rua em Campina Grande. Ela não impôs portas ou cercas em seu festejo, no entanto este era exclusivo para os moradores da rua na qual ocorriam os festejos, localizado no bairro Centro. Esse foi o pontapé inicial para que as festas saíssem dos clubes para a rua, os chamados “Festejos de fora” (LIMA, 2008).

Já no ano de 1971 ocorreu o primeiro São João de rua da cidade de Campina Grande, apresentado na rua Coronel João Lourenço Porto, conhecida como rua da Floresta, no Bairro Centro, com desfile, quadrilhas juninas, venda de comidas e bebidas e a concentração de um grande número de pessoas. Nesta festividade foi criada uma das primeiras grandes quadrilhas juninas de Campina Grande, a Quadrilha da Floresta, ilustrada na Figura 2. (LIMA, 2008).

Após essa iniciativa, outras quadrilhas juninas foram criadas em diversos bairros da cidade. De acordo com LIMA (2008), a essa altura, a festa junina de Campina Grande estava iniciando sua disseminação nos bairros. Além disso, Sociedades de Amigos de Bairro, Igrejas, grupos escolares e outras instituições já promoviam pequenos bailes juninos. Dessa forma, os grandes clubes ou festas privados não eram mais as únicas opções de festejar o São João.

Figura2: Quadrilha da floresta, década de 1970

Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo



Apesar do grande engajamento da população, Lima (2008) afirma que não havia apoio da iniciativa pública ou de órgãos privados com relação a patrocínio. Também não havia, ainda, a tentativa de centralizar a festa em um espaço único. O prefeito Evaldo Cavalcanti Cruz teve a iniciativa de dar o primeiro apoio as festas juninas, iniciando o que viria a ser o “São João de rua”.

Dessa forma, as comemorações continuaram seguindo a linha de disseminação por toda a cidade, nos bairros e nas ruas. No entanto, até esse momento a prefeitura não intervinha incisivamente nestas festas. Até o ano de 1976, quando se criou uma organização do festejo com direito a montagem, orientação, supervisão, escolha de local de festa e tempo de duração do evento (LIMA, 2008). Os locais escolhidos foram o pátio da Estação Velha, onde foram instaladas 5 barracas e um palco para apresentação de bandas e quadrilhas juninas, e o Parque do Açude Novo, que foi destinado exclusivamente para apresentação das quadrilhas juninas de escolas privadas e públicas.

A iniciativa da prefeitura de promover os eventos juninos centralizados em espaços públicos e de acesso a toda população iniciou uma nova fase da festa junina campinense. Isso promoveu a migração da população de suas festas disseminadas nos bairros para um espaço fixo controlado pelos secretários e assessores da prefeitura.

No ano de 1977 iniciou-se a gestão de um novo prefeito, Enivaldo Ribeiro. Segundo Passos (2018), este assume uma posição diferente, tendo a iniciativa de controlar e centralizar, ainda mais, a festa. O local continuava o mesmo, no entanto, a infraestrutura aumentou e as barracas passaram de cinco para vinte em apenas um ano.

A festa junina campinense tornou-se monitorada pela prefeitura, com cadastros de quadrilhas, taxas de participação e patrocínio da Central de Abastecimento de Alimentos. Com essas mudanças nasce o São João de 1977. Neste mesmo ano, a prefeitura realizou a primeira festa do milho no galpão da CEASA e a primeira corrida da fogueira (LIMA, 2008).

Ao longo da gestão deste prefeito o evento cresceu, em tempo de festa e em escala na própria cidade. Chegando a durar até 14 dias, o festejo concedeu a Campina Grande, segundo o Jornal da Paraíba de 26/06/1981, o título de “capital do forró”, que deu início a legitimação do evento popular e cultural da cidade.

Segundo Lima (2008), a partir do ano de 1983 um novo prefeito assume a gestão municipal, Ronaldo Cunha Lima. Ele constrói um equipamento considerado um divisor de águas, fazendo com que a festa de São João em Campina Grande passasse a ser compreendida como antes e depois de Ronaldo. Vendo a potencialidade das festividades juninas, o gestor resolveu concentrar as comemorações no centro da cidade, aumentando a participação do povo campinense.

Nasce, assim, um novo rumo do São João de Campina a partir de 1983. De acordo com Passos (2018), ainda na gestão anterior, houve a desapropriação do terreno anexo ao Parque Açude Novo, conhecido como Coqueiros de Zé Rodrigues. É nesta área, antes ociosa, com quase 25 mil metros quadrados que o prefeito implanta um grande “palhoção” (ver Figura 3). A mídia começou a tratar na época como o “Maior São João do País”.

O espaço que até então era em terra batida, com iluminação precária e com espaço de apresentação a céu aberto, ganhou uma nova infraestrutura três anos depois. Antes da construção do Parque do Povo, uma palhoça com piso feito com cimento queimado foi construída. Palhas de coqueiros foram usadas como telhado e na ornamentação da área (LIMA, 2008).

Tendo a organização sido feita de última hora, foi necessário um mutirão. Várias pessoas pregavam bandeirolas e esperavam o cimento secar poucas horas antes do início do evento. Após essa iniciativa o São João de Campina apenas cresceu, durando 30 dias a partir de 1984 e sendo incluso no calendário da EMBRATUR com a marca “O Maior São João do Mundo” no ano de 1985 (LIMA, 2008). A prefeitura ao ver o sucesso do novo São João urbanizou a área do que viria a ser o Parque do Povo e os empresários visando que a festa tenderia apenas a crescer, construíram novas casas de shows na cidade.



Figura3: Palhoção do maior São João do Mundo

Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo

2.1.3 O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO

Como explicado anteriormente, em 1986 é inaugurada uma nova estrutura: o Parque do Povo. O local possuía, na época, vinte e sete mil metros quadrados e em seu centro foi construído o “Forródromo”, projetado para servir como pista de dança e para apresentações em geral (LIMA, 2008). O Forródromo foi desenhado para parecer com uma fogueira, mas rapidamente foi “apelidado” de pirâmide (ver Figura 4).

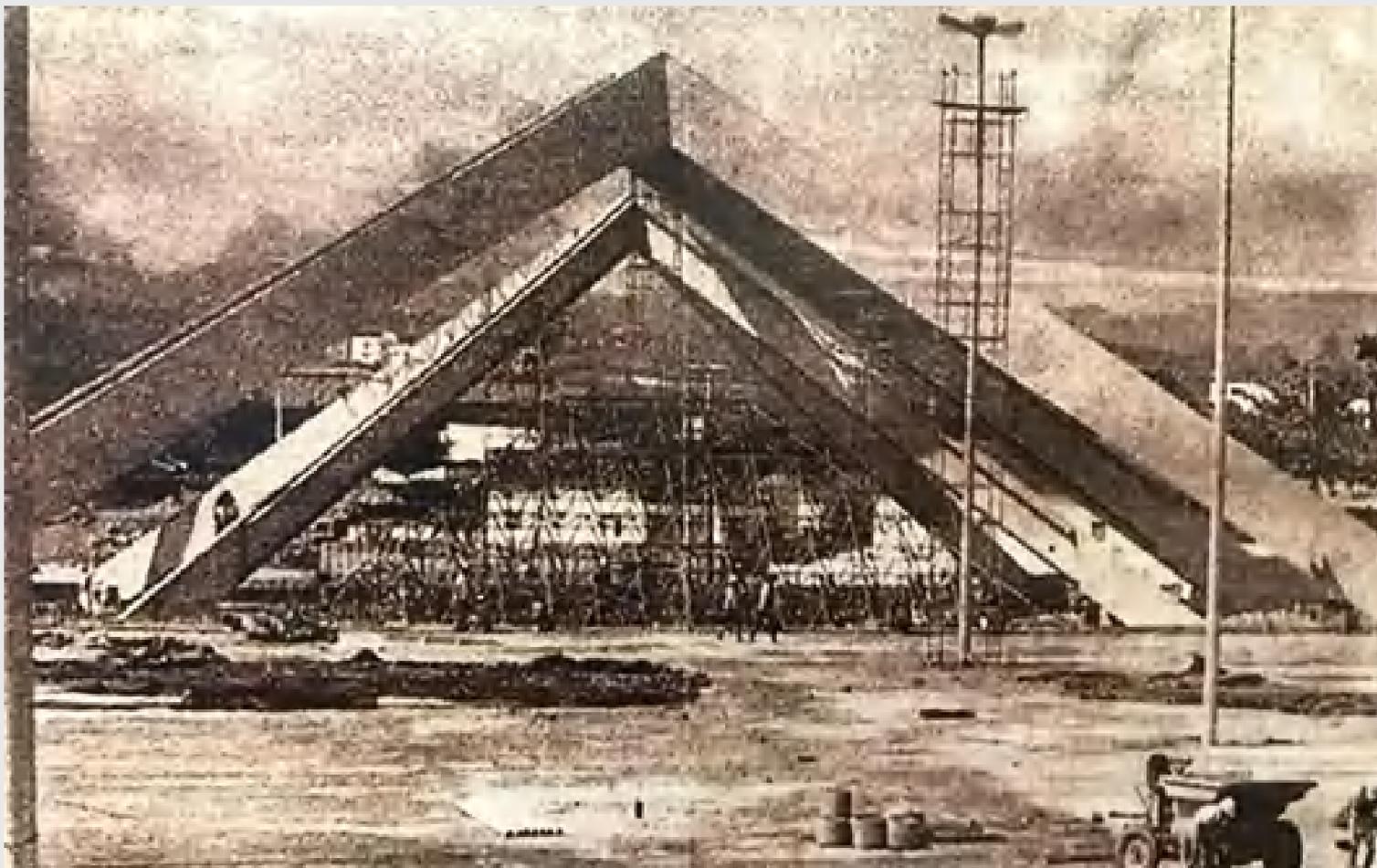


Figura4: Construção do forródromo, 1986

Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo

Ainda neste ano, a festa ganhou grande proporção, palco para shows e cerca de 150 barracas de bebidas e comidas típicas atraíram a população para o Parque do Povo. Segundo a professora Cléa Cordeiro, mantenedora do memorial do Maior São João do Mundo, em sua entrevista para o Jornal da Paraíba (08/06/2018):

Na época não tinham restaurantes. As barracas eram formadas por ambulantes e pessoas que tinham cantinas, barraquinhas de lanche na cidade e aproveitavam a festa para ganhar dinheiro. Lembro que tinha uma senhora que tinha uma cantina na antiga faculdade de administração e que ela tinha uma barraca no Parque do Povo. Então todos os alunos e professores do curso se encontravam lá.

Dessa forma, a tradicional festa religiosa em comemoração aos Santos juninos começa a ser ressignificada e a ganhar múltiplos sentidos. O “Maior São João do Mundo” torna-se importante elemento identitário da cidade, um motivo de orgulho dos campinenses, além de servir como palco para relações políticas. Segundo Lima (2008), a gestão passou a reforçar que a festa era do povo, embora fosse a mesma a estar responsável pela organização e montagem de toda a festividade. Com isso buscava-se criar um fenômeno coletivo de unidade para englobar os habitantes da cidade.

O Parque do Povo passa a ser o quartel general do forró. Com uma grande mudança na geografia da cidade e no próprio espaço urbano, as apresentações das quadrilhas que ocorriam nas ruas da cidade foram concentradas no novo local de festejos, sendo que os quadrilheiros passaram a almejar se apresentar no Parque do Povo.

Sendo assim, com o passar dos anos aumentaram os investimentos do poder público no local. Com a divulgação nacional, o número de visitantes aumentou, e o local começou a ser pequeno para a dimensão da festa. De acordo com Lima (2008), no ano de 1989 a prefeitura resolveu fazer uma obra de expansão do Parque do Povo. Sendo assim, o espaço passa a ter quarenta e dois mil metros quadrados.



Figura5: Parque do povo após expansão, 1989

Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo

Segundo Lima (2008), no mesmo ano a prefeitura teve a iniciativa de “Inventar o típico”. Buscava-se afirmar a todo tempo que a cidade sempre cultivou o espírito junino. Para isso, a comissão de organização divulgou no Jornal da Paraíba de 02/06/1989 algumas normas e apelos que caracterizavam esse fim. As barracas apenas poderiam vender produtos típicos, as pessoas eram encorajadas a usar roupas típicas e a identificação das ruas onde estavam as barracas passaram a ter nomes específicos como Rua da pamonha, Rua da canjica, entre outros.

A cada edição do festejo novos elementos eram inseridos, desde a decorações, comidas e ritmos musicais até fogos de artifício, cidade cenográfica e a criação do Sítio São João. Um dos elementos que mais encantam é a cidade cenográfica a qual surgiu em 1999, de acordo com a reportagem do G1 paraíba de 08/06/2018, com réplicas de prédios históricos de Campina Grande. Entre estas edificações estão: a réplica do Telegrapho, Cassino El Dourado, Cine Capitólio, a Catedral de Nossa Senhora da Conceição e a representação da Vila Nova da Rainha, onde surgiu a cidade de Campina Grande.



Figura6: Cidade cenográfica Parque do Povo, 1999

Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo



Figura7: Cidade cenográfica Parque do Povo, 2019

Fonte: Emanuel Tadeu

Ainda em 1996, segundo Lima (2008), devido a fama e a grande quantidade de turistas, a prefeitura resolveu padronizar a festa com modelos de barracas e a pirâmide ganhou um grande letreiro luminoso com a marca "O Maior São João do Mundo", como é possível observar na Figura 6. Essa iniciativa foi uma grande evolução para a festa, pois até então cada barraqueiro montava seu local como queria. A foto aérea desse ano foi uma das que mais repercutiu em todo o Brasil, sendo usada em vários cartões-postais da cidade.



Figura8: Letreiro luminoso e barracas padronizadas, 1996

Fonte: Memorial Maior São João do Mundo

Com o passar dos anos a festa se tornou maior e mais atrativa, contando com o planejamento da gestão municipal visando otimizar o espaço da festa. No ano 2000, o palco que antes era montado na parte de cima do Parque foi realocado para a parte de baixo, por isso, a Rua Sebastião Donato, adjacente ao Parque do Povo, foi incluída no perímetro de festa passando a ficar interditada por mais de 30 dias (LIMA, 2008).

Ainda segundo a Professora Cléa Cordeiro, Jornal da Paraíba 08/06/2018:

Nessa época em que o palco ficou em baixo, a parte de cima do Parque do Povo ficava com barracas e restaurantes. Como o Parque do Povo tem uma área acidentada, dividida pela pirâmide, nessa época a cidade acabou criando uma espécie de divisão de classes sociais. Muita gente brincava dizendo que a parte superior era para os ricos e a parte de baixo era para os pobres.

No entanto, no ano de 2014 o palco voltou a ser montado na parte de cima do Parque do Povo. Mas em contrapartida, diferente do formato utilizado anterior ao ano 2000, a parte mais alta do Parque do Povo ficou destinada apenas para palco e camarotes, aumentando a capacidade de público para shows.



Figura9: Parque do povo 2019

Fonte: Emanuel Tadeu

Atualmente, a chamada Pirâmide é o local de apresentação das quadrilhas juninas. Essas quadrilhas também se modernizaram com o passar do tempo, o que primeiramente era apenas uma brincadeira ganhou uma proporção muito maior, com isso, foi criado o concurso de quadrilhas juninas e a Associação de Quadrilhas Juninas de Campina Grande (ASQUAJU-CG).

Segundo o quadrilheiro e produtor cultural Lima Filho, em entrevista ao Jornal Paraíba Online, algumas quadrilhas iniciam sua maratona de ensaios em agosto, dez meses antes do período junino. O empenho dos quadrilheiros dura, praticamente o ano inteiro para que estes possam se apresentar e abrilhantar as festividades de São João. As quadrilhas atuais são chamadas de estilizadas e definem temas para seus espetáculos, ainda montam cenários e dramatizações durante a apresentação.

Em entrevista para o Portal da Correio, Márcio Marques, atual presidente da ASQUAJU-CG, afirma que no ano de 2019 dez quadrilhas disputaram o concurso de quadrilhas juninas de Campina Grande. Além da apresentação do concurso, as quadrilhas ainda se apresentam em cidades vizinhas, no aeroporto e na rodoviária da cidade, no entanto, apenas no período junino.



Figura10: Quadrilha Moleka 100 vergonha, campeã 2019

Fonte: Emanuel Tadeu

Nas últimas duas décadas muitas mudanças e expansões ocorreram nos festejos juninos de Campina Grande. O Parque do Povo passou a receber “muros” efêmeros durante o período de uso do espaço, tendo acesso controlado, embora gratuito. A festa, antes de total domínio público, tornou-se alvo de parcerias público-privadas. Essa mudança, juntamente com a centralização das comemorações juninas no Parque do Povo, é uma das mais significativas desse processo de crescimento.



Figura11: Parque do povo 2019

Fonte: Reprodução/ Medow

No entanto, estes fenômenos não diminuiram a importância histórica ou muito menos o valor cultural das festividades juninas na cidade. Campina Grande é, e vive intensamente, O Maior São João do Mundo.

2.2 METODOLOGIA PROJETUAL

A metodologia escolhida para ser utilizada no projeto foi a de Lawson (2011), este processo projetual se baseia em tomar uma sequência de decisões, sobre os problemas existentes, para definir o projeto e é dividido em três etapas principais: análise, síntese e avaliação.

Essas etapas são cíclicas, flexíveis e coexistentes. O projetista tem total abertura para transitar entre elas sem se comprometer com linearidade, retornando uma etapa ou mais quando necessário, modificando a visão do problema e garantindo novas possibilidades de solução. A etapa de análise é a primeira que deve ser considerada. Nela os componentes e elementos que estruturam o problema do projeto são identificados, as metas são traçadas em conjunto com a escolha do conceito, condicionantes projetuais e o programa de necessidades.

Sobre os problemas de projeto, Lawson (2011) afirma que esses variam sua estrutura de acordo com os condicionantes que são: os geradores de problemas do projeto, restrições e a função. Os geradores são divididos em quatro grupos: projetista, cliente, usuário e legislador. As restrições que vem de cada um desses grupos, o nível de rigidez, flexibilidade e influência exercida cooperam para a definição dos problemas de projeto e suas particularidades.

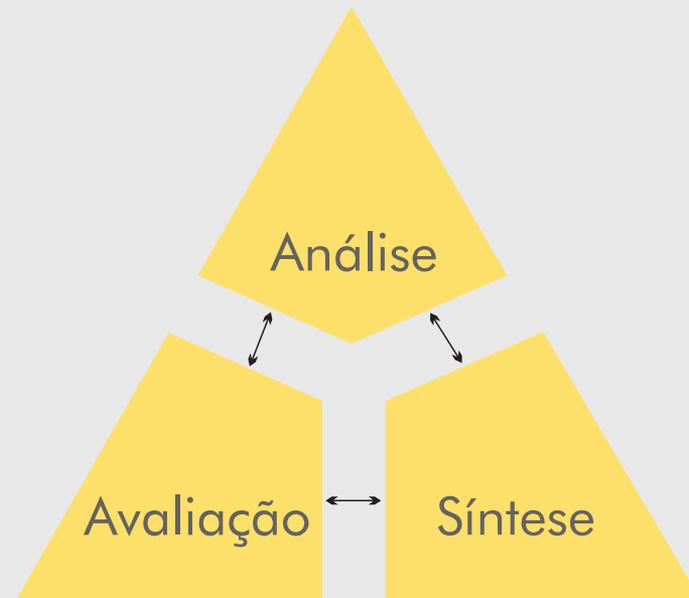


Figura 12: Esquema processo de projeto

Fonte: Produzido pelo autor baseado em Lawson 2011

As restrições projetuais são resultados da relação entre elementos desejados e influenciam, segundo os seus tipos, com mais ou menos força na resolução do problema. Estas podem ser internas, que remete a relação entre os espaços componentes do projeto e faz parte do problema inicial, ou externas, que trata da relação do projeto com o entorno e contexto onde está inserido e, muitas vezes, foge ao controle do projetista.

Já as funções dessas restrições têm o dever de guiar o projeto para que este cumpra a função que dele será exigida. Esta é classificada em 4 grupos: As radicais, que orientam o projeto desde seu início; Formais, são as definições plásticas do projeto, como módulo, cores e proporção; Práticas, são os aspectos construtivos e pós ocupação do projeto; E simbólicas, simbologias que tem o poder de nortear o processo projetual.

No caso do projeto atual, o cliente seria a prefeitura. Esse gerador fornece as demandas iniciais que precisam ser atendidas. Por ser um edifício de cunho público, o usuário final da edificação não é necessariamente o cliente, possuindo necessidades diferentes que também precisariam ser levadas em conta. Sendo assim, cabe a outro grupo gerador, o projetista, definir os problemas de projeto através da observação das restrições e demandas. O legislador, último grupo, define os parâmetros legais de uso e ocupação do solo.

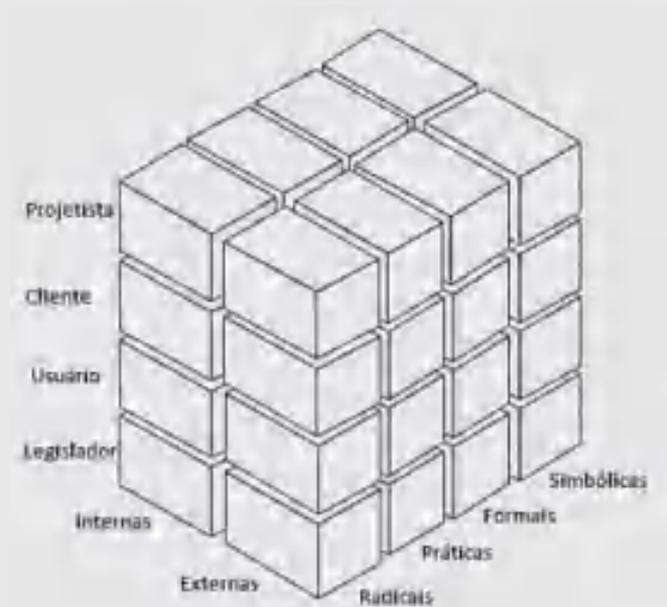


Figura13: Esquema problema de projeto

Fonte: Lawson 2011, P 106

O conceito do projeto é uma casa de cultura com ambientes para exposição e ambientes para imersão cultural. Os condicionantes projetuais se resumiram em criar esse local o mais próximo possível dos locais de festa, confortável e convidativo para os visitantes e para a vizinhança. Ademais, um local que possa servir como apoio para as quadrilhas e cultura junina campinense. Com esta análise surgiu o programa de necessidades do projeto, a ser apresentado no Capítulo 4.

A etapa seguinte, a síntese, é o momento em que são elaboradas as propostas e respostas para os problemas existentes. Pode-se dizer que esta é a parte mais criativa do processo. A cada tentativa de solução a compreensão do problema é mais nítida, e é possível perceber nesse momento que as etapas projetuais são cíclicas. A análise leva a síntese e a síntese leva até a análise novamente. Segundo Lawson (2011), essas duas fases são movidas pela avaliação crítica, ao pensar na solução do problema definido e ao confrontar a necessidade de modificar objetivos pré-estabelecidos, o que você quer fazer, em função da solução, que é o que pode ser feito.

Após tomadas as decisões projetuais, estas são avaliadas e criticadas. Essa etapa garante que cada solução escolhida seja a ideal para aquele problema específico. Isso se dá traçando um comparativo entre os condicionantes projetuais, com o auxílio de desenhos e esboços, sendo uma etapa fundamental no planejamento projetual.

O processo de projeto é visto como uma negociação, segundo Lawson (2011), entre o problema e a solução por meio das três premissas: análise, síntese e avaliação. Resumidamente, o autor explica:

A análise envolve a investigação das relações na busca de algum padrão nas informações disponíveis e a classificação de objetivos. A análise é o ordenamento e a estruturação do problema. A síntese, por sua vez, caracteriza-se pela tentativa de avançar e criar uma resposta ao problema – a geração de soluções. A avaliação envolve a crítica das soluções sugeridas em relação aos objetivos identificados na fase de análise. (LAWSON, 2011, p. 45).

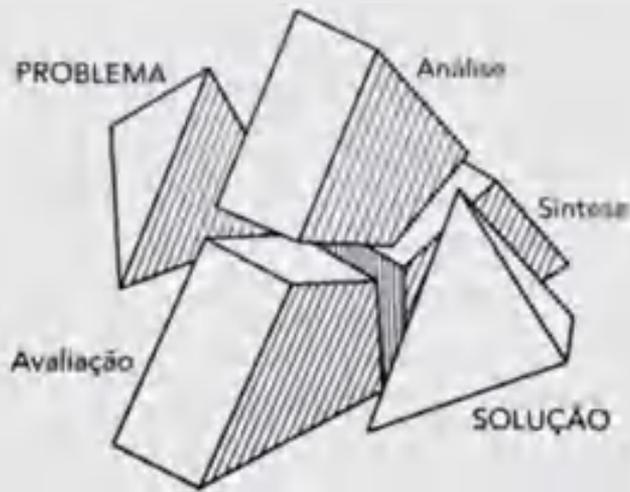


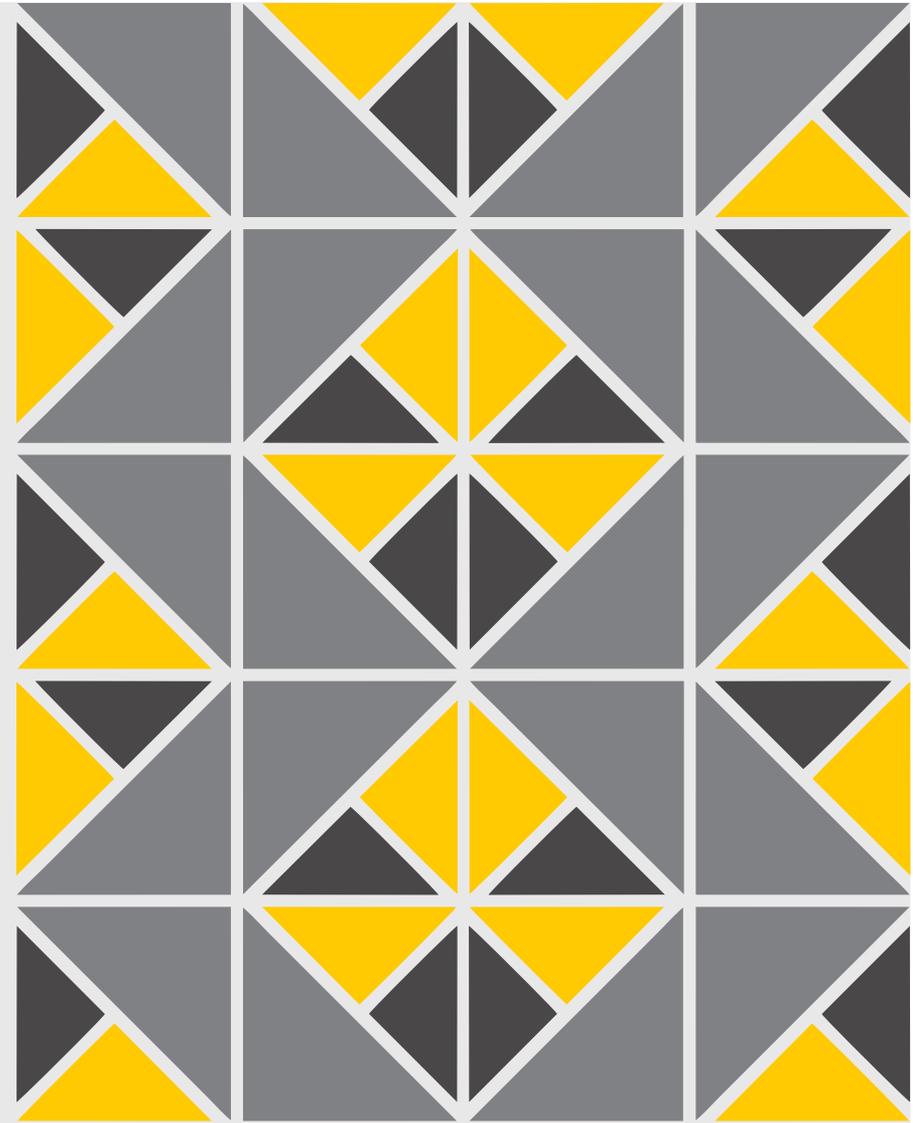
Figura14: Esquema processo de projeto visto como negociação

Fonte: Lawson 2011, P.55

No entanto, Lawson (2011) afirma que apesar do projetista reconhecer essas etapas e processos, isso não os habilita a projetar. O autor defende que “projetar é uma habilidade [...] que tem que ser aprendida e praticada como se pratica ou se toca um instrumento musical” (2011, p.25). Ou seja, saber o passo a passo não capacita. Na verdade, cada projetista deve entender como o processo funciona para si, unindo os fundamentos teóricos com experiências práticas próprias e criando sua forma de enfrentar os desafios do processo projetual.



Figura15: Esquema processo de projeto aplicado a proposta
Fonte: Produzido pela autora



3. CASAS DE CULTURA E FESTAS POPULARES NO BRASIL

3.1 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Tendo em vista a necessidade de referências projetuais, o presente capítulo irá analisar dois correlatos de acordo com algumas premissas fundamentais para a concepção do projeto da Casa de Cultura Junina. Essa análise levará em consideração a relação do projeto em estudo com o tema do trabalho, além da qualidade projetual arquitetônica, segundo a metodologia proposta por Mahfuz (2004).

De acordo com o arquiteto, cada vez mais é fundamental um olhar introspectivo para a análise do objeto arquitetônico, visando a produção de uma arquitetura autêntica, que preserve seu papel social e cultural. Assim, é atualizando a interpretação vitruviana que Mahfuz (2004) propõe a avaliação das seguintes condições internas de um projeto: o lugar, a construção (*firmitas*), o programa (*utilitas*) e as estruturas formais (*venustas*). Esta última caracteriza-se como única condição externa e todas elas, se presentes, como estimulantes da forma, desde a origem ao desenvolvimento do processo.

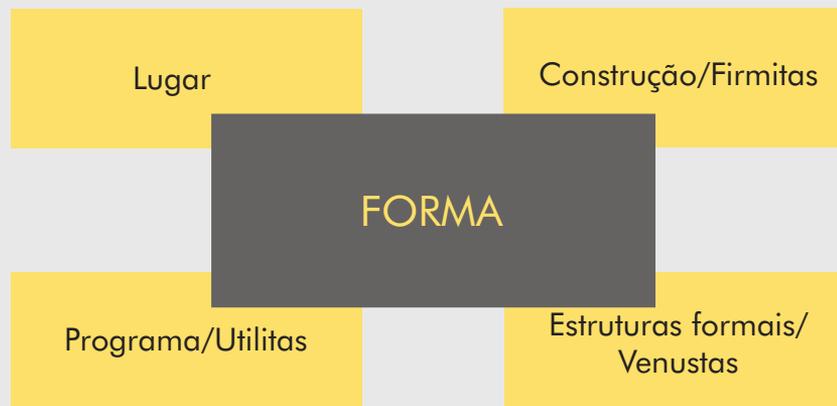


Figura 16: Metodologia Mahfuz 2004

Fonte: Produzido pela autora com base em Mahfuz

Entendemos com isso que a resolução de um programa é a essência da arquitetura, de modo que, além da análise proposta no parágrafo anterior, buscaremos, igualmente, compreender os aspectos que tangem os locais de inserção do Paço do Frevo, localizado na cidade de Recife (PE), e da Casa do Carnaval, Salvador (BA).

Tais projetos foram escolhidos por serem locais de registro e vivência de uma manifestação cultural popular imaterial, assim como o São João, que são, respectivamente, o frevo e o carnaval. É certo que existem inúmeros outros exemplos, como o caso do Museu do Reggae no Maranhão e do Museu do Samba no Rio de Janeiro, mas devido a necessidade de recorte e limitações de pesquisa, Recife e Salvador foram as capitais contempladas dada a própria experiência *in loco*.

3.2 PAÇO DO FREVO

O Paço do Frevo é uma iniciativa conjunta do IPHAN, da prefeitura do Recife (PE) e da Fundação Roberto Marinho, que tem como objetivo principal manter o frevo, declarado Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco desde 2012, salvaguardado. Dessa maneira, o local oferece aos visitantes uma experiência de imersão à cultura do ritmo e da dança mesmo fora do período de festividades carnavalescas, durante todos os meses do ano.

Segundo o site da Fundação Roberto Marinho, o Paço do Frevo é:

“Centro de referência e difusão do frevo, o Paço do Frevo protege e exhibe a riqueza dessa manifestação cultural, declarada Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco em 2012. O objetivo é contar as histórias do frevo e de seus tradicionais personagens durante o ano inteiro, não apenas no carnaval”¹.

¹Paço do Frevo. AÇÕES DE CULTURA. Disponível em: <https://frm.org.br/acoes/paco-do-frevo/>.



Figura17: Paço do Frevo 2004

Fonte: Julia Ribeiro com colagem da autora

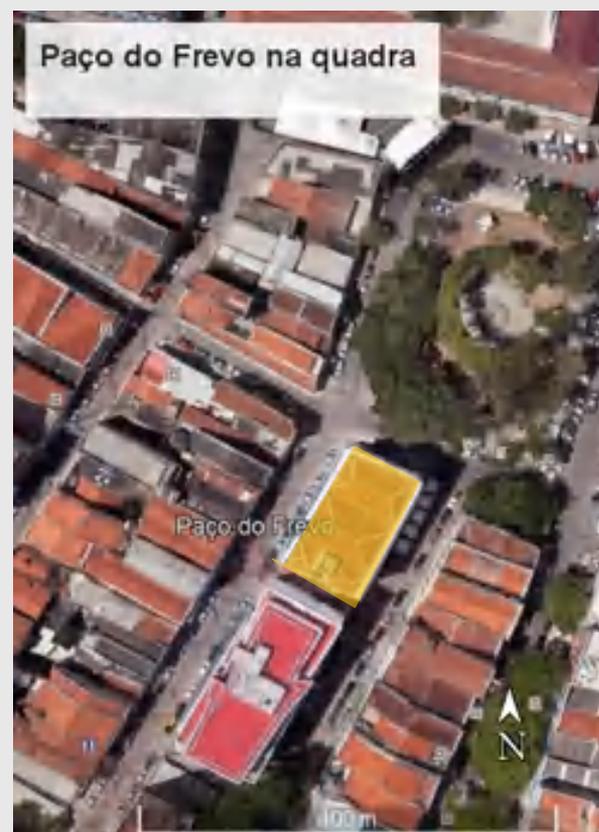
Seguindo a análise proposta por Mahfuz (2004) quanto ao Espaço Arquitetônico, e iniciando, portanto, com o critério de Lugar, temos que o Paço do Frevo está localizado no perímetro tombado do Bairro do Recife, localizado na área central da capital pernambucana. Situado a poucos metros do Marco Zero, encontra-se rodeado por equipamentos culturais, de natureza tanto pública como privada.

O edifício fica em frente à Praça do Arsenal da Marinha e, antes de tornar-se um local de conservação de memória, abrigava a *Western Telegraph Company*, uma empresa telegráfica britânica (CARVALHO, 2013).



Figura18: Localização Paço do frevo

Fonte: Produzido pela autora



Paço do frevo

Mapa1: Localização Paço do frevo

Fonte: Google Earth com modificação da autora



Figura19: Fachada Paço do Frevo, 2014

Fonte: Gil Vicente, blog NE 10 - UOL

No quesito Construção, segundo Oliveira (2017), é estimado que o prédio tenha sido construído no início do século XX, provavelmente no ano de 1906. Com uma área de, aproximadamente, 2.270 m², parte do complexo turístico das cidades de Recife e Olinda, e se apresenta formalmente no estilo eclético.

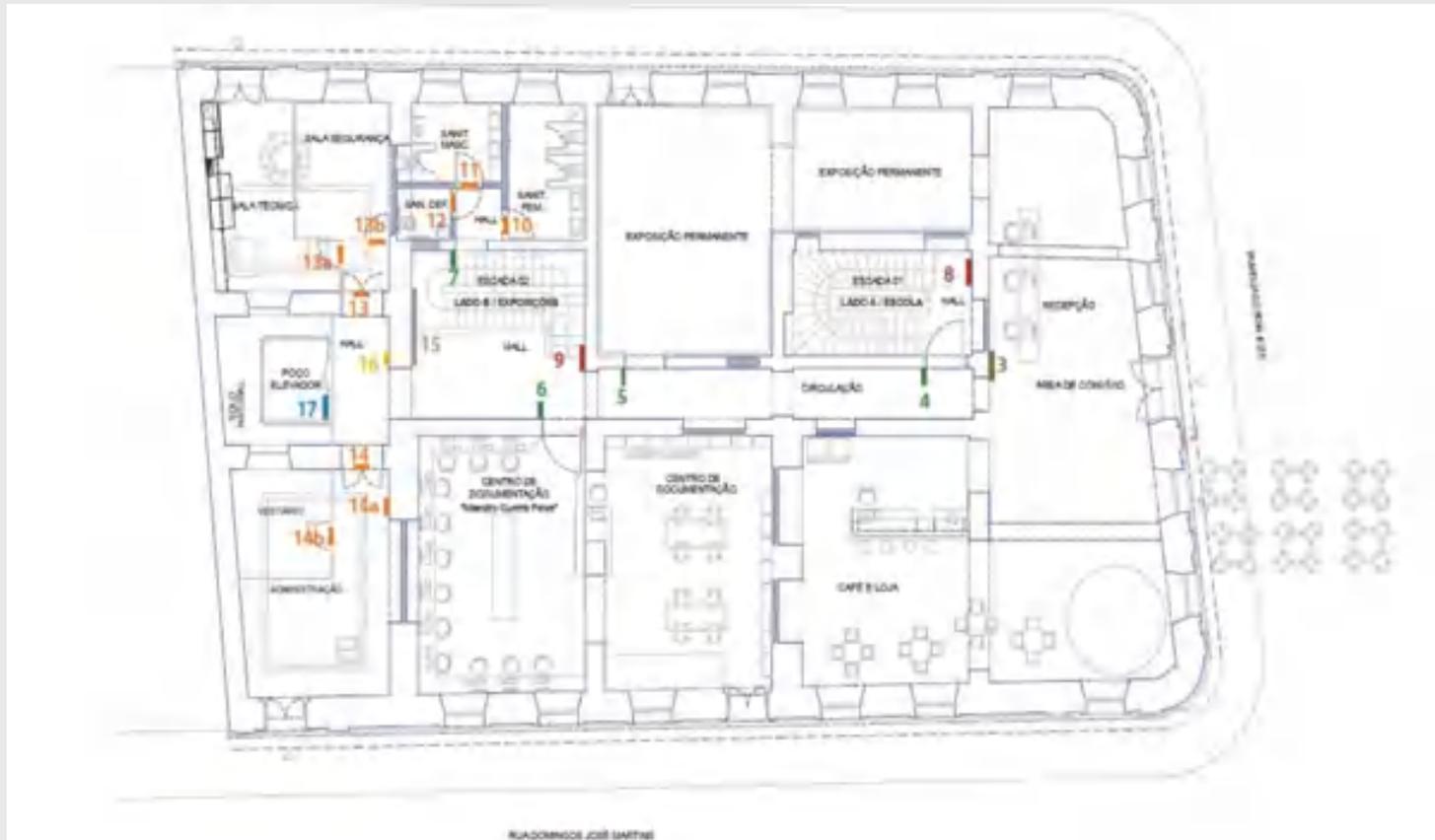


Figura20: Pavimento térreo, Paço do Frevo

Fonte: CARVALHO, Rosane Maria Rocha. Plano Museológico do Paço do Frevo

Segundo seu Plano Museológico, o ecletismo do prédio está associado a sua função comercial original, que seguia tendências da capital carioca, além de expressar os ideais da reforma urbana de 1910, uma das mais importantes da história da cidade, que tinha como referência a cidade de Paris, congregando elementos do movimento barroco, neoclássico, oriental e vários outros.



Figura21: Primeiro pavimento, Paço do Frevo

Fonte: CARVALHO, Rosane Maria Rocha. Plano Museológico do Paço do Frevo

Já o Programa de Necessidades do local possui três vertentes de atuação: o ensino de música e da dança do frevo, o atendimento ao público e a programação cultural. Desse modo, o projeto pedagógico do local foi criado a partir de um grupo multidisciplinar, com profissionais de diferentes áreas, à exemplo de educadores, músicos e bailarinos.

De acordo com Oliveira (2017), o projeto do Paço do Frevo levou em conta a falta de locais voltados ao ensino específico e aprofundado dessa manifestação artística, tornando diretriz a concepção de um lugar que permitisse além do registro, o desenvolvimento de vivências e aprendizado. Assim, além de cursos, o espaço oferece outras ações educativas pontuais, para os visitantes, como oficinas artísticas e apresentações de curta duração.

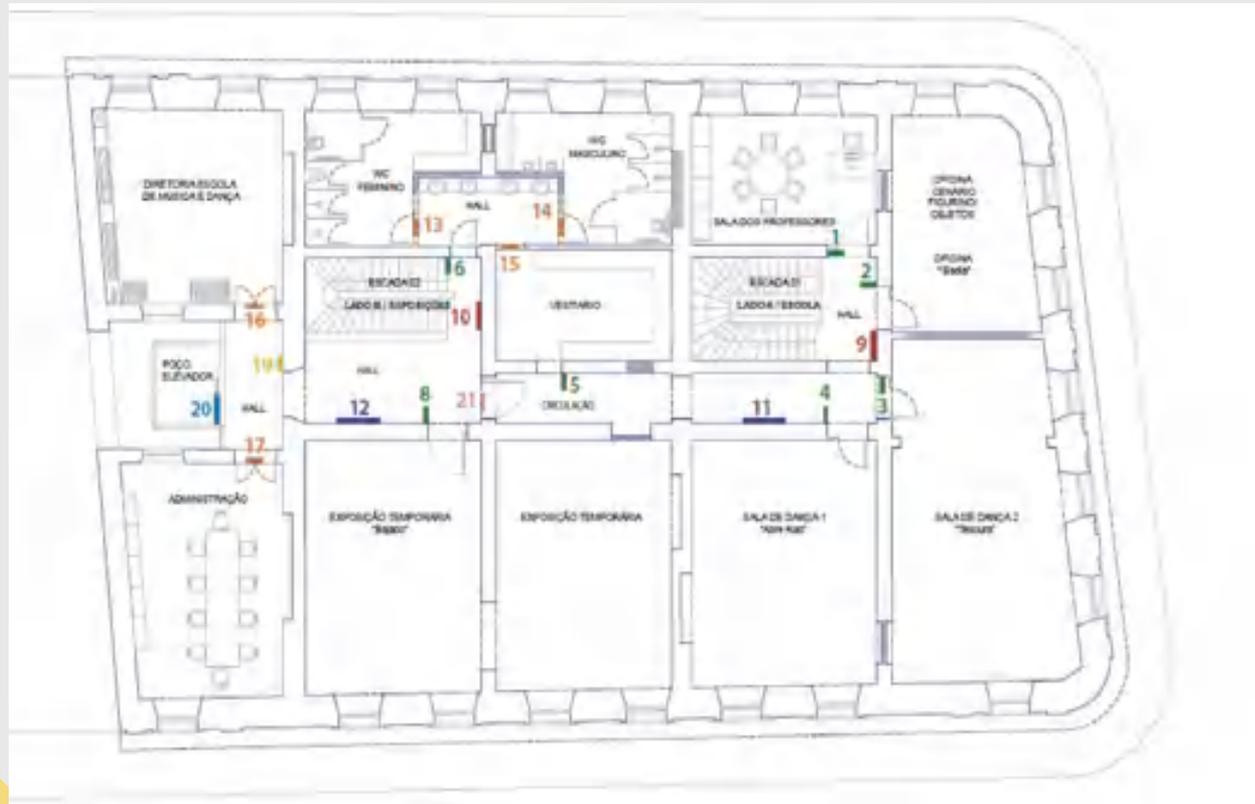


Figura22: Segundo pavimento, Paço do Frevo

Fonte: CARVALHO, Rosane Maria Rocha. Plano Museológico do Paço do Frevo

Quanto a suas Estruturas Formais, o museu trata-se de uma adequação de novo uso a uma edificação já existente, considerada patrimônio histórico. Desse modo optou-se por distribuir no térreo o café, a venda de produtos, a sala de exposição de longa duração, o núcleo de pesquisa e documentação, a sala técnica e a administração, enquanto no primeiro pavimento funciona a escola de música, no segundo a escola de dança e no terceiro mais um hall de espaços públicos.

Vale salientar que foi realizado um Programa de Segurança para o funcionamento de cada um dos ambientes e abrigo das atividades, que se assentou em quatro pilares: análise de riscos, meios técnicos, humanos e organizacionais, totalmente relacionado ao projeto e seu programa arquitetônico, obedecendo critérios de acessibilidade, circulação, saídas de emergência, zoneamento e instalações previstas (CARVALHO, 2013).

O LUGAR	O paço do Estú localizada no perímetro tombado do Centro Histórico do Recife. Situada a poucos metros do Marco Zero, é rodeado por equipamentos culturais, de natureza tanto pública como privada. Antes de ser um local de conservação de memória, a edificação abrigava a Western Telegraph Company, uma empresa telegráfica britânica. O edifício fica em frente a Praça do Arsenal da Marinha.
PROGRAMA	Já o Programa de Necessidades do local tem três vertentes de atuação: ensino de música e dança do frevo, atendimento ao público e programação cultural. O projeto pedagógico do local foi criado a partir de um grupo de profissionais de diferentes áreas, foram consultados educadores, músicos e bailarinos. De acordo com Oliveira (2017) a construção do lugar levou em conta a falta de locais voltados ao ensino específico e aprofundado do Frevo, dessa forma, foi concebido no local um espaço que além de ser registro também é vivência e aprendizado.
CONSTRUÇÃO	No quesito construção, segundo Oliveira (2017) é estimado que o prédio tenha sido construído no início do século XX, provavelmente no ano de 1906. Para considerações das estruturas formais, foi construído em estilo Neoclássico inglês tardio, com inspiração renascentista. O local tem uma área de, aproximadamente, 2.270 m ² e está dentro do perímetro tombado pelo IPHAN no centro histórico do Recife. Seria importante uma foto da fachada aqui, nem que fosse do Google Street View.
ESTRUTURAS FORMAIS	Quanto ao espaço físico, o local possui salas de aula, salas de dança, locais para ensaios individuais, espaço de exposições permanentes ou temporárias, estúdios e um lugar para documentação do acervo. Estes ambientes estão dispostos em quatro pavimentos, no local ainda funciona uma rádio e um café.

Quadro 1: Síntese analítica Paço do Frevo

Fonte: Produzido pela autora

3.3 CASA DO CARNAVAL

A Casa do Carnaval é um museu criado para contar a história da folia baiana. O espaço é um museu permanente na capital, Salvador (BA), que convida os visitantes à uma viagem visual e sensorial, com diversos recortes temáticos da festa, relembrando transformações sociais e chamando a atenção para a formação da identidade do povo baiano. O espaço reúne adereços, instrumentos musicais, figurinos usados por artistas locais e vídeos que contam a história da festa.



Figura23: Fachada Casa do Carnaval

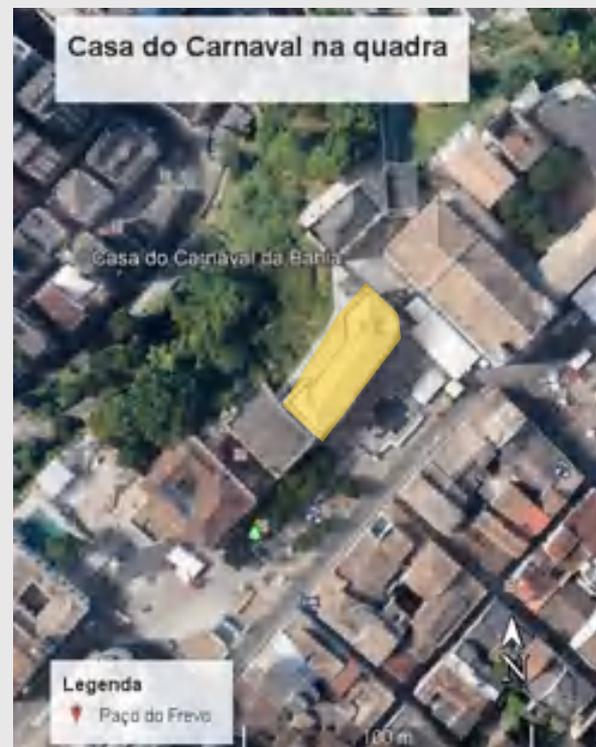
Fonte: Fábio Marconi

Segundo a Prefeitura de Salvador, a Casa do Carnaval funciona no Centro Histórico, ao lado da Catedral Basílica de São Salvador (tombada em 1938), entre o Terreiro de Jesus e a Praça da Sé, com vista para a Baía de Todos os Santos, entre as Cidades Alta e Baixa.



Figura24: Localização Casa do Carnaval

Fonte: Produzido pela autora



 Casa do Carnaval

Mapa2: Localização Casa do Carnaval

Fonte: Google Earth com modificação da autora

Após ter sido, por vários anos, utilizada por um agrupamento da Polícia Militar, a edificação foi restaurada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), através do PAC Cidades Históricas (Programa de Aceleração do Crescimento) para implantação do projeto (ARCHDAILY BR, 2017).

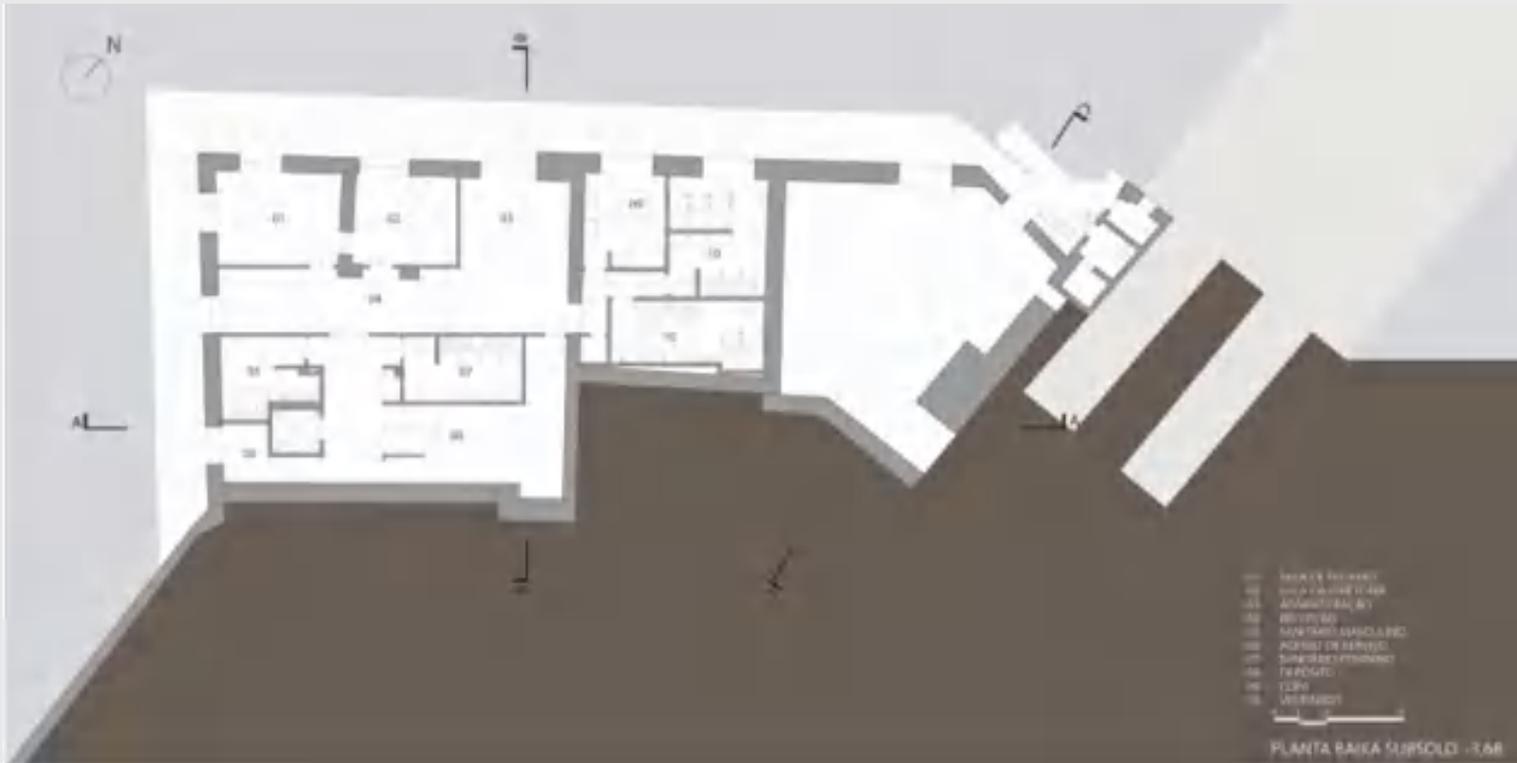


Figura25: Planta Baixa Subsolo Casa do Carnaval

Fonte: Archdaily

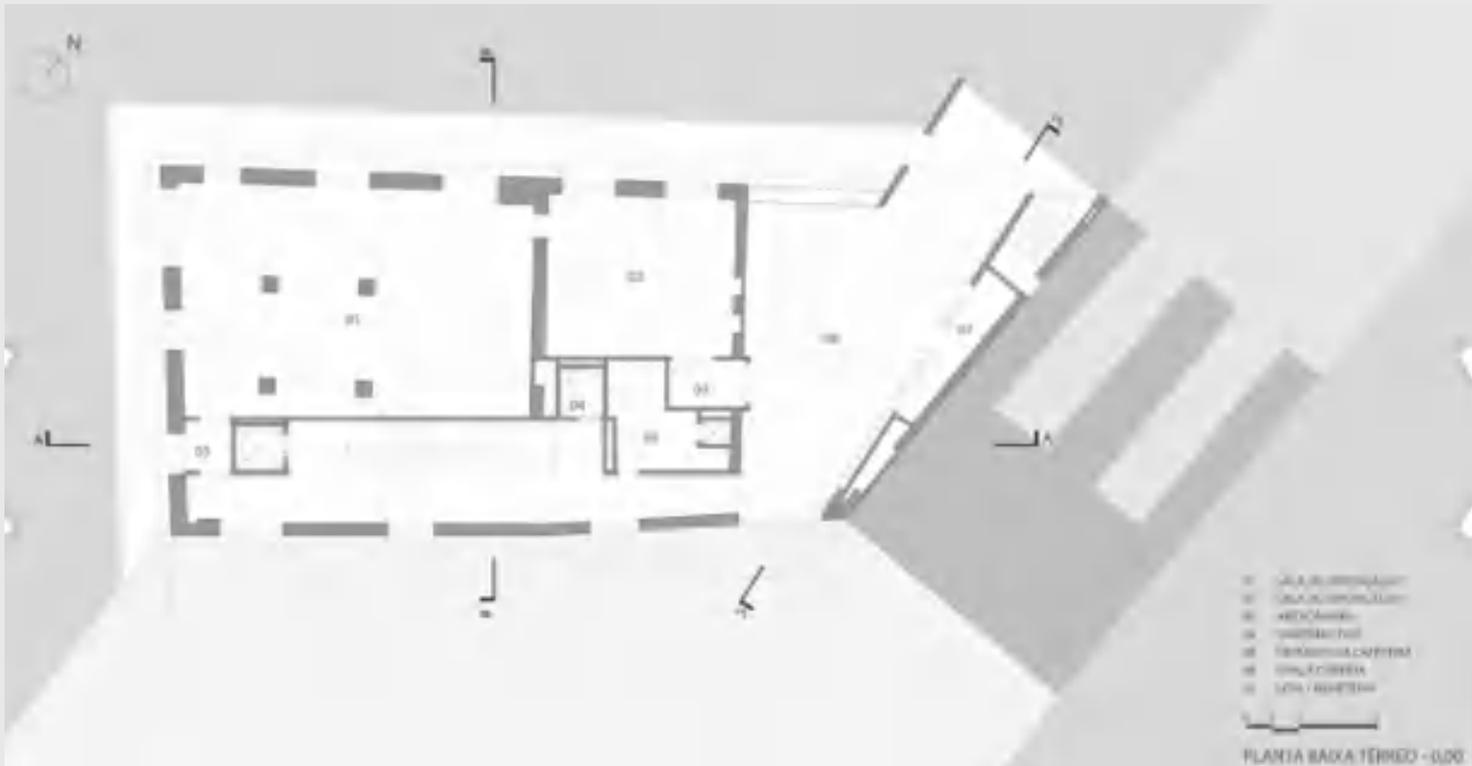


Figura26: Planta Baixa Térreo Casa do Carnaval

Fonte: Archdaily

No que tange a Construção, a edificação é eclética, com dois pavimentos, um subsolo e um acréscimo construído posteriormente entre a mesma e o Plano Inclinado Gonçalves, seguindo a linha construtiva da edificação principal. Ou seja, atualmente o local tem quatro pavimentos: o térreo, o primeiro andar, o terraço e o subsolo.

O edifício está dentro do conjunto Arquitetônico, Paisagístico e Urbanístico do Centro Histórico de Salvador, tombado em 1984 e incluso na Lista do Patrimônio Mundial da Unesco em 1985.

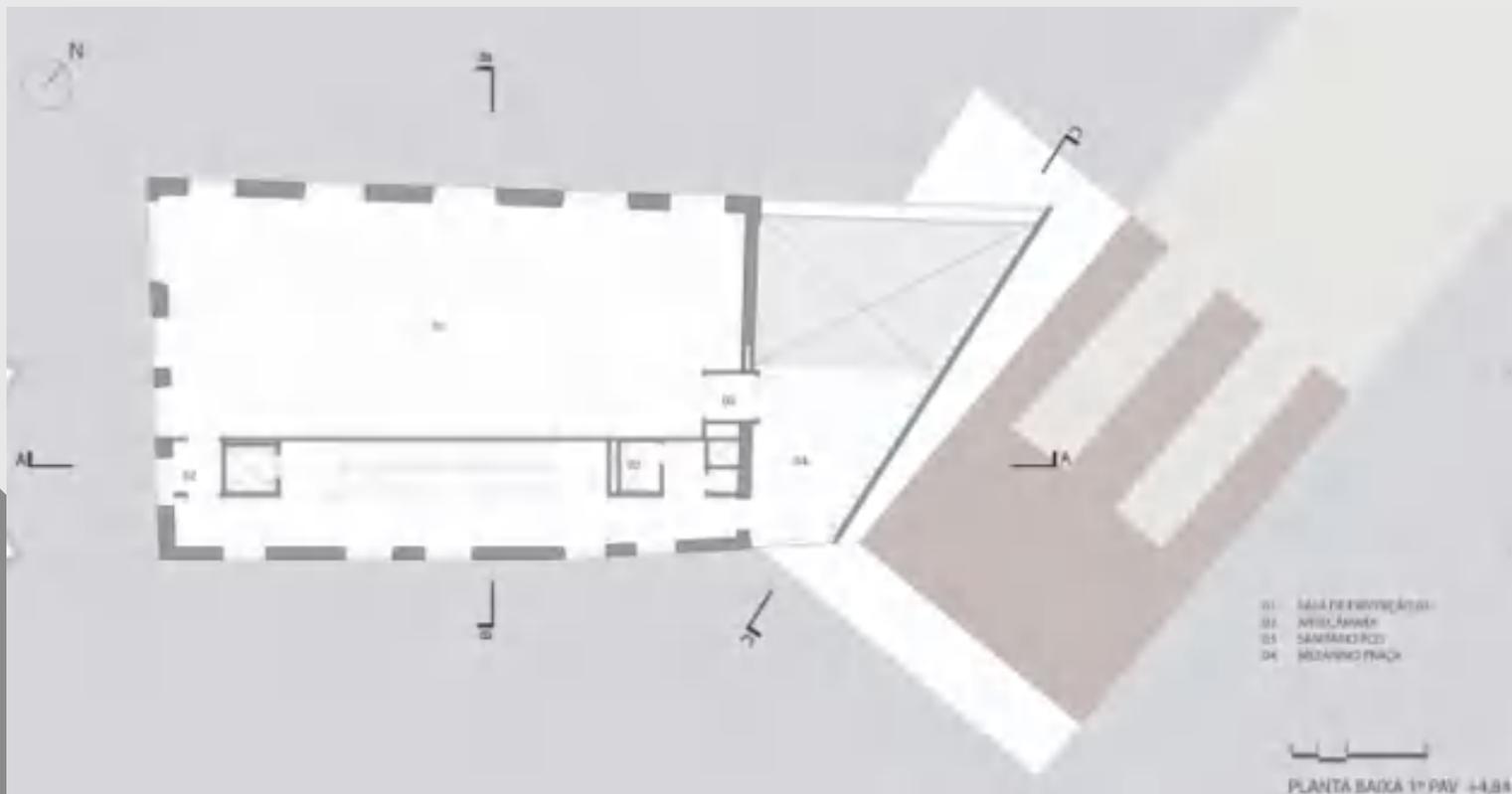


Figura27: Planta Baixa primeiro pavimento Casa do Carnaval

Fonte: Archdaily

O Programa de Necessidades contempla a exposição de maquetes, roupas e instrumentos de artistas, assim como fotos e documentos históricos. Além disso, dois cinemas foram incorporados para os visitantes aprenderem sobre o carnaval e seus ritmos. Faz parte ainda das atividades projeções e interações virtuais, visando experiências particulares no local.

A Casa do Carnaval conta com grandes salas de exposição e apresentação, salas de reunião, administração, recepção, antecâmara e uma sala telemática no mezanino. Estes ambientes são divididos em três pavimentos, e um terraço para pequenas apresentações, distribuídos numa área de 1340 m².

Vale salientar que o projeto foi assinado pelo escritório A&P Arquitetura e Urbanismo, que decidiu conservar quase que integralmente a estrutura original: fachadas, paredes autoportantes, colunas do pavimento térreo e lajes; e intervir de forma radical com o novo (ARCHDAILY BR, 2017). Todavia, não há registro de Plano Museológico para maior aprofundamento de análise.



Figura28: Interior Casa do Carnaval

O LUGAR	A Casa do Carnaval funciona no Centro Histórico, ao lado da Catedral Basílica de São Salvador, entre a Terreira de Jesus e a Praça da Sé. Com vista da Bola de Todos os Santos, das Cidades Alta e Baixa, encontra-se na vizinhança da Catedral Basílica de Salvador, tombada em 1938. Antes de abrigar a Casa do Carnaval, edificação estava abandonada, após ter sido, por vários anos, utilizada por um agrupamento da Polícia Militar.
PROGRAMA	Sobre o programa de necessidades, esse museu utiliza de maquetes, roupas e instrumentos emprestados por artistas, fotos e documentos históricos também são expostos. Além disso, dois cinemas estão disponíveis para as visitantes aprenderem sobre o carnaval e seus ritmos. No próprio acervo, ainda, existem projeções e interações virtuais que faz as visitantes terem experiências particulares pela local.
CONSTRUÇÃO	Com relação a construção, a edificação é eclética, com dois pavimentos mais subsolo, constava de um acréscimo realizado posteriormente entre a mesma e a Plano Inclinada Gonçalves, seguindo a linha construtiva da edificação principal. Ou seja, atualmente o local tem quatro pavimentos: o térreo, o primeiro andar, o terraço e o subsolo. O edifício está dentro do conjunto Arquitetônico, Paisagístico e Urbanístico do Centro Histórico de Salvador, tombado em 1984 e incluído na Lista do Patrimônio Mundial da Unesco em 1985.
ESTRUTURAS FORMAIS	O local conta com grandes salas de exposição e apresentação, salas de reunião, administração, recepção, antecâmara e uma sala telemática no mezanino. Estes ambientes são divididos em três pavimentos, acima existe ainda um terraço para pequenas apresentações.

Quadro2: Síntese analítica Casa do Carnaval

Fonte: Produzido pela autora

3.4 ANÁLISE PARA PROPOSTA CASA DE CULTURA JUNINA

A cultura junina não é reconhecida enquanto patrimônio imaterial, como o frevo. No entanto, é inegável a importância da mesma para a cidade de Campina Grande (PB), de modo que esse trabalho tem como objetivo chamar a atenção para a preservação da tradição, incentivando a construção de uma Casa de Cultura que seja aberta ao público o ano inteiro.

Diante dos correlatos analisados, percebemos como a utilização de um espaço como Museu pode colaborar para registro e vivência de festas populares, salvaguardando culturas de massa que são vivas e estão em constante transformação. Assim, torna-se necessário escolher quais critérios projetuais devem ser utilizados para recorte do que se intenciona promover, de modo que segue os aspectos mais interessantes de cada caso estudado:

COR	SOLUÇÕES DO CORRELATO	A SER USADO NO PROJETO
PAÇO DO FREVO	Local de implantação próximo a festividades do referentes ao frevo	Local de implantação próximo ao local de maior concentração de festividades juninas
	Ter mais de uma vertente de atuação, não ser apenas museu	Local com vertente de registro e de imersão na cultura junina
	Programação cultural fixa por todos os meses do ano	Ter um local com programação cultural junina fixa
	Café, local para apresentações, locais para imersão da cultura	Inserir no programa ambientes com as mesmas funções
	Exposições permanentes e temporárias	Ter os dois tipos de exposições
CASA DO CARNAVAL	Local de implantação próximo a festividades do carnaval	Local de implantação próximo ao local de maior concentração de festividades juninas
	Projeções, interações visuais, formas diferentes de viver e registro histórico	Abordar, de diferentes formas, o jeito de expor as obras e documentos
	Programação cultural fixa por todos os meses do ano	Ter um local com programação cultural junina fixa
	Espaço para apresentações e mezanino	Inserir no programa ambientes com as mesmas funções

Quadro3: Síntese soluções projetuais

Fonte: Produzido pela autora

Em ambos correlatos, foram escolhidas edificações históricas desativadas para revitalização e implantação das propostas, localizadas nas respectivas áreas históricas de suas cidades. No nosso caso, o local escolhido não faz parte de nenhum conjunto arquitetônico tombado, todavia é um terreno sem uso próximo a locais representativos para os festejos juninos.

No que tange ao programa de necessidades, o projeto tem como base as três vertentes de atuação do Paço do Frevo: ensino de música e dança, atendimento ao público e programação cultural. Desse modo, a ideia de envolver pessoas especialistas nesse tipo de cultura, e até mesmo nas decisões tomadas para o local, também será tomada como diretriz. Além disso, o espaço para cafés e a recepção e administração no térreo também serão referências importantes para a Casa de Cultura Junina, assim como a existência de espaço para apresentações e eventuais oficinas.

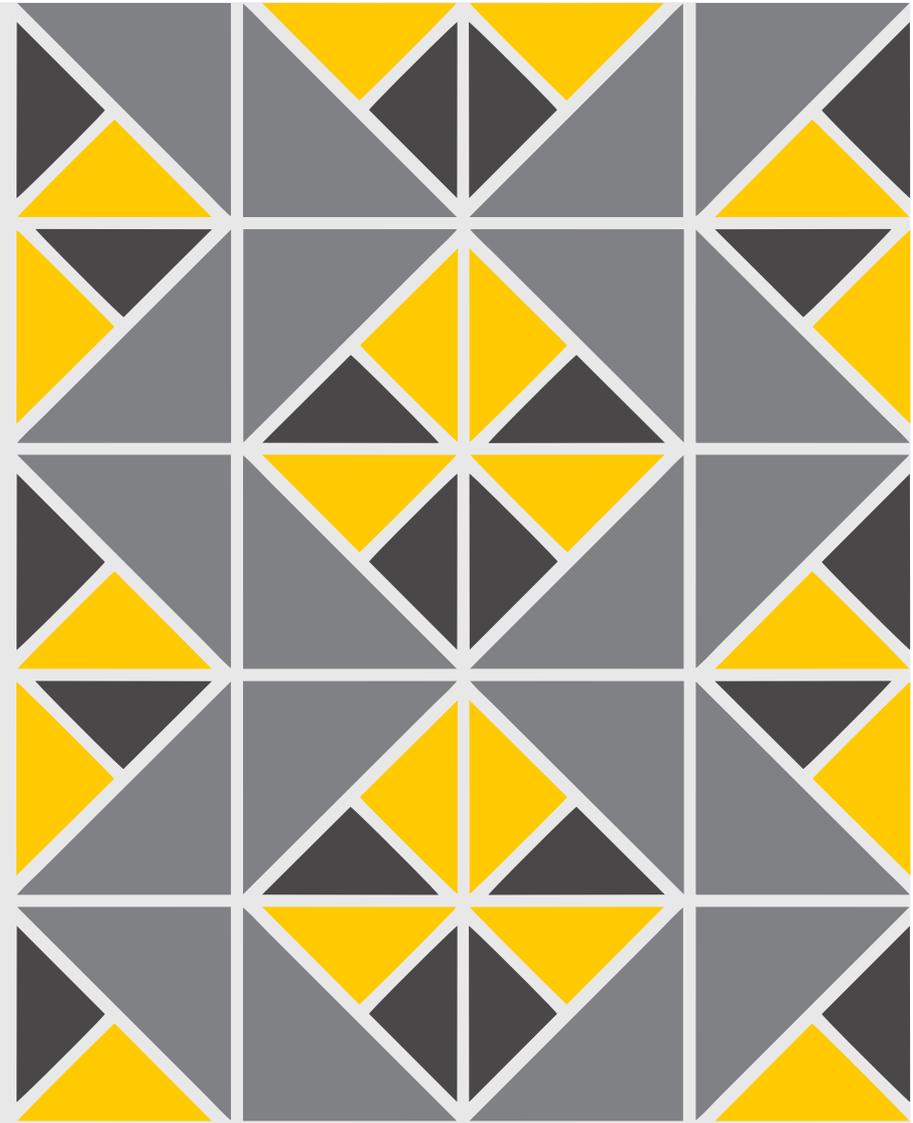


Figura29: Terreno visto da rua Elias Asfora

Fonte: Google Maps

A Casa do Carnaval contribui diretamente para as referências projetuais com seus espaços sensoriais, que usam a tecnologia para provocar imersões e sensações no usuário, além de inspirar a criação de espaços para apresentações e exposições de roupas, documentos e fotos históricas.

A proposta da Casa de Cultura Junina nasce, portanto, como uma operação quase que poética, ancorada na memória, no intuito de contribuir para o fomento de atividades diretamente associadas a cultura e identidade do povo campinense. Uma possibilidade futura de intervenção técnica em prol da memória coletiva.



4. PROPOSTA ARRAIAL

4. A PROPOSTA ARRAIAL

O presente capítulo trata da proposta em si. No primeiro tópico são apresentados a análise do entorno e a inserção do terreno no local. Em seguida são analisados os espaços e equipamentos culturais juninos e por fim, o memorial justificativo que explica toda a proposta, incluindo suas etapas de concepção projetual.

4.1 ANÁLISE DO ENTORNO

O terreno escolhido para implantação do projeto encontra-se localizado no Bairro Centro da cidade de Campina Grande (PB), o qual concentra os principais pontos turísticos, espaços livres públicos e atividades comerciais e de serviços, mais especificamente entre as ruas Elias Asfora e Deputado Álvaro Gaudêncio (ver Mapa3).

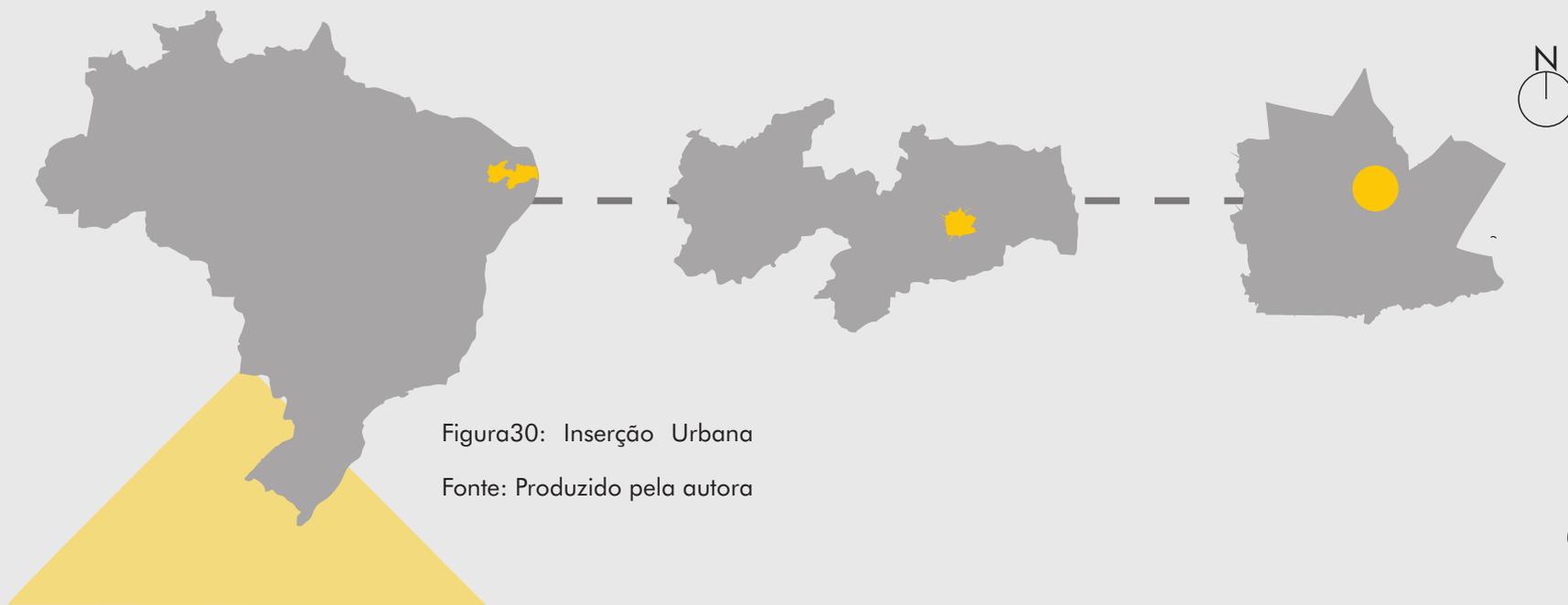
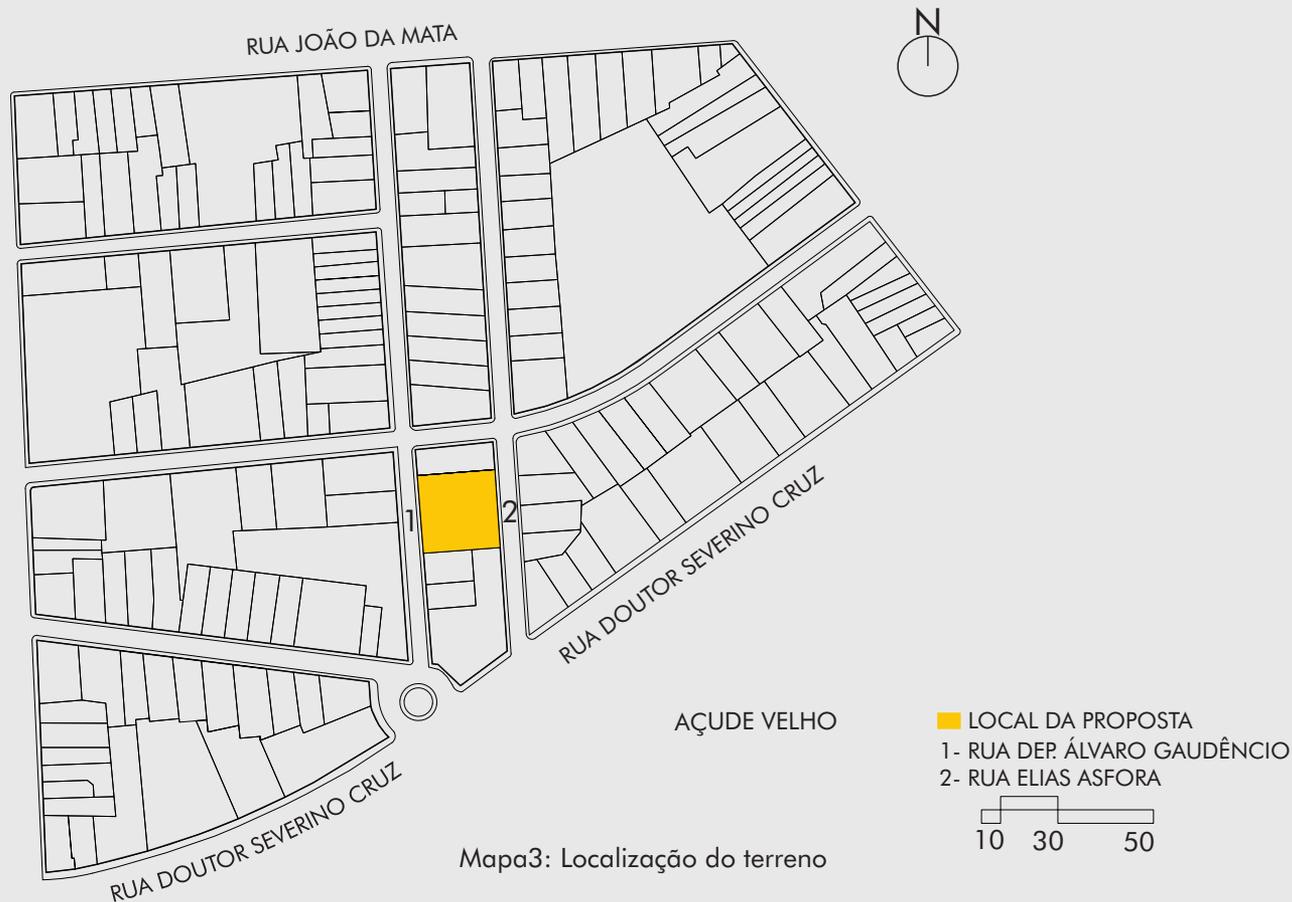


Figura30: Inserção Urbana

Fonte: Produzido pela autora

Considerada um dos polos industriais do Nordeste, a cidade tem sua origem e evolução urbana a partir desse núcleo central, onde comerciantes que viajavam do sertão ao litoral vislumbraram na região um potencial ponto de encontro para trocas e negócios diminuindo distâncias (QUEIROZ, 2016).

Atualmente, Campina Grande possui uma população de aproximadamente 411.807 habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa do estado da Paraíba, contando com 49 bairros em sua zona urbana. Geograficamente está situada no Agreste paraibano e abrange uma área de 591,658 km² (IBGE, 2020).



Segundo Lamas (1993), o estudo da morfologia urbana é fundamental para o reconhecimento dos componentes e elementos que estruturam as cidades em diferentes escalas, podendo ser entendido, inclusive, como um estudo sobre as formas e fenômenos que lhes dão origem. Portanto, considerando um raio de 500m do terreno escolhido, será analisado: (i) Usos do solo; (ii) Fluxos; (iii) Hierarquia viária; (iv) Modais e (v) Infraestrutura.

Vale salientar que, de acordo com o Plano Diretor da cidade (Lei Complementar nº. 003/2006), o local encontra-se na Zona de Qualificação Urbana, caracterizada por seus usos múltiplos, sendo possível a intensificação do uso e ocupação do solo, em virtude de suas condições físicas e da existência de uma infraestrutura urbana já consolidada. Ainda segundo ele:

Art. 15. São objetivos da Zona de Qualificação Urbana:

I – ordenar o adensamento construtivo, permitindo o adensamento populacional onde este ainda for possível, como forma de aproveitar a infra-estrutura disponível;

II – evitar a saturação do sistema viário;

III – ampliar a disponibilidade de equipamentos públicos, os espaços verdes e de lazer.

(CAMPINA GRANDE. Prefeitura Municipal. Lei Complementar nº 003, de 09 de Outubro de 2006.)

Como podemos observar no mapa 4, o terreno está inserido em uma região bastante residencial, mas que comporta em seu entorno comércios, serviços, instituições e até mesmo espaços livres, como é o caso do Açude Velho, cartão postal da cidade, e do Parque da Criança - ambos espaços já consolidados e bastante utilizados.



Mapa 4: Uso do solo

Fonte: Produzido pela autora

Tal situação sinaliza que os usuários da Casa de Cultura Junina poderão ter acesso a diferentes tipos de usos do solo nas adjacências da mesma, sem precisar de grandes deslocamentos. Como nos mostra o mapa 3 (cheios e vazios), as quadras são bem adensadas, embora ainda existam lotes sem edificações ou construções sem uso dada a alta especulação imobiliária do local.



-  Cheios
-  Vazios
-  Local da proposta
-  Raio 500 metros

30 50 100



Mapa5: Cheios e Vazios

Fonte: Produzido pela autora

Sabendo que a hierarquia viária é definida como o sistema de vias de um espaço, responsável por definir os fluxos de movimento e, conseqüentemente, o desenho do espaço urbano, temos que as vias que circundam o local são, segundo a Secretaria de Planejamento, Gestão e Transparência de Campina Grande (SEPLAN), vias arteriais secundárias ou vias coletoras. Como é possível ver no mapa 6, a Rua Elias Asfora, tal como a Rua Deputado Álvaro Gaudencio, caracteriza-se como coletora, dada a definição do Plano de Mobilidade Urbana de Campina Grande (2015):

LXIII. VIA: superfície por onde transitam veículos, pessoas e animais, compreendendo a pista, a calçada, o acostamento, ilha e canteiro central;

LXIV. VIA ARTERIAL: via caracterizada por interseções em nível, geralmente controlada por semáforo, com acessibilidade aos lotes lindeiros e às vias locais, possibilitando o trânsito entre as regiões da cidade;

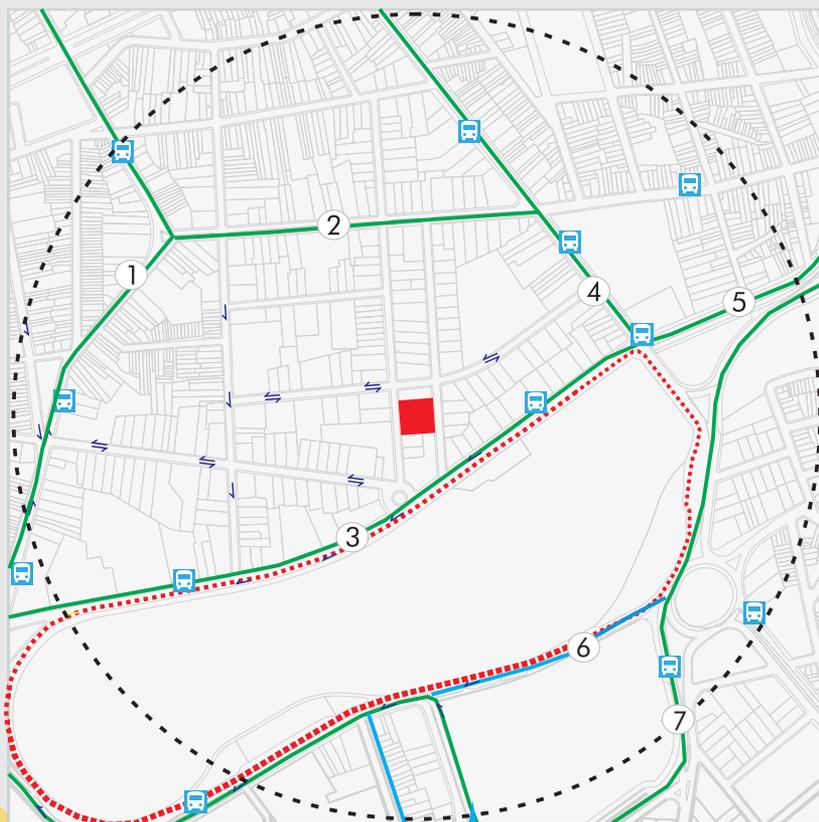
LXV. VIA COLETORA: via que coleta e distribui o tráfego oriundo de vias locais, permitindo também os itinerários de transporte coletivo dentro, preferencialmente, de cada bairro;

LXVI. VIA ESTRUTURAL: via que constitui a ossatura principal do Sistema Viário, dando suporte ao transporte coletivo urbano;

LXVII. VIA LOCAL: via que dá suporte ao tráfego local.

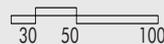
(Plano de Mobilidade Urbana de Campina Grande – PB (2015). Disponível em: <https://www.mobilize.org.br/estudos/257/plano-de-mobilidade-urbana-de-campina-grande-pb.html> . Acesso em 24 de novembro de 2020)

O local conta ainda com algumas ciclovias no seu raio de 500 metros, uma ao redor do açude e outras duas que se interligam a esta e seguem para as direções oeste e sul.



- 1- Rua Vidal de Negreiros
- 2- Rua João da Mata
- 3- Rua Dr. Severino Cruz
- 4- Rua Vila Nova da Rainha
- 5- Rua João Florentino de Carvalho
- 6- Rua Paula de Frontin
- 7- Avenida Canal

- Local da proposta
- Via arterial secundária
- Via coletora
- - - Ciclovias
- Raio 500 metros
- Pontos de onibus



Mapa6: Mapa hierarquização viária, modais e fluxos

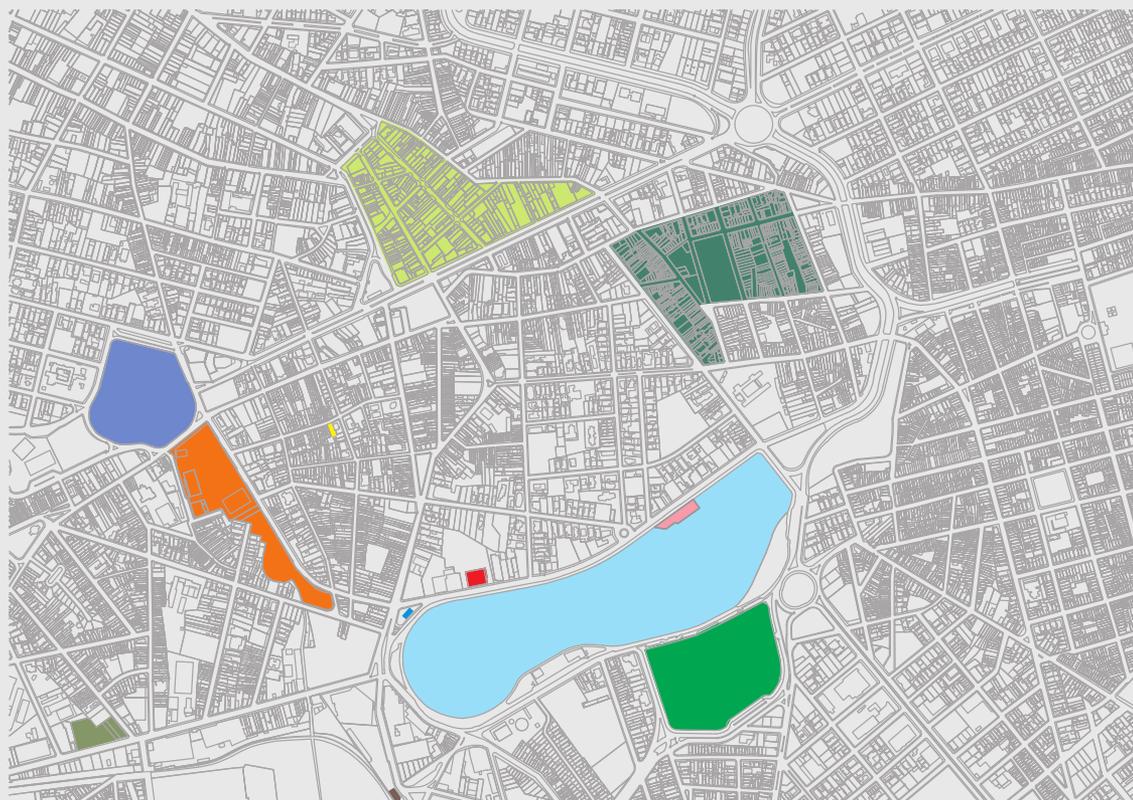
Fonte: Produzido pela autora

Em relação a conectividade do local escolhido com o transporte público de Campina Grande, ponto relevante no quesito acessibilidade, foi possível perceber que há uma variedade de linhas que circulam pela região. Ao todo temos cinco linhas para dez pontos de parada.

Quanto à infraestrutura básica, o local é bem servido de energia, abastecimento de água, coleta de lixo e esgoto, apresentando índices máximos segundo informações da SEPLAN. De acordo com os mapas disponíveis no site da Secretaria, o serviço que pontua menor excelência é o do fornecimento de energia, apresentando mesmo assim níveis altos de uso.

4.2 ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS CULTURAIS JUNINOS

Como na maioria dos municípios do Nordeste, o São João sempre foi comemorado em Campina Grande. Como apresentado nos itens anteriores, no início este era realizado pelas famílias, nas ruas, nos sítios ou clubes da cidade. Com o passar dos anos, o poder público percebeu este amor do campinense pelos festejos Juninos e investiu no mesmo. Dessa forma, há quase 40 anos campina grande celebra “O Maior São João do Mundo”. No mapa 7, é possível perceber a localização dos espaços e equipamentos culturais juninos, bem como de alguns museus importantes que registram aspectos históricos e culturais importantes para a cidade.



- | | | |
|--|--|--|
| ■ Parque do Povo | ■ Museu Digital | ■ Museu de Arte Popular da Paraíba |
| ■ Perímetro Art Decó | ■ Vila do Artesão | ■ Museu do Algodão |
| ■ Perímetro Feira Central | ■ Parque Açude Novo | ■ Memorial Maior São João do Mundo |
| ■ Açude Velho | ■ Parque da Criança | ■ Local da Proposta |

Mapa7: Mapa de equipamentos

Fonte: Produzido pela autora

O quartel general do forró é atualmente o Parque do Povo, local com mais de quarenta mil quilômetros quadrados que vem sediando a festa desde sua fundação. No local existe a reprodução da época que Campina Grande ainda era vila: a "Vila Nova da Rainha". Com uma média de quinze pequenas casas, igreja e um coreto, essa Vila cenográfica foi construída para fazer referência a edificações históricas importantes para a identidade e a memória coletiva da cidade, sendo um lugar onde os turistas podem comprar artesanato e observar os processos de fabricação destes.

Sendo assim, no Parque do Povo, é possível observar simulacros de edificações e lugares importantes da cidade, alguns deles já inexistentes ou em ruínas, compondo um cenário a partir de vários símbolos da história da cidade, como a Catedral Nossa Senhora da Conceição, que foi a primeira igreja e atualmente é a catedral de Campina Grande. Além disso, existem réplicas do Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande e do Cassino Eldorado. Este último, que atualmente encontra-se em ruínas, foi palco para grandes atrações nacionais que se apresentavam na cidade nas décadas de 1930 a 1950.

Além de espaços culturais que relembram a antiga Campina Grande, existem espaços para o típico forró, além do grande palco principal. Ilhas de forró se espalham por todo o Parque do Povo, espaços reservados para danças onde se privilegia o forró pé-de-serra. Estes locais visam relembrar, relativamente, as palhoças juninas que existiam no meio rural.

Para tornar o Parque ainda mais típico, uma fogueira cenográfica de 20 metros de altura é instalada todos os anos. Existe, ainda, a Pirâmide, um espaço aberto, coberto e com mil metros quadrados, onde os forrozeiros dançam e assistem as apresentações das quadrilhas juninas, já que no mesmo local ocorre o concurso municipal de quadrilhas juninas de Campina Grande.

Apesar dessa grande estrutura, o local permanece montado por apenas trinta dias no ano. Durante os outros trezentos e trinta e cinco dias o Parque do Povo é um grande pátio sem muitos usos específicos, salvo quando abriga o Encontro da Consciência Cristã, no período do Carnaval, quando existe alguma festividade ou evento privado, ou ainda, quando é utilizado como estacionamento.



Figura31: Parque do Povo sem festa

Fonte: MaisPB



Figura32: Parque do Povo com festa

Fonte: Emanuel Tadeu

Apesar do Parque do Povo ser considerado por muitos o quartel general do forró, existem outros espaços de festa na cidade. Dentro da programação do São João se destaca o Trem do Forró, um passeio de trem que acontece nos fins de semana do evento e que leva seus passageiros da Estação Velha, em Campina Grande, até o distrito de Galante. Nesse distrito a festa acontece em ruas e pavilhões. O trajeto de ida e volta é feito em uma locomotiva toda decorada com motivos juninos, onde em cada vagão se apresenta um trio de forró.

Outro local importante para os festejos juninos trata-se do Sítio São João. Esse espaço, idealizado a partir da iniciativa pública e passando para a privada, corresponde a réplica de um cenário rural que reproduz o cotidiano de um sítio do passado no interior nordestino. Lá é possível visitar tipologias típicas que fazem referência a este contexto: a Igreja, a bodega, a casa de Mangaio, a Casa de Farinha e a casa do morador. Além disso, no local existe a comercialização de comidas e bebidas e acontecem apresentações culturais aos fins de semana. O Sítio São João, que não aparece no mapa de equipamentos relacionados a



cultura junina por ser o único que, atualmente, não está situado na área central, funciona apenas no período Junino, deixando assim, durante todo o ano, a cidade sem referências da festa que ocorre no mês de junho.

Figura 33: Sítio São João

Fonte: Reprodução/Memorial do Maior

Um espaço com traços juninos que funciona durante todo o ano é a Vila do Artesão, um local onde produtores da região expõem e vendem seus produtos tradicionais. O local também serve como palco de apresentações de quadrilhas juninas durante o São João. No entanto, no restante do ano o local não tem outras movimentações artísticas e se torna apenas um local de comércio.

A Feira Central não é um espaço particularmente junino da cidade, no entanto, é um local que apresenta não apenas uma importância comercial, mas sobretudo cultural. Reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em setembro de 2017, é um dos principais centros de comércio e expressão cultural do Planalto da Borborema.

Além da Feira, Campina Grande tem seu Centro Histórico tombado inicialmente a nível municipal em 1999, compreendendo o conjunto arquitetônico edificado no estilo Art Déco. Vale ressaltar que, em 2004, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (IPHAEP) estabeleceu um novo perímetro de proteção (Decreto nº 25.139/2004) ampliando-o a partir desta área inicialmente delimitada, e englobando outras como aquela na qual está localizada a Catedral de Nossa Senhora da Conceição. Em 2006, por ocasião da revisão do Plano Diretor municipal, o perímetro de proteção estadual foi reconhecido a partir da definição desta área como Zona Especial de Interesse Cultural (ZEIC).

No entanto, embora esse território seja reconhecido institucionalmente como patrimônio da cidade, ambos os locais não são divulgados como deveriam na época de festa, não sendo inclusos nos circuitos de festividades ou nos guias turísticos locais. Dessa forma, a cidade e os turistas não conhecem dois grandes patrimônios de Campina Grande que apresentam uma forte relação com a cultura junina.

Existem, ainda, dois museus na cidade que apresentam importantes registros da história e da cultura campinense, incluindo a junina. O Museu de Arte Popular da Paraíba, conhecido popularmente como o Museu dos Três Pandeiros, e o Museu Digital de Campina Grande. Ambos funcionam no entorno do mais importante cartão postal da cidade, o Açude Velho. O primeiro é obra do escritório do arquiteto Oscar Niemeyer. Seu acervo não é permanente, sendo dividido em música, literatura e artes plásticas, contando parte da história da cidade e de artistas da terra (MAPP-UEPB).

O segundo museu utiliza da tecnologia para falar sobre Campina Grande, sua atividade econômica, cidade industrial, mapas digitais da cidade, cultura e momentos historicamente relevantes. Este foi construído em homenagem aos 150 anos da cidade (SESI).

Tratando especificamente da cultural junina, como dito anteriormente, existe o Memorial do Maior São João do Mundo. Este funciona precariamente em um local de difícil acesso e pequenas dimensões, sendo de caráter particular e não tem o apoio da prefeitura. Dessa forma, o local não possui a estrutura necessária para abrigar um grande acervo que conte a história dos festejos até os dias atuais.

Tendo em vista a história da cidade e o fato de que existem locais que representam sucintamente a cultura junina em Campina Grande, é possível notar que não existe um local para salvaguardar a memória do São João e das manifestações decorrentes do mesmo. Sendo assim, é inegável a importância de um local que abrigue os registros da história da cultura junina e proporcione a seus visitantes momentos de interação e imersão, para além dos 30 dias de festa.

4.3 ESTUDOS PRÉ-PROJETUAIS

Arraial Casa de Cultura Junina, como dito anteriormente, é um projeto de um local que guarde a memória do São João de Campina Grande e que garanta que ela possa ser vivenciada durante todo o ano. Para a construção dessa proposta foram necessários vários tipos de estudos e técnicas aplicadas. Alguns já foram citados e outros estarão presentes neste memorial justificativo, tais como:

(i) Condicionantes físicos e legais; (ii) Partido e Diretrizes projetuais; (iii) Programa de necessidades; (iv) Organograma e Fluxograma; (v) Zoneamento e setorização; (vi) O Projeto; (vii) Materialidade e elementos construtivos.

4.3.1 CONDICIONANTES FÍSICOS E LEGAIS

O terreno escolhido para locação da proposta tem área igual a 1640 m², é situado no bairro centro medindo 40x41 metros. Devido a relação entre seu tamanho e a topografia da área na qual está situado, o terreno pode ser considerado plano. De formato retangular, vai de um lado a outro de uma quadra e é ladeado por duas vias locais, no lado leste Rua Elias Asfora e no lado Oeste Rua Deputado Álvaro Gaudencio. A ventilação predominante, segundo o site da Projeteee, se dá pelas orientações leste e sudeste.



Figura34: Condicionantes climáticos

Fonte: Produzido pela autora

Em relação aos Condicionantes Legais, algumas das leis mais utilizadas para guiar esse projeto foram o Plano Diretor da cidade (já citado anteriormente) e o Código de Obras de Campina Grande (Lei XXX). De acordo com esta lei o uso de atividades culturais garante que os recuos frontais devem ser de 5 metros. Sendo assim, foram traçados recuos mínimos e limite máximo para altura da edificação baseados nestes parâmetros e nas condições do terreno. O rebaixamento de meio fio, seguiu o Artigo 412 da mesma legislação, que garante a possibilidade de rebaixar 50% da testada.

O Código de Obras também defende, no anexo IX, índices e taxas tais como: Índice de aproveitamento (máximo 5,5 para edificações não residenciais da Zona de Qualificação Urbana), taxa de permeabilidade (20% do terreno) e taxa de ocupação (máximo 75% para edificações não residenciais da Zona de Qualificação Urbana). Outra lei utilizada para definição dos parâmetros projetuais foi a NBR 9050. Foram seguidas normas de rampas, plataforma elevatória, banheiros acessíveis e vãos com área mínima para manobras de cadeiras de rodas na tentativa de que todos os públicos possam utilizar este espaço com comodidade e segurança.

4.3.2 PARTIDO E DIRETRIZES PROJETUAIS

O partido projetual corresponde a registrar e imergir, expor e guardar a forma de fazer o São João “de ontem”, enquanto se brinca o São João “de hoje” e sem engessar a forma que a festividade poderá ser vivida no amanhã. O papel da edificação é contar a história de Campina Grande com as festas juninas, utilizando música, dança, imagens, roupas, simbologias e documentos, durante todo o ano.

Para chegar as Diretrizes projetuais, foi necessário primeiro observar o problema. Com isso, estes foram divididos em duas escalas: Macro e Micro. Na escala Macro foram identificados os problemas do local escolhido para o projeto, tais como: terrenos vazios, baixa vitalidade nas vias, iluminação precária e irregularidades nas calçadas. Já na escala Micro o maior problema foi a ausência de um equipamento destinado especificamente a cultura junina de uma forma geral, como se pode ver no quadro síntese a seguir.

Após a definição dos problemas, as potencialidades foram elencadas seguindo a mesma divisão de escalas. Na escala Macro foram observadas a boa infraestrutura e localização do local e já na escala micro foi observado que o terreno em questão possui dimensões e demais condicionantes ideais para a implantação desse tipo de equipamento. É possível observar no quadro abaixo:

	Problemas	Potencialidades	Diretrizes
MACRO	Vários terrenos vazios na área escolhida	Boa infraestrutura	Projetar um equipamento público em um dos terrenos vazios
	Baixa vitalidade	Área central	Com implantação do novo uso, aumentar o fluxo de pessoas
	Iluminação precária	Vegetação existente no entorno	Melhorar iluminação no entorno com o projeto
	Calçadas irregulares	Boa conexão com o entorno	Utilizar da proximidade da local com equipamentos importantes para cultura junina
MICRO	Ausência de um espaço voltado a cultura junina	Próximo a equipamentos públicos importantes Espaço suficiente para abrigar as atividades necessárias	Criação de espaço para exaltação da cultura junina
	Ausência de um espaço para apresentações de quadrilha	Não existem prédios altos na quadra do terreno	Criação de espaço para apresentações
	Ausência de um local para imersão da cultura junina	Boa ventilação	Criação de espaço para imersão na cultura junina
	Ausência de um local para registro da cultura junina	Terreno Plano	Criação de espaço para registro da cultura junina
	Ausência de um local para uso da ASQUAJU		Criação de espaço para uso da Associação das Quadrilhas Juninas

Quadro4: Análises nas escalas macro e micro

Fonte: Produzido pela autora

Em seguida, foram definidas as diretrizes seguindo o mesmo pensamento em escalas. Na escala macro foram elencadas as diretrizes de projetar um equipamento público no terreno vazio que pudesse aumentar o fluxo de pessoas na região, aumentando assim a vitalidade, e garantindo que este fique próximo a locais importantes para a cultura junina, tais como o Parque do Povo. Na escala micro as diretrizes focaram na criação de um espaço para imersão e registro da cultura junina, ademais, um espaço para apresentações de quadrilhas durante todo o ano e um lugar de apoio para a Associação de Quadrilhas Juninas - ASQUAJU CG.

4.3.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa de necessidades foi pensado após as diretrizes projetuais. Como não foi encontrada nenhuma referência ou normativa que amparasse o estudo preliminar de uma Casa de Cultura os correlatos foram fundamentais nesse processo. Definir ambientes, usos e dimensões apenas foi possível após o estudo dos dois projetos: Paço do Frevo e Casa do Carnaval.

Após elencar os ambientes, foi definido o módulo que serviu de base para esse projeto 3 x 4 metros. Juntamente com o módulo, foi necessário saber as normativas acerca do dimensionamento da legislação campinense por pessoa em locais de reunião, já que não foi encontrado para uma Casa de Cultura. Segundo o artigo 297 do código de obras, deve-se considerar 1 m² por pessoa sentada e 0,4m² por pessoa em pé. No entanto, para garantir maior conforto de quem visita o local, essas medidas foram definidas como parâmetros mínimos.

O programa de necessidade foi dividido em quatro áreas: social, exposição e vivência, serviço e administração. Informações mais detalhadas sobre essa divisão estarão no tópico de zoneamento. A capacidade máxima da edificação foi considerada como sendo de 300 pessoas. Nos períodos de maior fluxo como o Junino, a visita acontece mediante a agendamento.

ÁREA	AMBIENTE	PESSOA POR AMBIENTE	QUANTIDADE	ÁREA MÍNIMA (0,4m ² -1m ² / pessoa)	ÁREA ESTIMADA	ÁREA TOTAL
Social	HALL	20	1	8 M ²	40 M ²	230 M ²
	CAFÉ	50	1	20 M ²	90 M ²	
	RECEPÇÃO	20	1	8 M ²	40 M ²	
	ESPAÇO DE ESTAR/EXP	50	1	20 M ²	60 M ²	
Exposição e Vivência	ÁREA DE APRESENTAÇÕES	200	1	80 M ²	250 M ²	405 M ²
	SALA DE IMERSÃO 1	30	1	12 M ²	30 M ²	
	SALA DE IMERSÃO 2	30	1	12 M ²	25 M ²	
	SALA DE VÍDEO	20	1	8 M ²	20 M ²	
	SALA DE EXPOSIÇÃO 1	30	1	12 M ²	20 M ²	
	SALA DE EXPOSIÇÃO 2	30	1	12 M ²	20 M ²	
	SALA DE EXPOSIÇÃO 3	30	1	12 M ²	20 M ²	
Serviço	BWC 1	10	2	4 M ²	20 M ²	50 M ²
	BWC 2	1	2	2 M ²	5 M ²	
	LAVABO	1	2	2 M ²	5 M ²	
	ALMOXARIFADO	5	1	2 M ²	20 M ²	
ADM	SALA DE ADMINISTRAÇÃO	5	1	2 M ²	10 M ²	30 M ²
	ASQUAJU	5	1	5 M ²	20 M ²	

Quadro5: Programa de necessidades

Fonte: Produzido pela autora

4.3.4 ORGANOGRAMA E FLUXOGRAMA

Com os setores divididos e ambientes definidos, foram simulados fluxos, conexões e a organização desses ambientes. O Hall de entrada foi tido como divisor de diferentes fluxos e a Área de apresentações foi considerada como local para integração entre os caminhos. Os fluxos foram divididos entre: Visitantes do local, prestadores de serviços e pessoal administrativo (Do local e da ASQUAJU). A maioria dos ambientes foi pensada para ser mais utilizada pelos visitantes, mas de nada impede que os outros usuários do local utilizem os espaços como um todo. A partir desse estudo o zoneamento foi definido.

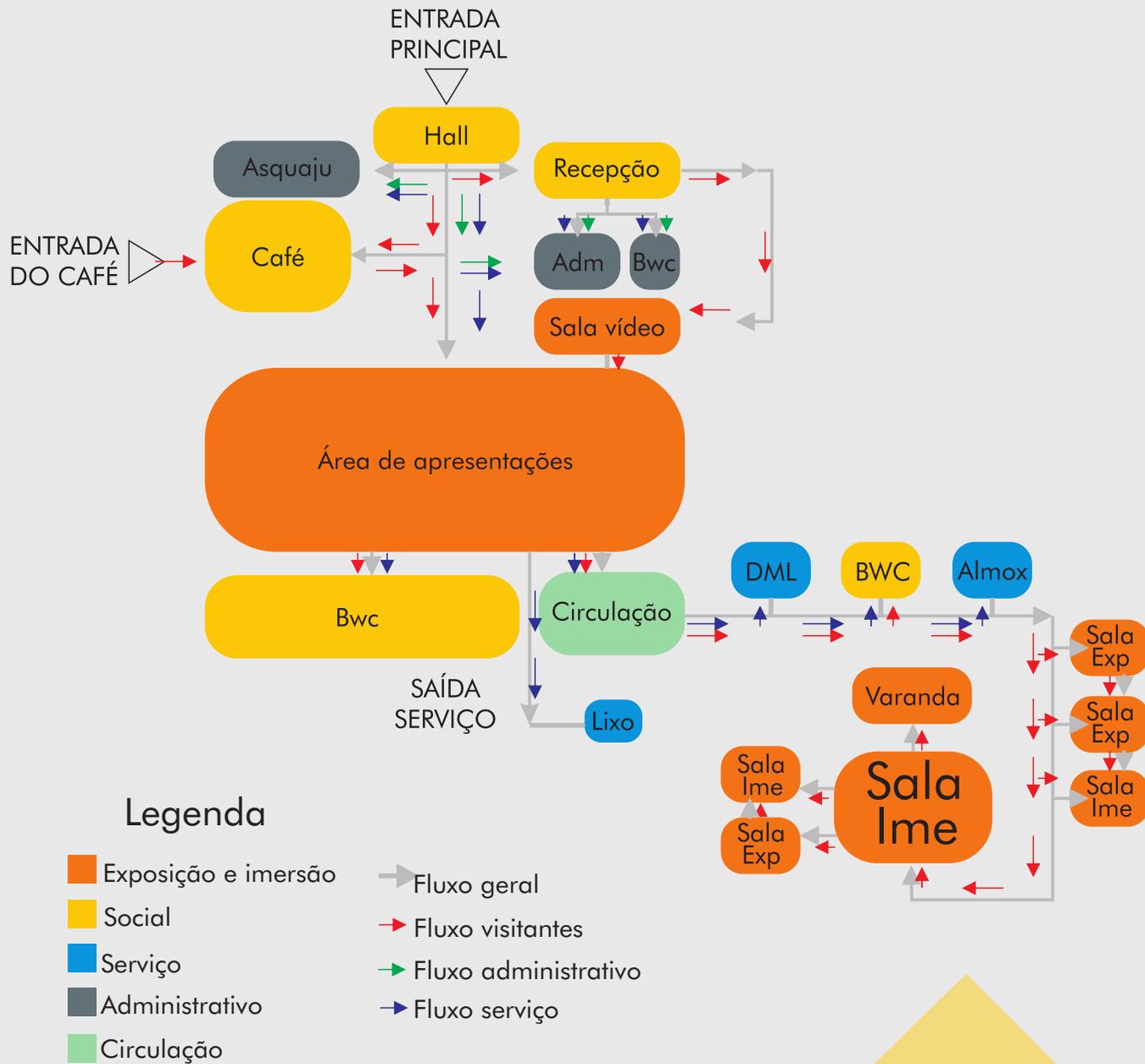
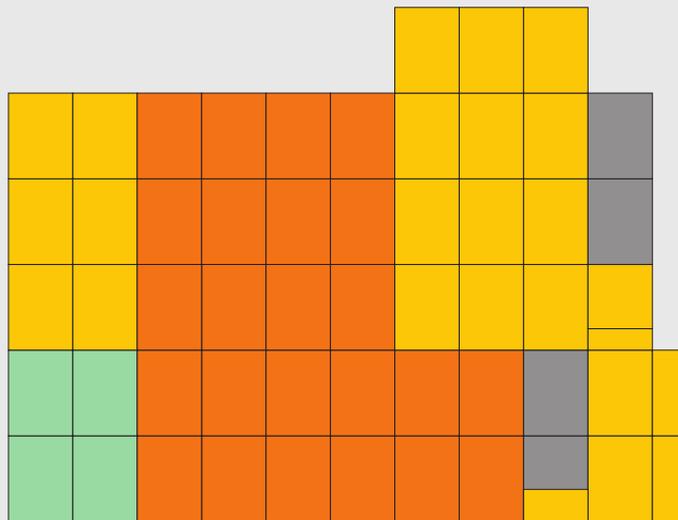


Figura35: Organograma e Fluxograma

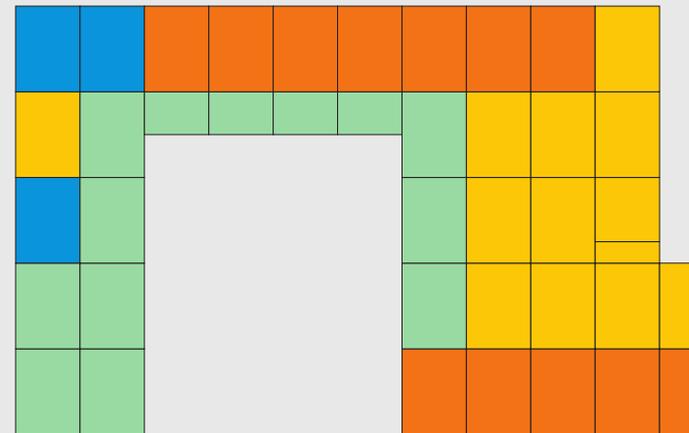
Fonte: Produzido pela autora

4.3.5 ZONEAMENTO E SETORIZAÇÃO

O zoneamento foi construído após o organograma e fluxograma. Com base nas informações obtidas, foram setorizadas por meio de manchas referentes a cada área/setor que compõe o projeto. Após isso, com os dados pré-projetuais de ambientes e dimensões, foram desenhados módulos proporcionais (previamente decididos) dentro dos recuos do terreno. Com isso, foi definido que existiriam dois pavimentos, buscando a solução mais eficiente possível para o projeto.



Térreo



1º Pavimento

- Exposição e imersão
- Social
- Serviço
- Administrativo
- Circulação

Figura36: Zoneamento

Fonte: Produzido pela autora

A disposição do zoneamento no terreno buscou minimizar a incidência solar e aumentar a permeabilidade de ventos na edificação, além de deixar a entrada principal acessível às duas vias que ladeiam o terreno, com o fim de não favorecer nenhuma em particular.

As áreas foram divididas de acordo com a função que iriam exercer. Na área social estão os ambientes que serão utilizados por todos os usuários, além de serem, em sua maioria, locais de encontro ou descanso. São ambientes como recepção, hall, lanchonete, área de estar/exposição e banheiros.

A área administrativa abriga a própria administração da Casa de Cultura, assim como o lavabo dos colaboradores e as salas da ASQUAJU. Essa área tem alguns dos ambientes de acesso mais restrito, assim como a área de serviços. O setor de serviços se encontra na cor azul e são ambientes de armazenamento de produtos e insumos, como o depósito de material de limpeza (DML) e almoxarifado.

No setor Exposição e Imersão estão todas as partes museológicas e experimentais da Casa de Cultura: Sala de vídeo, espaço para apresentação, sala de Exposição e de imersão. É nessa área que se concentra a maior parte do conteúdo da edificação. Ela diz respeito a 40% do projeto, como mostra o gráfico a seguir.

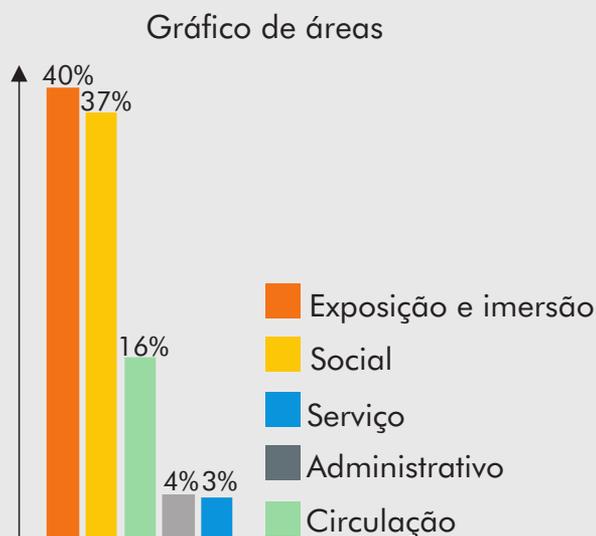


Figura37: Gráfico de áreas

Fonte: Produzido pela autora

4.4 MEMORIAL JUSTIFICATIVO

Dividido em projeto e Materialidade e elementos construtivos, o presente tópico explica e justifica as decisões da proposta final.

4.4.1 O PROJETO

Com base no estudo visto anteriormente a planta baixa do local foi traçada a partir da divisão dos pavimentos, sendo mais fácil setorizar a edificação. No pavimento térreo foram locados os espaços de administração e os que mais chamem atenção de quem vê a edificação por fora, a área de dança e o café. Já o primeiro pavimento foi definido como o espaço de registro e, também, de imersão.

A parte externa da edificação não tem muros, apenas um gradil móvel que é guardado na área de serviços durante o período diurno e montado no período noturno. Foi pensado dessa forma para garantir a permeabilidade da edificação em relação ao entorno. A ideia é convidar a vizinhança a se aproximar do local e se apropriar do espaço.

O local conta com 12 vagas de estacionamento para carros, sendo uma delas para pessoa com deficiência, e uma vaga para ônibus. As visitas em grupo deverão ser agendadas e essa vaga para ônibus será garantida da mesma forma, mediante o agendamento prévio.

A edificação se inicia por um largo hall de entrada que serve como local de espera e/ou descanso, além de dar acesso para outros ambientes como Sala da ASQUAJU, recepção e café. Isso pode ser observado na ilustração 18. Após a entrada do visitante, a recepção serve como triagem e bilheteria. Assim os visitantes poderão escolher por onde iniciarão a visita: se irão diretamente para a área de apresentações, ou se irão pela sala de vídeo, local que permite uma simples e rápida contextualização sobre a história e a importância do São João na cidade.



Figura38: Planta térreo

Fonte: Produzido pela autora

Após o vídeo, os usuários podem assistir as apresentações de quadrilhas nas arquibancadas, caso tenha no momento. Essas apresentações acontecerão em horários reservados pela própria quadrilha com a administração da casa de cultura. Esse será um espaço para visibilidade das quadrilhas para além do São João.

Existe outro acesso para os visitantes, esse se dá pelo café/lanchonete que foi idealizado como um lugar convidativo para a população adentrar no local. A linha de pensamento é que o lugar sirva refeições que já venham prontas, como salgados, bolos, doces e bebidas. Nada será cozinhado no local, no entanto, uma pequena cozinha foi pensada para alguma eventualidade e para ser um local de apoio com pia, fogão e balcões.

No mesmo pavimento ainda existem dois banheiros acessíveis, um masculino e um feminino, para visitantes e um outro (banheiro único) exclusivo para colaboradores. Não foi encontrada legislação de dimensionamento de banheiros na cidade, no entanto, considerou-se 1 sanitário para cada 50 pessoas para uma edificação cultural, com base no código de obras da cidade de São Paulo. Segundo a NBR 9050, no mínimo 5% desses banheiros precisam ser acessíveis. Sendo assim, no andar térreo existem 7 sanitários, sendo três acessíveis. Já no primeiro pavimento são dois banheiros acessíveis, totalizando 9 sanitários no local.

Os banheiros do térreo de uso dos visitantes são idênticos. Divididos em 5 cabines, três com sanitários, uma com um local para trocar de roupas e uma outra com chuveiro. O banheiro não é um vestiário, visto que os quadrilheiros já vão prontos para o local de dança e por isso não são necessários chuveiros ou locais para troca de roupa. Estes foram instalados apenas por prevenção em alguma eventualidade. No local ainda existem 3 lavatórios e um trocador infantil em cada.

Para acessar o pavimento superior os usuários podem utilizar a escada e, para pessoas com dificuldade de mobilidade, foi proposta uma plataforma elevatória que tem o tamanho de 1,10x1,40, tem capacidade de carga de 325kg, modelo cabinada da marca Monfae.



Figura 39: Plataforma elevatória

Fonte: Monfae

No primeiro pavimento existe um grande mezanino com guarda corpo. Desse local também é possível observar as apresentações. Um DML e um almoxarifado são os ambientes do setor de serviços que estão no primeiro pavimento, além disso, ainda são encontrados os dois banheiros acessíveis que foram citados de antemão.



- 1- Almojarifado
Área: 22.10m² Ⓢ3.80
- 2- Sala Exposição
Área: 22.20m² Ⓢ3.80
- 3- Sala Exposição
Área: 22.20m² Ⓢ3.80
- 4- Sala Imersão
Área: 33.30m² Ⓢ3.80
- 5- BWC
Área: 5.60m² Ⓢ3.80
- 6- BWC
Área: 5.60m² Ⓢ3.80
- 7- DML
Área: 11.00m² Ⓢ3.80
- 8- Circulação
Área: 91.25m² Ⓢ3.80
- 9- Área Estar/
Exposição
Área: 125.80m² Ⓢ3.80
- 10- Varanda
Área: 33.00m² Ⓢ3.80
- 11- Sala Exposição
Área: 22.00m² Ⓢ3.80
- 12- Sala Imersão
Área: 27.50m² Ⓢ3.80

Figura40: Planta Primeiro Pavimento

Fonte: Produzido pela autora

Esse andar é, praticamente, voltado para exposições. Com salas de exposição e de imersão interligadas entre si, no entanto com a possibilidade, caso seja necessário, de que as mesmas possam se tornar independentes ao fechar as portas que as ligam. Existe, também, uma divisória móvel que pode transformar duas salas de exposição em uma só sala de maior dimensão, especificadas no próximo tópico.

As salas de exposição devem abrigar roupas, fotos, estandartes, objetos e documentos. Já nas salas de imersão existem telas que passam vídeos de como dançar músicas juninas, experiências em 3 dimensões e com óculos de realidade aumentada, a ideia é fazer o usuário se sentir no Maior São João do Mundo. As dimensões dessas salas foram baseadas nos estudos correlatos utilizados.

Existe, ainda, um local para estar, exposição e descanso dos visitantes. Nesse local as exposições serão em painéis de 1,5x2,00 metros, apresentando linha do tempo, curiosidades e fotografias. Ademais, a varanda é um ambiente para descanso e contemplação.

A solução para a cobertura foi o mais simples possível, telhado em duas águas por trás da platibanda, laje impermeabilizada em parte do primeiro pavimento e marquises em tirantes metálicos com fechamento em vidro. Ainda existe uma marquise de 0,5 metros ao redor das janelas, com o fim de diminuir a incidência solar sobre elas.

A caixa d'água foi dimensionada de acordo com a norma técnica da Sabesp (NTS 181), a qual afirma que locais de cultura como cinemas e teatros devem presumir 1 ou 2 litros por pessoa. Como o edifício foi dimensionado para 300 pessoas, a caída d'água deveria ter 600 litros, no entanto, foi utilizada uma caixa de 2000 litros para ter uma margem de segurança.



Figura41: Planta Coberta

Fonte: Produzido pela autora

4.3.7 MATERIALIDADE E ELEMENTOS CONSTRUTIVOS

Os elementos construtivos costumam dar identidade a um projeto. Pensando nisso os elementos utilizados nessa proposta foram todos baseados em formas geométricas, previamente escolhidas variantes do logo da Casa de Cultura Arraial, que são retângulos e triângulos.

A logo dessa proposta representa elementos juninos. Vista como um topo é uma bandeirinha, que é o artefato que cobre o arraial junino. Mas a partir do momento em que os elementos se separam é possível ver metade de um balão (em cinza escuro) e a forma piramidal que remete ao Parque do Povo.



Figura42: Logo Arraial

Fonte: Produzido pela autora

Um dos elementos mais marcantes no projeto é o cobogó. Ele tem a forma vazada do logo e foi pintado no tom amarelo para conferir identidade ao projeto, além de trazer permeabilidade visual entre os ambientes e permitir a ventilação dos mesmos. Ainda seguindo o padrão do logo, o mural pintado nas laterais, entre as janelas, nada mais é que a replicação dessa figura em sentidos diferentes.



Figura43: Esquema cobogó vista frontal

Fonte: Produzido pela autora



Figura44: Padrão mural

Fonte: Produzido pela autora

Outro elemento visto nas fachadas é o retângulo. Ele está presente nas janelas laterais, que são em esquadria de alumínio e vidro, na pele de vidro (fachada principal) e na marquise, que é em tirantes metálicos e vidros. No interior, esse atributo é utilizado nas portas de correr das salas de exposição e imersão, nos painéis de exposição da área de estar e na divisória articulada da sala de exposição. A divisória funciona como uma cortina de vidro, mas quando fechada garante isolamento acústico e privacidade.



Figura45: Esquema janelas
vista lateral e frontal
Fonte: Produzido pela autora



Figura46: Esquema porta salas de exposição e imersão vista frontal
Fonte: Produzido pela autora

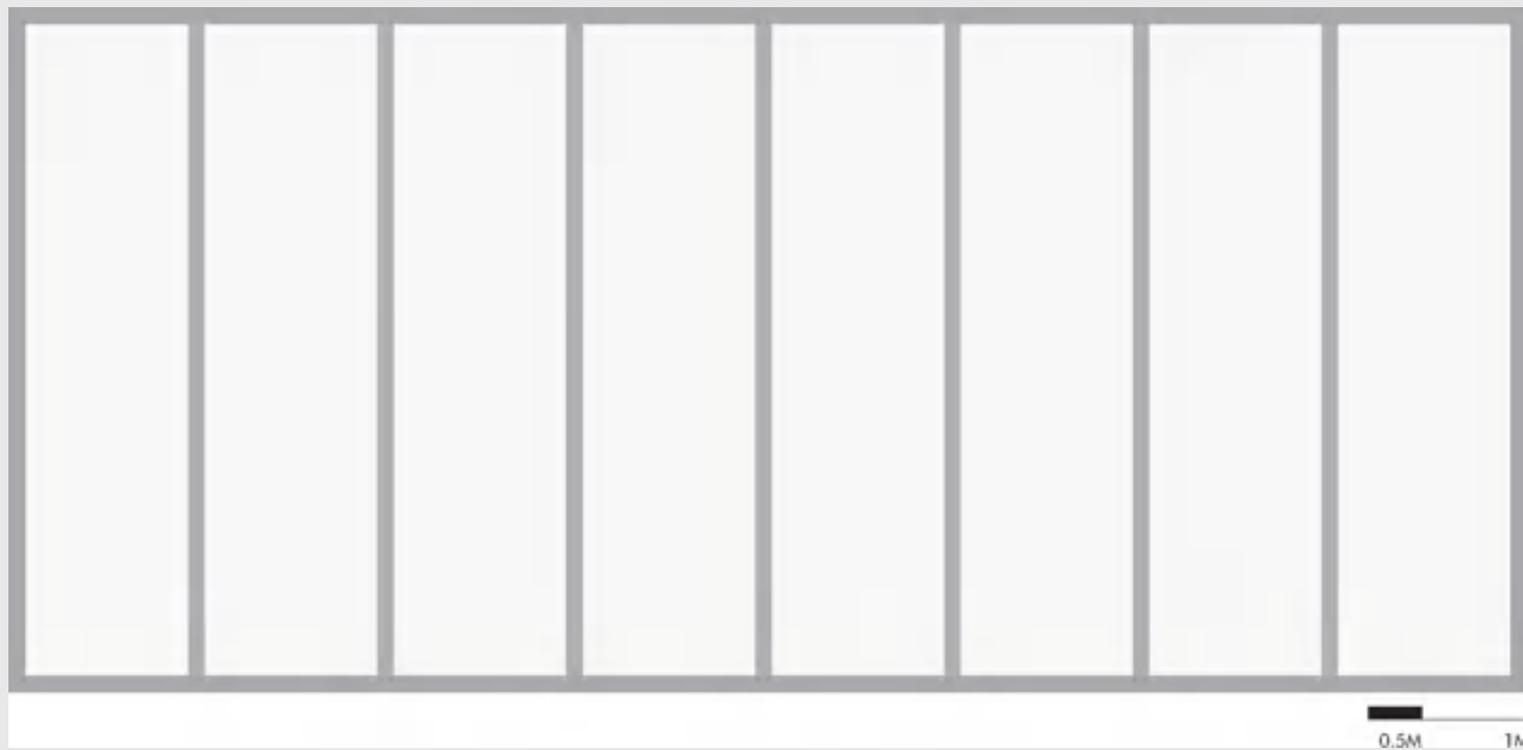


Figura47: Esquema marquise vista superior

Fonte: Produzido pela autora



Figura48: Esquema painel de exposição
área de estar e exposição, vista frontal
Fonte: Produzido pela autora



Figura49: Divisórias articuladas
Fonte:SPR Divisórias

Os triângulos ainda são usados separados como bancos, em espaços como o hall e a área de estar. Outro elemento marcante é o guarda corpo em vidro e metal, utilizado tanto no interior como no exterior da edificação.



Figura50: Esquema bancos

Fonte: Produzido pela autora

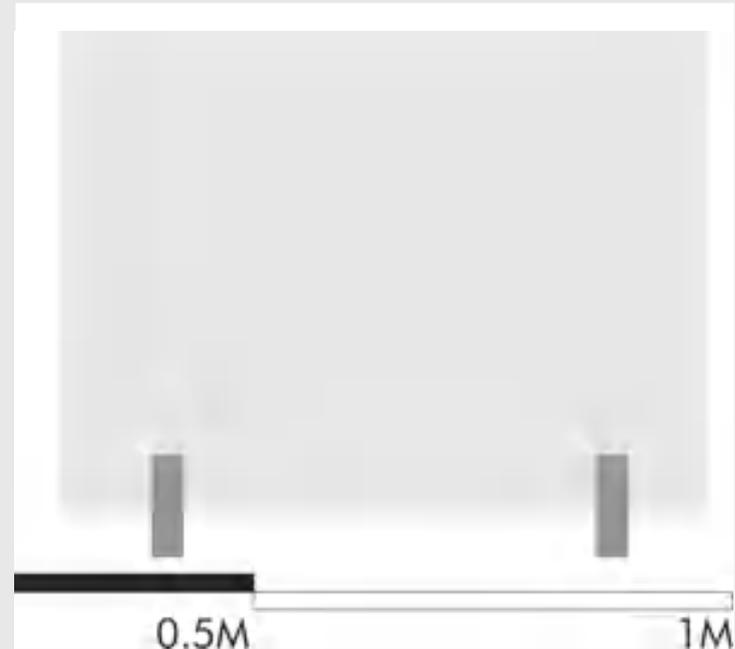


Figura51: Esquemas guarda corpo

Fonte: Produzido pela autora

Sobre a materialidade, na parte de estacionamentos foi utilizado o intertravado. O motivo mais relevante para ter sido utilizado esse tipo de revestimento é que ele garante uma permeabilidade de 80%. Já o piso externo da fachada principal é em concreto liso, o que garante a durabilidade e permite que a vizinhança possa utilizar o local para atividades de lazer como andar de patins ou skate. No jardim foi utilizada grama verde esmeralda.



Figura52: Esquemas materialidade

Fonte: Produzido pela autora

O edifício é em alvenaria com estrutura independente de concreto, as paredes seguem a paleta de cores do projeto: amarelo, branco e tons de cinza. O vidro foi muito utilizado na edificação (janelas, pele de vidro e guarda corpos). Essa foi uma alternativa para garantir uma maior leveza e permeabilidade visual. No interior, o piso é em cimento queimado cinza, um material que transmite regionalidade e de fácil manutenção.



Figura53: Imagem fachada principal

Fonte: Produzido pela autora



Figura54: Imagem lateral fachada principal

Fonte: Produzido pela autora



Figura55: Imagem lateral direita

Fonte: Produzido pela autora



Figura56: Imagem diagonal esquerda

Fonte: Produzido pela autora



Figura57: Imagem lateral esquerda

Fonte: Produzido pela autora



Figura 58: Imagem externa lanchonete

Fonte: Produzido pela autora



Figura59: Imagem interna café

Fonte: Produzido pela autora



Figura60: Imagem interna café II

Fonte: Produzido pela autora



Figura61: Imagem vista do café

Fonte: Produzido pela autora



Figura62: Imagem interna área de apresentações

Fonte: Produzido pela autora



Figura63: Imagem interna espaço estar/ exposição

Fonte: Produzido pela autora



Figura64: Imagem interna mezanino

Fonte: Produzido pela autora



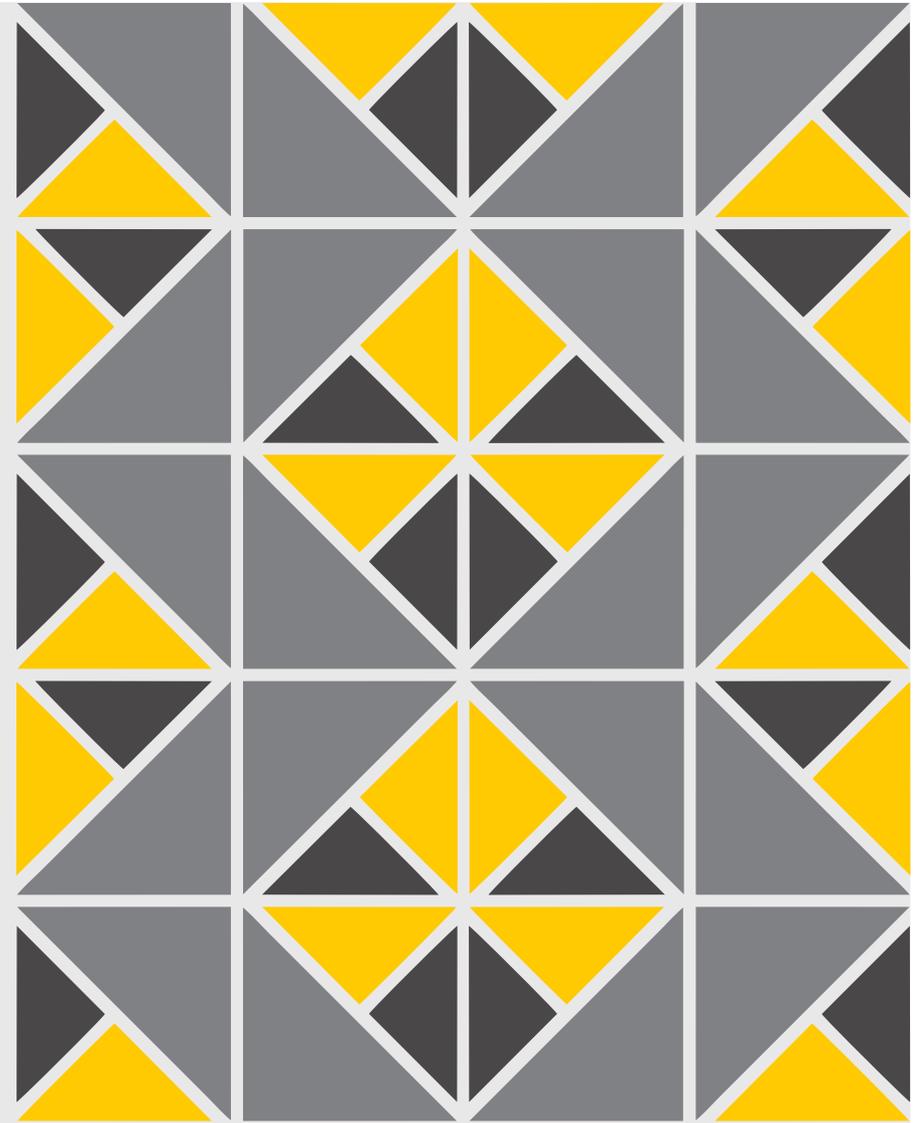
Figura65: Imagem interna sala exposição

Fonte: Produzido pela autora



Figura66: Imagem interna sala de imersão

Fonte: Produzido pela autora



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho nasce de uma inquietação acerca da memória da cultura junina da cidade de Campina Grande (PB). Nesse sentido, procura responder às questões colocadas enquanto premissas na Introdução: Como poderíamos, a partir da arquitetura, contar a história de tanta gente, e mesmo da cidade? Que tipo de intervenção poderia contribuir para a difusão de narrativas relacionadas a experiências vividas nos festejos juninos da Rainha da Borborema? Qual operação seria capaz de articular, espacial e imageticamente, do particular ao universal, as tradições da nossa terra?

A partir disso, pensou-se em um design não apenas convidativo, como funcional, capaz de abraçar as tantas atividades propostas, que materializasse em sua função e forma referências culturais da tradição em questão. Locado em uma região estratégica, o projeto foi pensado especialmente para receber e comunicar as variáveis dessa história, fugindo do caricato, permitindo experiências sensoriais fluídas por meio de uma arquitetura moderna, usual e refinada.

Sendo assim, o presente trabalho tem como foco a concepção de uma Casa de Cultura Junina na cidade de Campina Grande. O equipamento aqui proposto, pretende preencher a lacuna identificada, a partir da concepção de um espaço que possa ao mesmo tempo, servir como apoio para aqueles que vivenciam e fazem parte da cultura junina, notadamente aos quadrilheiros, mas também para os cidadãos campinenses e visitantes em geral, que desejem não só conhecer sua história, mas também experienciá-la.

Pensar a proposta da Casa de Cultura Junina foi, antes de tudo, um exercício de imaginação entre memória individual e coletiva, que buscou materializar espacialmente um local para disseminação dos processos culturais do povo campinense.

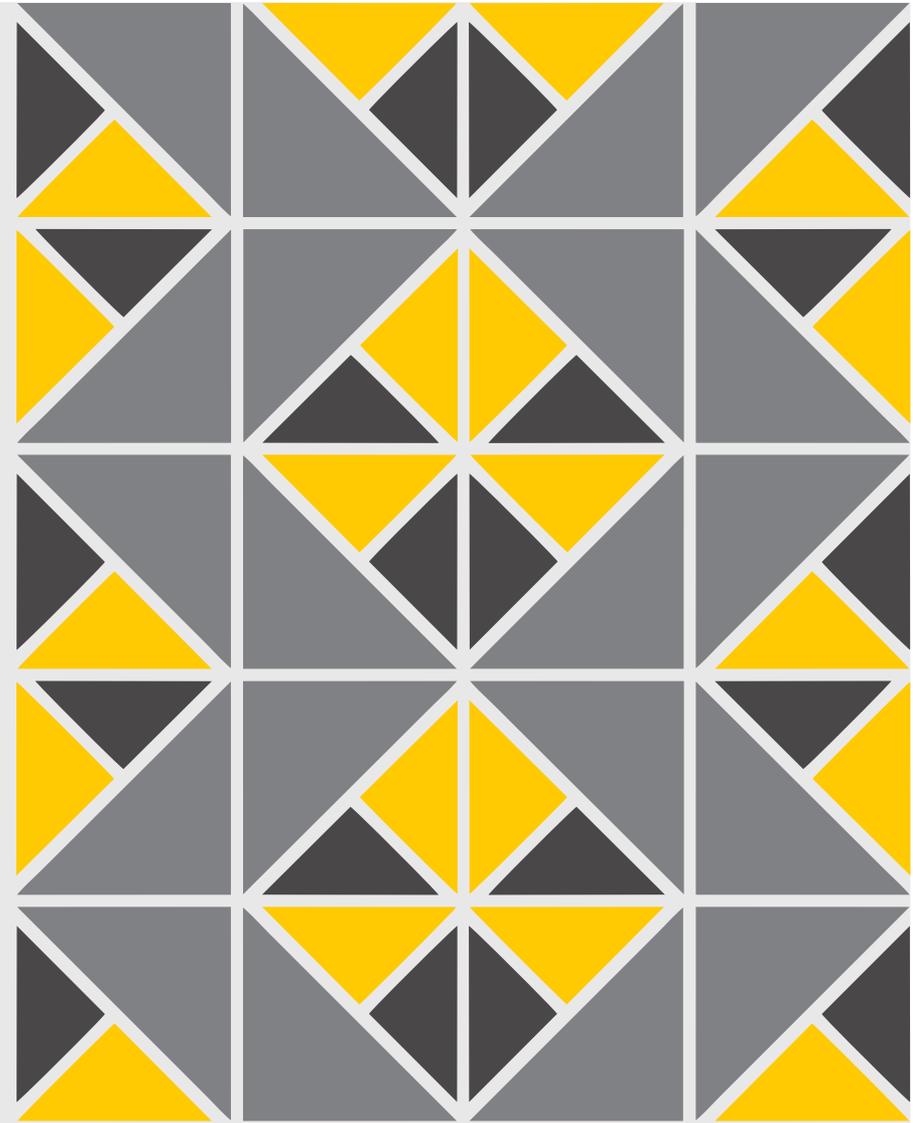
Para que a concepção do projeto fosse possível nos ancoramos em um referencial teórico multidisciplinar, recorrendo a autores não só da Arquitetura e do Urbanismo, mas também das Ciências Sociais e da História, para compreender e fundamentar as concepções de cultura e história da própria tradição.

Com isso, percebemos como Campina Grande está intimamente ligada aos festejos que ocorrem durante o mês de junho e que, conseqüentemente, moldam e fazem parte da identidade local, sendo responsáveis por movimentar o turismo, a hotelaria, a economia e diversos outros setores da cidade que se orgulha de sediar, há mais de quarenta anos, “O Maior São João do Mundo”.

Assim comprova-se a necessidade de um local que abrigue essa cultura, tal qual o Passo do Frevo abriga a cultura do frevo e a Casa do Carnaval o carnaval baiano. Estes dois correlatos foram, inclusive, fundamentais para a definição de diretrizes e para o processo de construção e desenvolvimento projetual, provando-se exemplares de como salvaguardar culturas de massa.

Iniciando pela revisão da literatura e estudo dos problemas e gestores da festa, buscou-se primeiramente compreender as necessidades de equipamentos com propostas semelhantes. Em seguida, analisando os problemas um a um as soluções foram buscadas e avaliadas. Foram também realizados estudos sobre possíveis locações, no intuito de escolher um terreno que estivesse alinhado com as necessidades postas, e, finalmente, iniciou-se o processo de concepção que demandou tempo e muitas análises. O resultado disso foi uma Casa de Cultura que busca diálogo entre história e técnica.

O produto desse estudo caracteriza-se, portanto, como proposta de fomento para o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial local, um convite para a reflexão sobre as dinâmicas sociais das festas de São João de Campina Grande, uma ideia de estrutura que abrigue a importância dos nossos costumes e garanta a propagação dessa história para as mais diversas gerações.



6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Raphael. **O novo Açude Velho: A produção de empreendimentos habitacionais multifamiliares no centro de campina grande - pb (1990 – 2017)**. Campina Grande, PB 2018.

ARAÚJO, Valéria de Fátima Chaves. **A TEMATIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E A ECONOMIA CRIATIVA LOCAL: ESTUDO DE CASO A PARTIR DO 'MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO' EM CAMPINA GRANDE - PB**. 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. 2015. Rio de Janeiro, 2015.

CARVALHO, R. M. R.. **Plano Museológico para o Paço do Frevo**. 2013.

“Conheça as quadrilhas juninas campeãs em Campina Grande e João Pessoa”. Portal Correio, 17 de Junho de 2019. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/conheca-as-quadrilhas-juninas-campeas-em-campina-grande-e-joao-pessoa/> . Acessado em: 27 de Novembro de 2020.

"Casa do Carnaval / A&P Arquitetura e Urbanismo". 30 Nov 2017. ArchDaily Brasil. Acessado 17 Nov 2020. <<https://www.archdaily.com.br/br/883960/casa-do-carnaval-a-and-p-arquitetura-e-urbanismo>> ISSN 0719-8906.

Código de Obras da cidade de Campina Grande, Lei Nº 5410/13 de 23 de Dezembro de 2013.

Código de Obras e Edificações de São Paulo, Lei nº 16.642 de 9 de Maio de 2017.

Dados climáticos para Campina Grande. Disponível em: <http://projeteee.mma.gov.br/> . Acessado em: 27 de Novembro de 2020.

“Idealizador conta como surgiu em Campina Grande o evento Quadrilhando”. Disponível em: <https://paraibaonline.com.br/2020/02/idealizador-Conta-como-surgiu-em-campina-grande-o-evento-quadrilhando/> . Acessado em: 27 de Novembro de 2020.

LAMAS, J.M.R.G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LAWSON, Bryan. **Como arquitetos e designers pensam**. Tradução de Maria Beatriz Medina. São Paulo: Oficina de textos. 2011.

LIMA, E. C. A.. **A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. 2ª. ed. Campina Grande: EDUFPG, 2008. v. 1. 251p.

G1Paraíba. **“São João de Campina Grande começou há 35 anos com improviso; conheça história”**. G1 PB. 08 de Junho de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2018/noticia/sao-joao-de-campina-grande-comecou-ha-35-anos-com-improviso-conheca-historia.ghtml>. Acessado em: 27 de novembro de 2020.

MAHFUZ, Edson. **Reflexões sobre a construção da forma pertinente**. Arqtextos, ano 04, 2004.

MAPP - UEPB. **“Museu de Arte Popular da Paraíba” 2016**. Disponível em: <http://museu.uepb.edu.br/mapp/apresentacao/>. Acessado em: 21 de julho de 2020

MARQUES, Jordana Alyne Santos. **As territorialidades da festa junina de Campina Grande-PB (2016-2017)**. Natal, 2018.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural iniciação, teoria e temas**. Petrópolis: Vozes, 1982.

MORGADO, Ana Cristina. **As múltiplas concepções da cultura**. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 1-8, mar. 2014.

Norma Técnica Sabesp NTS 281, São Paulo, Novembro de 2011.

OLIVEIRA, Renata Carlos de. **O Papel da Arquitetura na Construção da Ambiência em Museus Interativos**. Campina Grande, Paraíba, 2017.

PASSOS, Maria Clara. **ANAVAN: Um caminhar no palco do maior São João do Mundo**. Campina Grande, PB. 2018

PERDIGÃO, J. **Dos costumes ao espetáculo: a transformação da festa junina campinense em “o maior São João do mundo”**. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v.15, n.1. p.52-68, 2015.

Plano diretor de Campina Grande, Lei complementar Nº 003, de 09 de outubro de 2006.

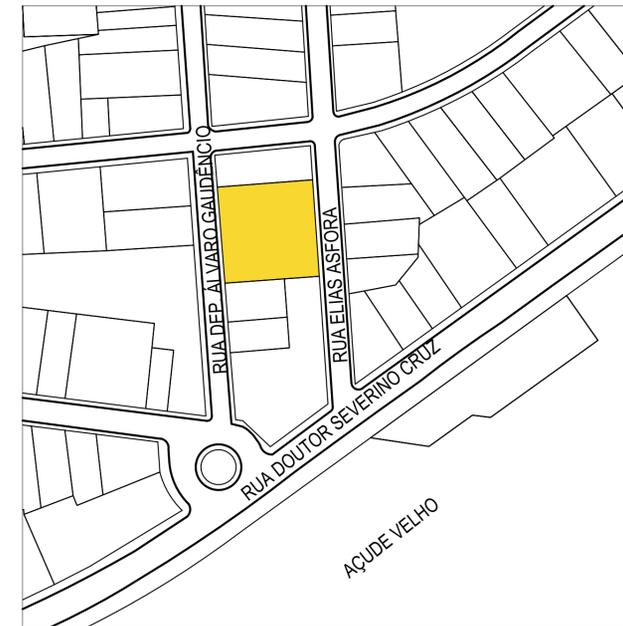
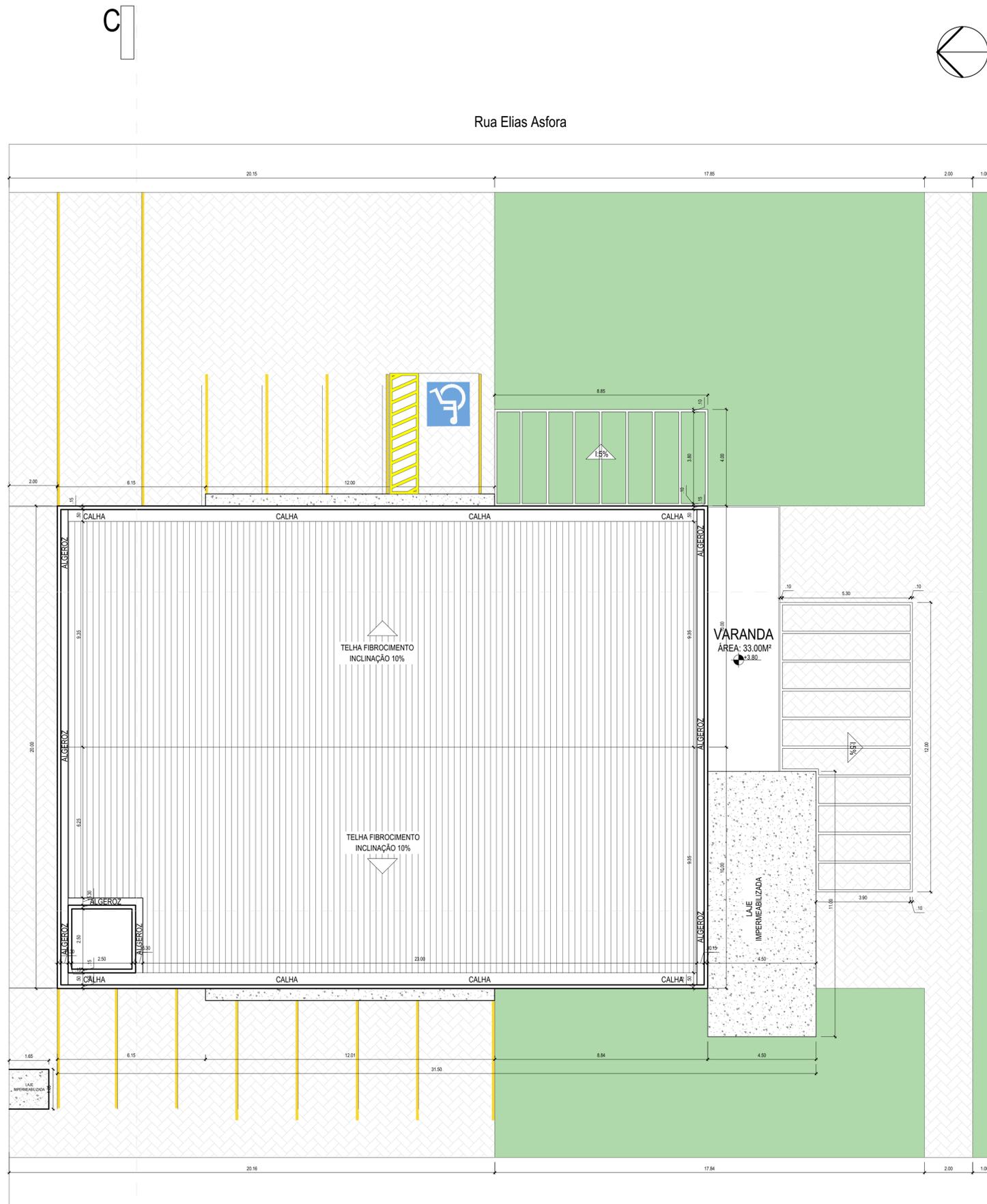
QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande (PB) em transformação (1930-1950)**. 1. ed. Campina Grande: EDUFPG, 2016. 262p.

SESI. **“SESI Museu Digital de Campina Grande”**. Disponível em: <https://sesimuseudigital.com.br/>. Acessado em: 21 de julho de 2020

TEJO, William. **“O São João de Antigamente em Campina Grande II”**. Jornal da Paraíba - C.Grande, 30/06/1987.

“Vila São João” agora é empresa privada. Pagina1 PB. Campina Grande, 27 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.pagina1pb.com.br/vila-sao-joao-agora-e-empresa-privada/>. Acessado em: 27 de Novembro de 2020.

Você tem cultura? MATTA, Roberto da, artigo publicado no Jornal da Embratel, Rio de Janeiro, 1981.



PLANTA COBERTA

ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA

ESCALA 1/1500

A

A

B

B

C

C

PLANTA COBERTA

ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA

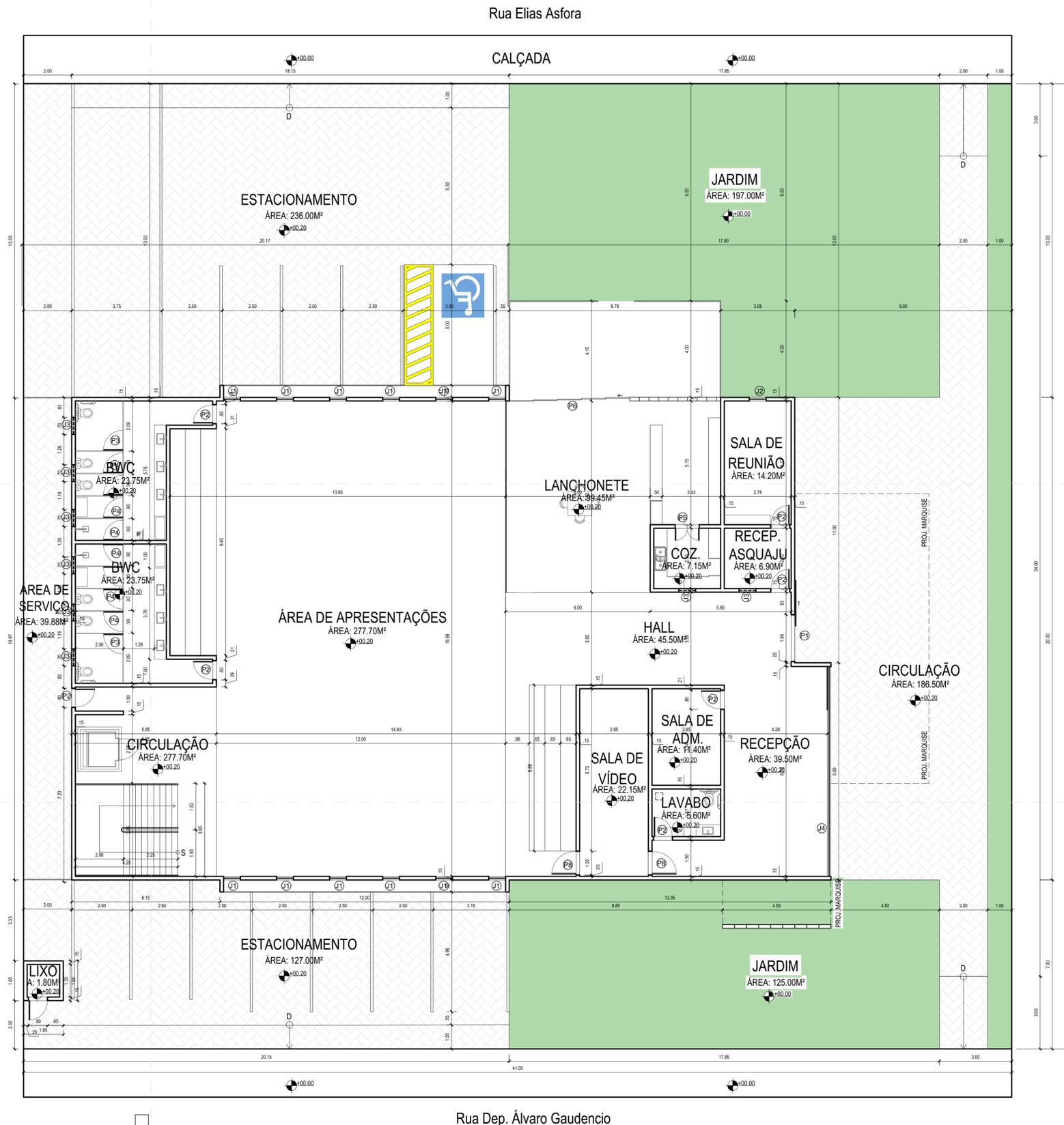
ESCALA 1/100

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PRANCHA
01/08

PROJETO : ARRAIAL ESTUDO PRELIMINAR PARA UMA CASA DE CULTURA JUNINA
LOCALIZAÇÃO : RUA ELIAS ASFORA, S/N, CENTRO, CAMPINA GRANDE-PB
DISCENTE : EMILLE DE SOUSA GOMES

ESCALA :	1/100	ÁREA DO TERRENO	1640.00 M²
DESENHOS :	PLANTA COBERTA	ÁREA TÉRREO	648.00 M²
	PLANTA SITUAÇÃO	ÁREA PRIMEIRO PAVIMENTO	613.00 M²
		ÍNDICE DE APROVEITAMENTO	0.76
		TAXA DE OCUPAÇÃO	39%
		TAXA DE PERMEABILIDADE	38%



PORTAS	CÓDIGO	MEDIDAS	TIPO/MATERIAL
	P1	2,00X 3,25	CORRER - VIDRO
	P2	0,80X 2,10	GIRO - MADEIRA
	P3	1,00X 2,10	GIRO - MADEIRA
	P4	0,80X 2,10	GIRO - MADEIRA
	P5	1,00X 2,10	VAI E VEM - MADEIRA
	P6	5,00X 3,25	CORRER 5 F. - VIDRO
	P7	1,45X 3,00	CORRER - MADEIRA
	P8	3,80X 3,17	DIVISÓRIA ARTICULADA
JANELAS	J1	0,70X 6,50	MAXI AR- VIDRO
	J2	0,70X 2,70	PIVOTANTE - VIDRO
	J3	0,70X 0,50	FIXA 2 FOLHAS - VIDRO
	J4	8,70X 7,00	FIXA - VIDRO

QUADRO DE ESQUADRIAS

ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA

A

A

B

B

C

C

PLANTA BAIXA TÉRREO

ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA

ESCALA 1/100

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PRANCHA

PROJETO : ARRAIAL ESTUDO PRELIMINAR PARA UMA CASA DE CULTURA JUNINA

LOCALIZAÇÃO : RUA ELIAS ASFORA, S/N, CENTRO, CAMPINA GRANDE-PB

DISCENTE : EMILLE DE SOUSA GOMES

02/08

ESCALA : 1/100

ÁREA DO TERRENO 1640,00 M²

DESENHOS : PLANTA BAIXA TÉRREO

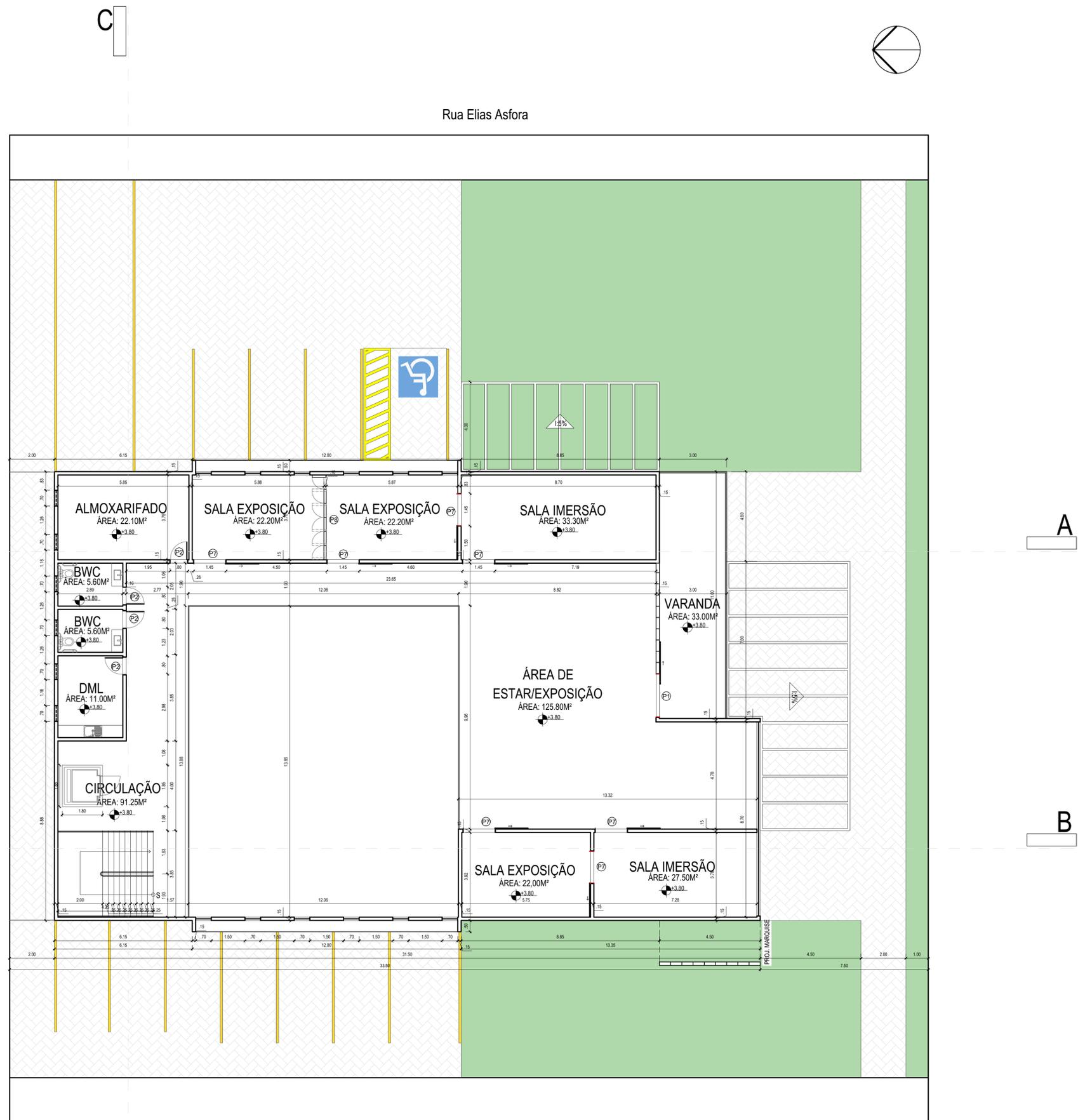
ÁREA TÉRREO 648,00 M²

ÁREA PRIMEIRO PAVIMENTO 613,00 M²

ÍNDICE DE APROVEITAMENTO 0,76

TAXA DE OCUPAÇÃO 39%

TAXA DE PERMEABILIDADE 38%



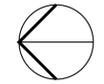
PLANTA BAIXA 1º PAVIMENTO

ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA ESCALA 1/100

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

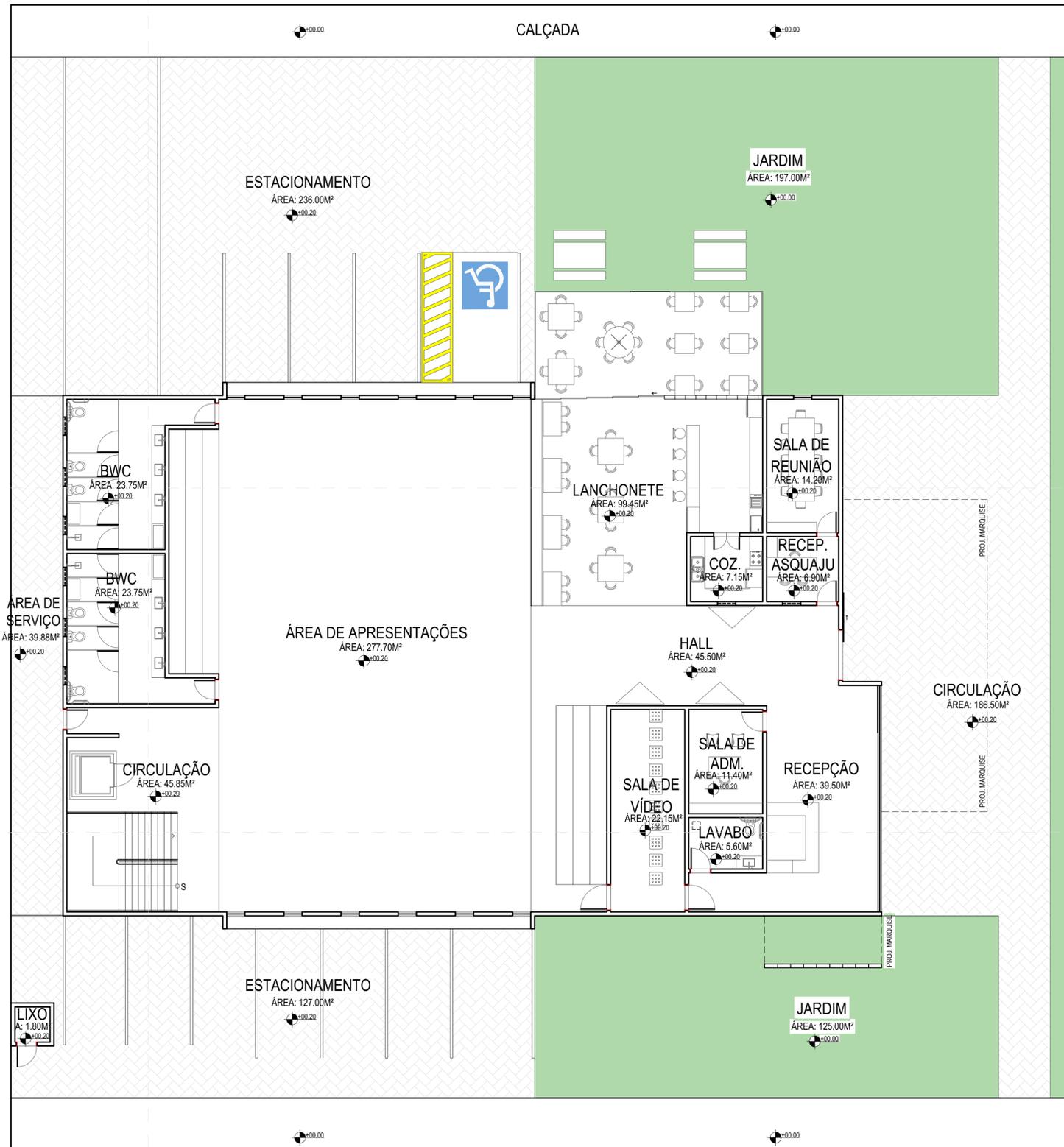
PRANCHA
03/08
PROJETO : ARRAIAL ESTUDO PRELIMINAR PARA UMA CASA DE CULTURA JUNINA
LOCALIZAÇÃO : RUA ELIAS ASFORA, S/N, CENTRO, CAMPINA GRANDE-PB
DISCENTE : EMILLE DE SOUSA GOMES

ESCALA	1/100	ÁREA DO TERRENO	1640.00 M²
DESENHOS	PLANTA BAIXA 1º PAVIMENTO	ÁREA TÉRREO	648.00 M²
		ÁREA PRIMEIRO PAVIMENTO	613.00 M²
		ÍNDICE DE APROVEITAMENTO	0.76
		TAXA DE OCUPAÇÃO	39%
		TAXA DE PERMEABILIDADE	38%



Rua Elias Asfora

CALÇADA



A

A

B

B

C

C

Rua Dep. Álvaro Gaudencio

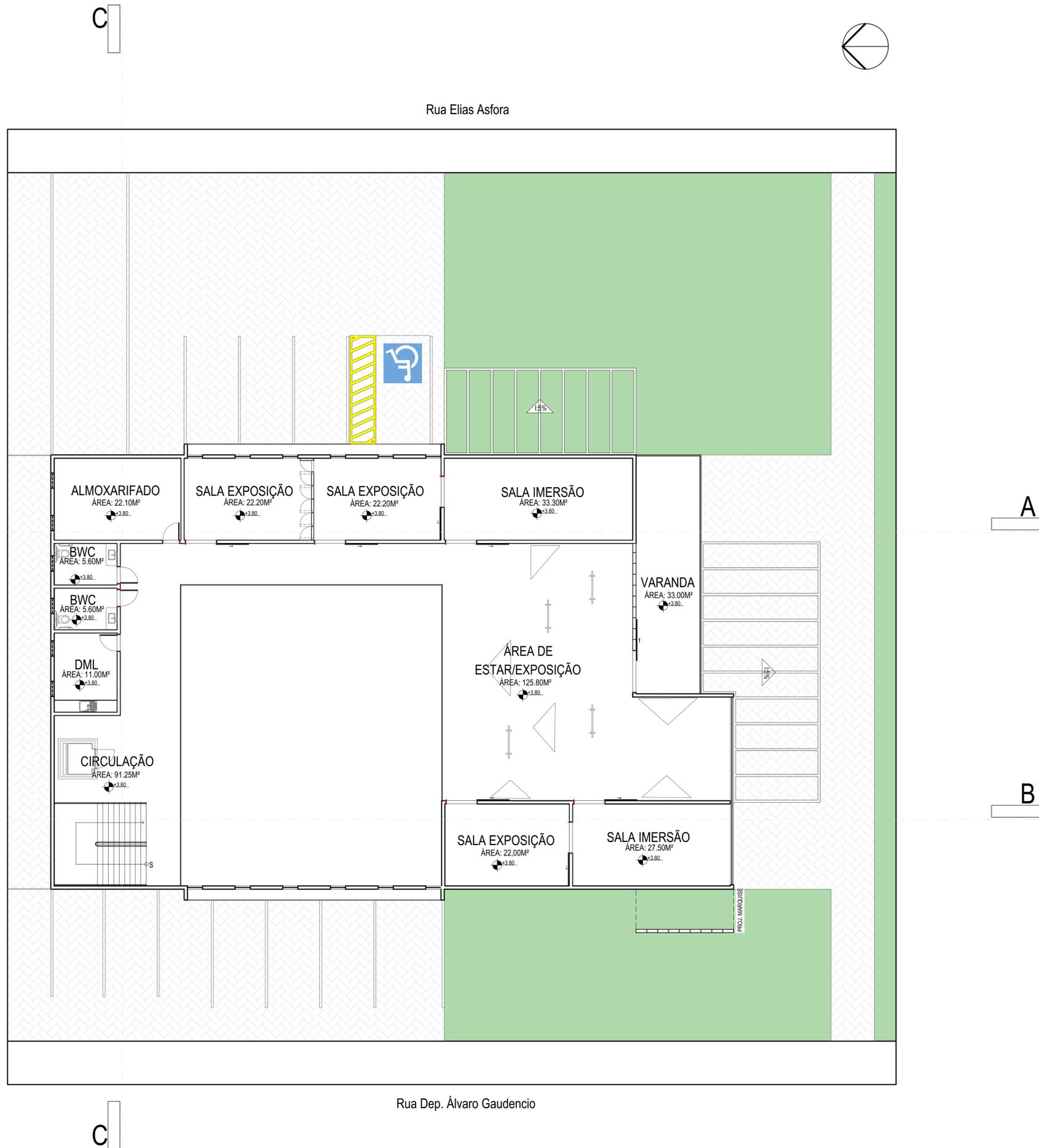
PLANTA LAYOUT TÉRREO

ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA ESCALA 1/100

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
 CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PRANCHA
04/08
 PROJETO : ARRAIAL ESTUDO PRELIMINAR PARA UMA CASA DE CULTURA JUNINA
 LOCALIZAÇÃO : RUA ELIAS ASFORA, S/N, CENTRO, CAMPINA GRANDE-PB
 DISCENTE : EMILLE DE SOUSA GOMES

ESCALA	1/100	ÁREA DO TERRENO	1640.00 M ²
DESENHOS	PLANTA LAYOUT TÉRREO	ÁREA TÉRREO	648.00 M ²
		ÁREA PRIMEIRO PAVIMENTO	613.00 M ²
		ÍNDICE DE APROVEITAMENTO	0.76
		TAXA DE OCUPAÇÃO	39%
		TAXA DE PERMEABILIDADE	38%



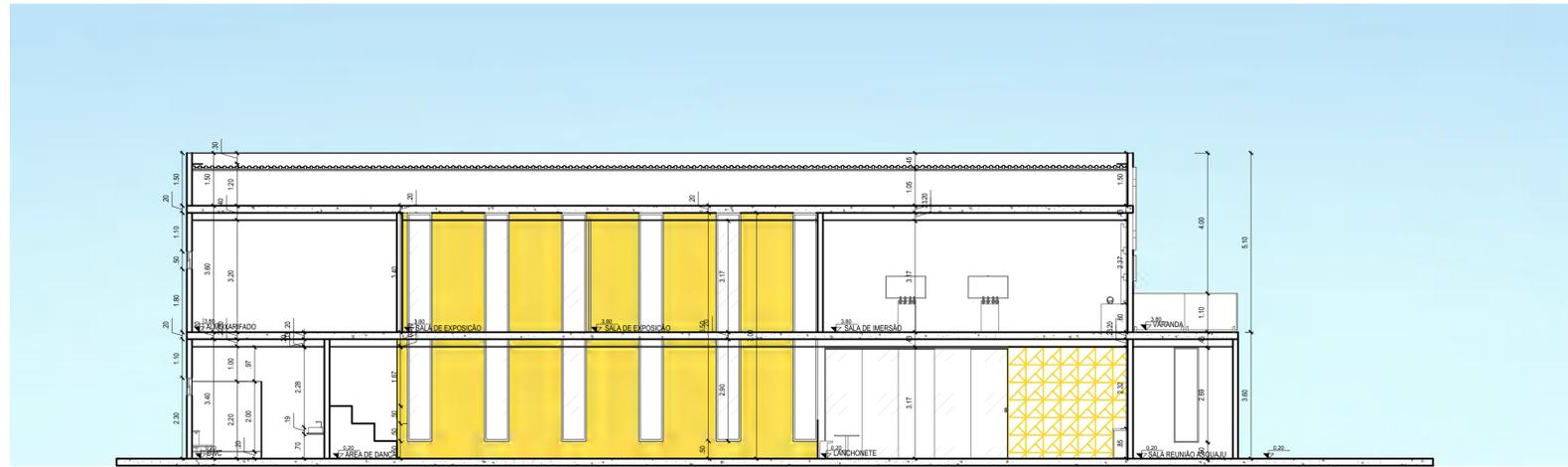
PLANTA LAYOUT 1º PAVIMENTO

ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA ESCALA 1/100

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PRANCHA
05/08
PROJETO : ARRAIAL ESTUDO PRELIMINAR PARA UMA CASA DE CULTURA JUNINA
LOCALIZAÇÃO : RUA ELIAS ASFORA, S/N, CENTRO, CAMPINA GRANDE-PB
DISCENTE : EMILLE DE SOUSA GOMES

ESCALA	: 1/100	ÁREA DO TERRENO	1640.00 M²
DESENHOS	: PLANTA LAYOUT 1º PAVIMENTO	ÁREA TÉRREO	648.00 M²
		ÁREA PRIMEIRO PAVIMENTO	613.00 M²
		ÍNDICE DE APROVEITAMENTO	0.76
		TAXA DE OCUPAÇÃO	39%
		TAXA DE PERMEABILIDADE	38%



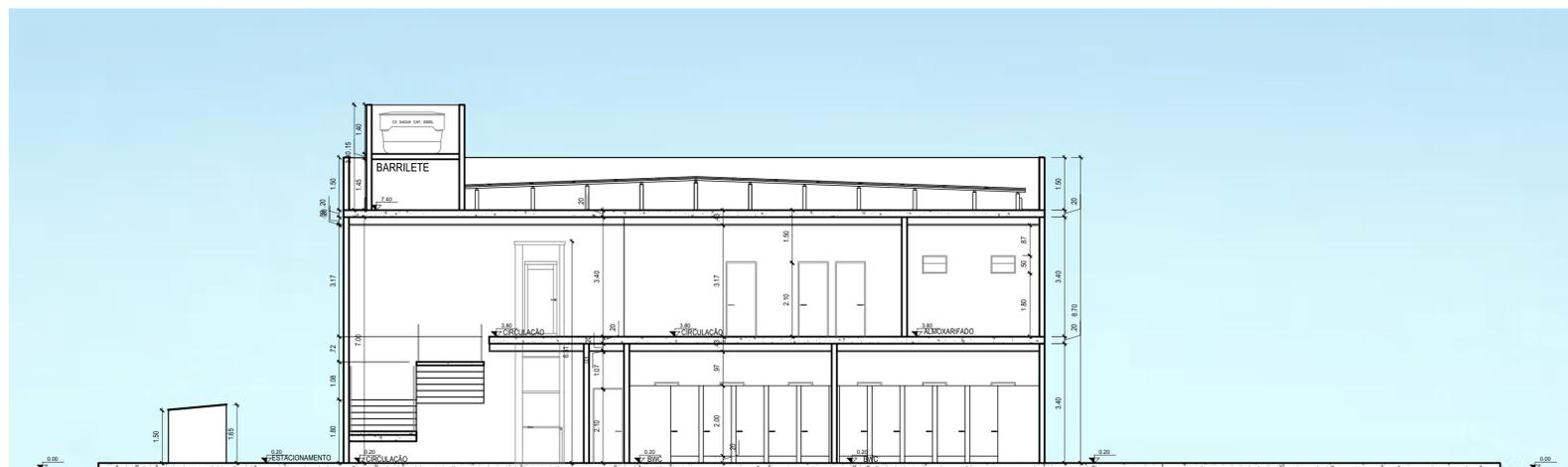
CORTE AA

ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA ESCALA 1/100



CORTE BB

ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA ESCALA 1/100



CORTE CC

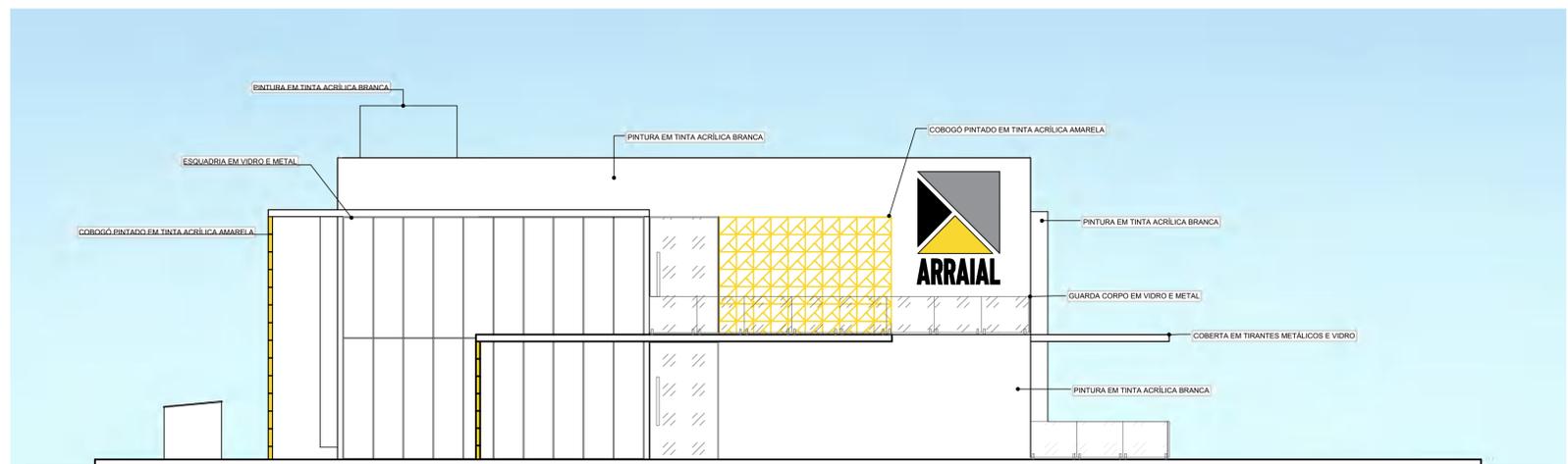
ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA ESCALA 1/100

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PRANCHA
PROJETO : ARRAIAL ESTUDO PRELIMINAR PARA UMA CASA DE CULTURA JUNINA
LOCALIZAÇÃO : RUA ELIAS ASFORA, S/N, CENTRO, CAMPINA GRANDE-PB
DISCENTE : EMILLE DE SOUSA GOMES

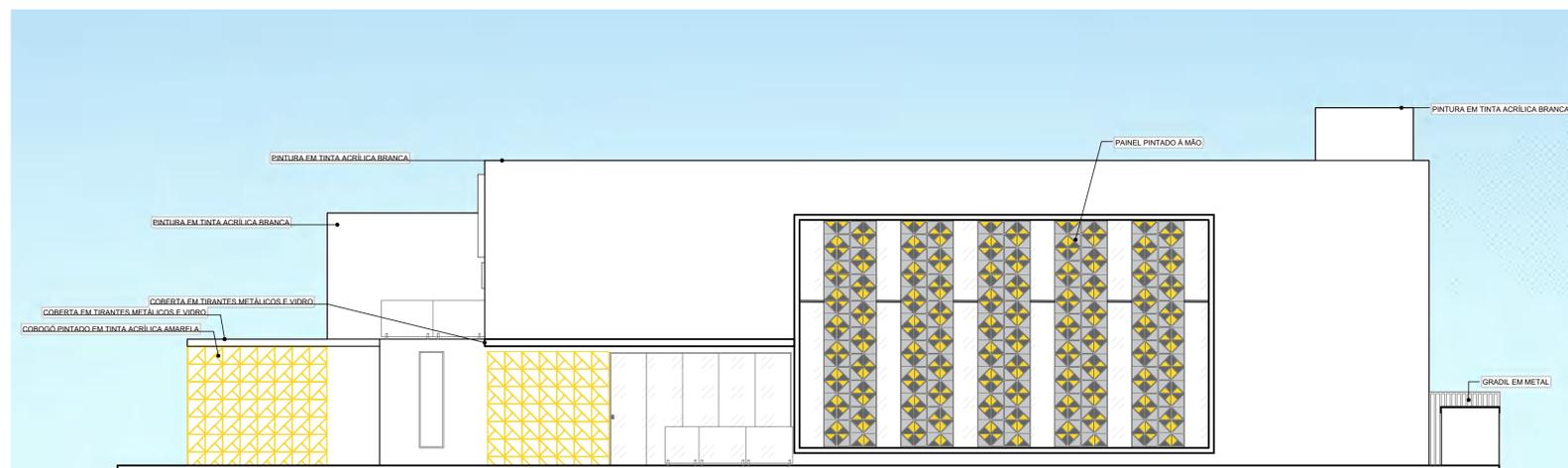
06/08

ESCALA :	1/100	ÁREA DO TERRENO	1640.00 M ²
DESENHOS :	CORTES	ÁREA TÉRREO	648.00 M ²
		ÁREA PRIMEIRO PAVIMENTO	613.00 M ²
		ÍNDICE DE APROVEITAMENTO	0.76
		TAXA DE OCUPAÇÃO	39%
		TAXA DE PERMEABILIDADE	38%



FACHADA SUL

ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA ESCALA 1/100



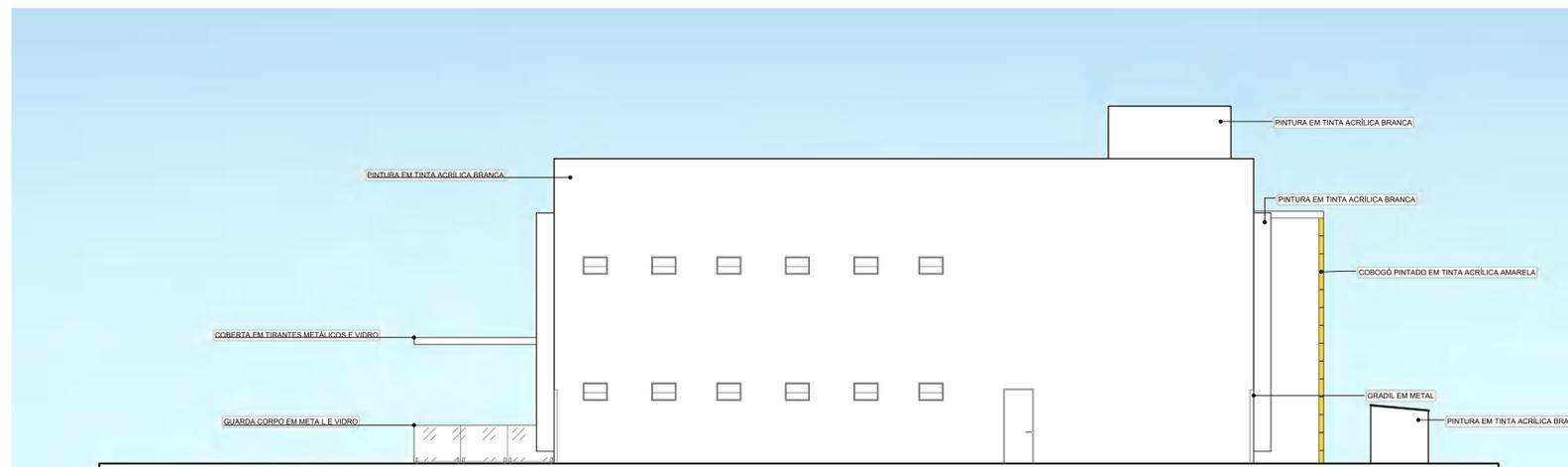
FACHADA LESTE

ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA ESCALA 1/100

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PRANCHA
07 08
PROJETO : ARRAIAL ESTUDO PRELIMINAR PARA UMA CASA DE CULTURA JUNINA
LOCALIZAÇÃO : RUA ELIAS ASFORA, S/N, CENTRO, CAMPINA GRANDE-PB
DISCENTE : EMILLE DE SOUSA GOMES

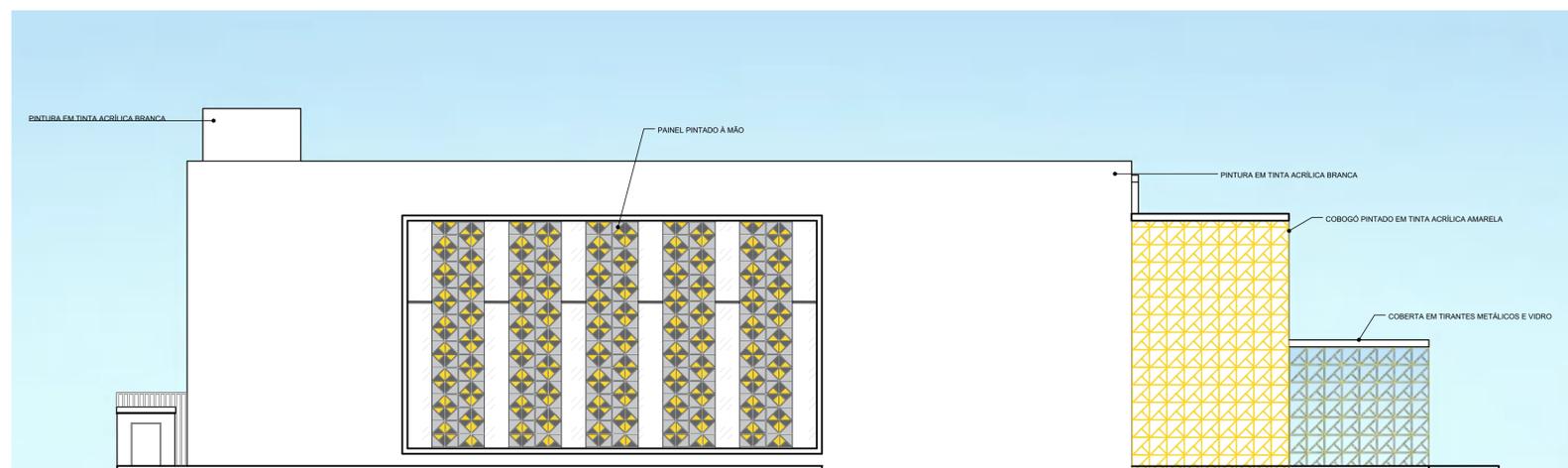
ESCALA	: 1/100	ÁREA DO TERRENO	1640.00 M ²
DESENHOS	: FACHADAS	ÁREA TÉRREO	648.00 M ²
		ÁREA PRIMEIRO PAVIMENTO	613.00 M ²
		ÍNDICE DE APROVEITAMENTO	0.76
		TAXA DE OCUPAÇÃO	39%
		TAXA DE PERMEABILIDADE	38%



FACHADA NORTE

ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA

ESCALA 1/100



FACHADA OESTE

ARRAIAL CASA DE CULTURA JUNINA

ESCALA 1/100

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PRANCHA
PROJETO : ARRAIAL ESTUDO PRELIMINAR PARA UMA CASA DE CULTURA JUNINA
LOCALIZAÇÃO : RUA ELIAS ASFORA, S/N, CENTRO, CAMPINA GRANDE-PB
DISCENTE : EMILLE DE SOUSA GOMES

08/08

ESCALA	: 1/100	ÁREA DO TERRENO	1640,00 M ²
DESENHOS	: FACHADAS	ÁREA TÉRREO	648,00 M ²
		ÁREA PRIMEIRO PAVIMENTO	613,00 M ²
		ÍNDICE DE APROVEITAMENTO	0,76
		TAXA DE OCUPAÇÃO	39%
		TAXA DE PERMEABILIDADE	38%